

Revista da Semana

ANO XLIV ... N.º 36
4 de Setembro de 1943

Cr\$ 2,50 no Distrito Federal
Cr\$ 3,00 nos Estados

SUPLEMENTO

DE GUERRA NO TEXTO





ESTAMPAMOS AO LADO UMA FOTO DA ARTISTICA VITRINE QUE EMBELESA A FACHADA DE A CINTA MODERNA. ONDE APARECE UMA BELA MINIATURA DO THEATRO MUNICIPAL, TENDO Á PORTA A FIGURA DO FESTEJADO BARITONO PATRICIO SILVIO VIEIRA, ARTISTA EXCLUSIVO DAQUELE ELEGANTE ESTABELECIMENTO. ESTA É UMA JUSTA E SIMPATICA HOMENAGEM DE 'A CINTA MODERNA' AO SEU ARTISTA EXCLUSIVO. PELO BRILHANTISMO DE SEUS NOTAVEIS DESEMPENHOS NA ATUAL TEMPORADA LIRICA, ONDE SE TEM DESTACADO COMO PROTAGONISTA DE VARIAS OPERAS.

A foto que estampamos acima, aspecto de uma das mais artisticas vitrines da cidade, é bem uma demonstração do senso comercial e pratico do sr. Jayme Motta, a cujo dinamismo inteligente e realizador de *busiman* moderno, deve A CINTA MODERNA a eficiencia de sua propaganda. Graças aos notaveis planos publicitarios do sr. Jayme Motta, A CINTA MODERNA é hoje o estabelecimento de indumentarias plasticas mais afamado da Capital da Republica, quicá do Brasil.

Homenagem de A CINTA MODERNA ao baritono SYLVIO VIEIRA, seu artista exclusivo

INAUGURADO O "BANCO CENTRAL MERCANTIL S/A."

O BANCO CENTRAL MERCANTIL S/A, inaugurado a 27 de Agosto surge no justo instante em que são convocados todos os recursos financeiros para elevar o Brasil ao alto nivel que ele deve ocupar.

O BANCO CENTRAL MERCANTIL S/A, com capital de um milhão de cruzeiros, é uma organização essencialmente brasileira. Sua diretoria é composta dos Srs. Dr. José Gobat, presidente, Augusto Leite Pessoa, diretor-gerente, além dos demais membros e de acionistas não menos merecedores de crédito.

UMA INOVAÇÃO PARA OS ESCOLARES

É uma prova de patriotismo o que vem de ser lançado pelo BANCO CENTRAL MERCANTIL S/A., no que se relaciona com a nossa mocidade escolar, a criação das CONTAS CORRENTES JUVENIS — novidade simpática, que por isto merece ser recebida com todo o apóio. O BANCO CENTRAL MERCANTIL S/A. premiará os alunos mais aplicados de 100 escolas desta capital, com 1 caderneta das CONTAS CORRENTES JUVENIS, instituídas para implantar o habito da economia no coração da juventude brasileira.

A solenidade inaugural das instalações e das atividades do BANCO CENTRAL MERCANTIL S/A. compareceram figuras das mais representativas em nosso mundo financeiro e social, entre as quais destacamos os srs. Dr. Deoclecio Dantas Duarte, presidente do Banco Aliança; Dr. Draut Ernany, diretor do Banco do Distrito Federal; Drs. Luiz Correa e Castro, do Banco Hipotecario Lar Brasileiro; Dr. Pedro Luiz Corrêa e Castro, da firma Sampaio & Castro; Dr. M. Paulo Filho, diretor do Correio da Manhã; Dr. A. J. Peixoto de Castro, diretor da Cia. Loterias Nacionais; dr. Alvaro de Araujo, do Banco Nacional de Descontos; Dr. Caio Motta; Dr. Manoel Silvino Monjardine; Srs. Luciano Rogere, grande industrial argentino; Mauro Figueiredo, da Embaixada Americana; Elias Chame, da Chame & Cia.; Dr. Euclides Souza Lima, tesoureiro do Sindicato de Drogas e Medicamentos; Luiz S. Oliveira, da Atlas Importadora Ltda.; José Silva Oliveira, vice-presidente da Bolsa de Imóveis; Odilon de Almeida, do Banco Boavista; F. Caetano, industrial; Dr. Eneas Silva, da Construtora Continental e muitas outras figuras representativas do comercio e industria nacionais

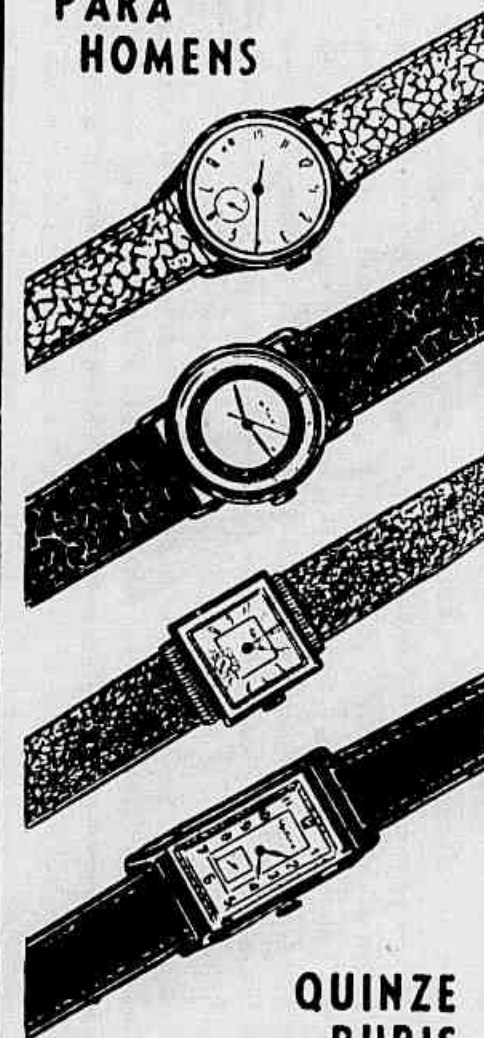


Flagrante da solenidade da inauguração do Banco Central Mercantil S. A.

OPTIMA

RELOGIOS DE PULSO
SUIÇOS
LEGITIMOS

PARA
HOMENS



QUINZE
RUBIS

Temos em estoque sortimento completo de relógios de diversos modelos e tamanhos, em aço inoxidável ou folheados.

CONDIÇÕES ESPECIAIS
A REVENDEDORES

Mesbla
SOCIEDADE ANÔNIMA

R. DO PASSEIO, 48/56

PRISÃO de VENTRE?



Pilulas

ALOICAS

REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS.

FALTA DE SORTE

JOÃO LUSO

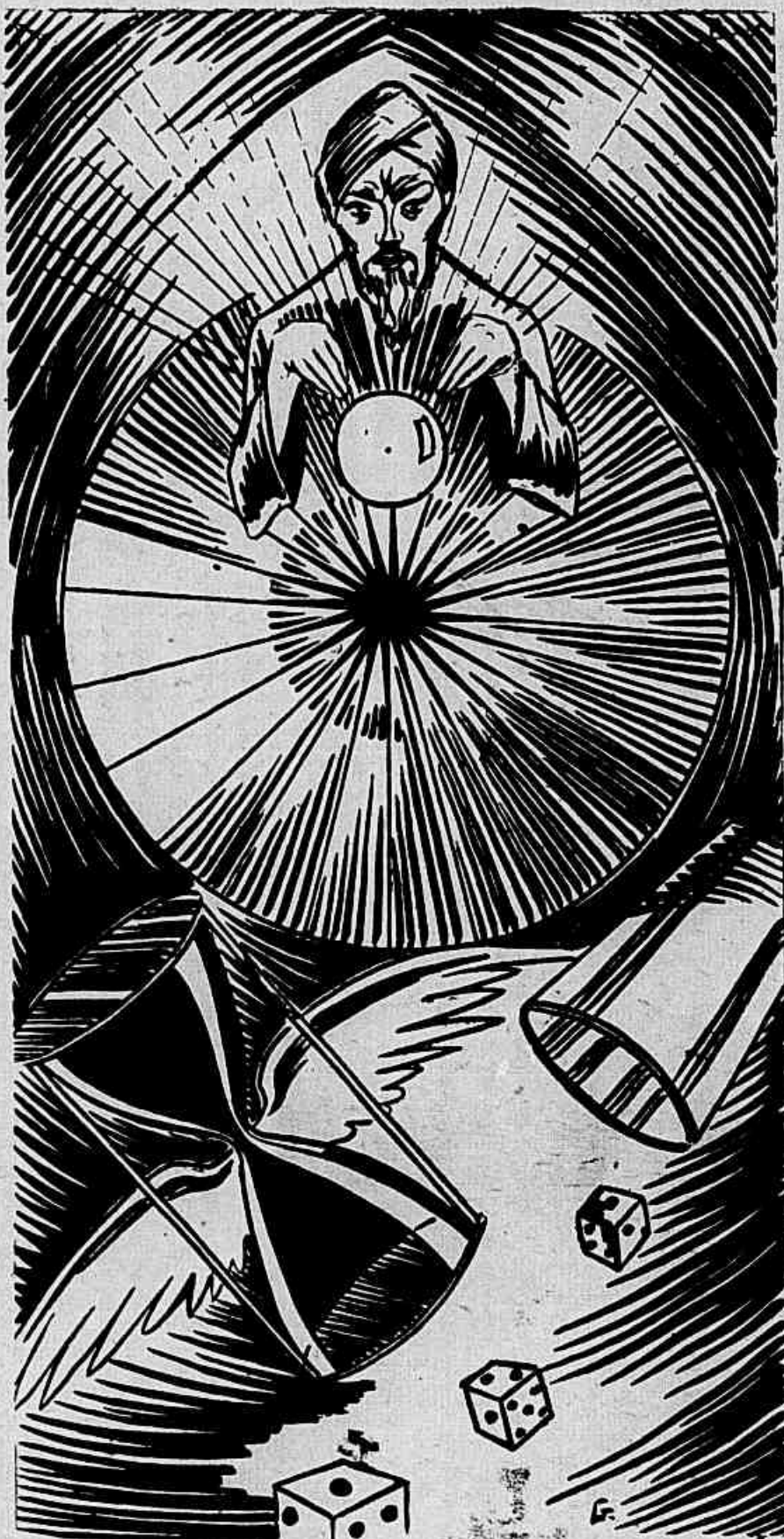
O meu camarada Justo Lúcio Nunes não tem sorte. Pelo menos, entende ele que a não tem. E às vezes, tão perseguido se sente pela adversidade; que, conforme as suas próprias palavras, nem sabe o que ha de fazer da vida.

Uma tarde, em que o via mais afeiçoado, mais desanimado, quiz dizer-lhe alguma coisa que realmente lhe aproveitasse. Dei-lhe vários conselhos e entre eles o de mudar de nome. Justo Lúcio Nunes, como indicação duma individualidade, dava-me a impressão duma taboleta funerária. Era muito *u* para um homem só. Se essa vogal tivesse o mesmo som em francês, certamente o poeta Rimbaud, no soneto célebre, a pintaria de preto. Justo Lúcio Nunes anunciava-se na vida e pretendia recomendar-se ao destino por uma combinação de notas lúgubres, soturnas, qual música de angústia e de luto a caminho dum túmulo. Aquele nome parecia acompanhar o enterro do dono. E só realmente assentaria num epitáfio.

Justo Lúcio Nunes ouviu esses argumentos — que, se outro valor não tinham, primavam pela sinceridade — como se lhes ligasse a maior importância. Meneava a cabeça, confirmando-os, acentuando-os, dando-lhes inteira aprovação. Quando achei que o tinha absolutamente convencido, calei-me, à espera da sua resposta. Justo Lúcio suspirou do fundo da alma, abaixou a cabeça que o peso das minhas razões evidentemente vencera... Mas conservou o nome. E continuou a lamentar-se da falta de sorte.

Em verdade, no que ele conta, nada se me afigura propriamente extraordinário. Justo Lúcio, como se olhasse através do nome, vê tudo escuro diante de si. Mentalmente, usa lunetas fumadas. Só ele mesmo, porém, encara de tal maneira a existência que leva. Nunes é pobre como quasi toda a humanidade. Sofre como qualquer homem que tenha aspirações, lute por isto ou por aquilo. Quizera exercer uma força ou um poder, mandar em alguém, dirigir alguma coisa, e não alcança esse ideal como o não atingem noventa e nove por cento dos habitantes do nosso planeta. Em suma: vê-se tratado pelos seus contemporâneos e pelos fados... como toda a gente.

Pobre Justo Lúcio! O que principalmente lhe falta é a boa compreensão do ditado segundo o qual não ha nada como um dia depois do outro. Justamente por ser vaga, tênue, dúbia; por não ter, a rigor, significação alguma, se presta aquela sentença às mais diversas interpretações. E cada qual deve cuidar reflectida, razoavelmente de a adaptar às suas condições ou, às suas necessidades. Se o meu camarada pudesse aplicar devidamente ao seu caso o referido principio, composto por um sutil filósofo que muito de propósito lhe não deu sentido, para que os homens, pelos séculos fóra, o fossem ageitando de mil maneiras, todas exatas e providenciais; se ele conseguisse chamar a si aquela espécie de verdade que, mudando de individuo para individuo, a cada um se impõe como absoluta e eterna; se adquirisse de repente uma migalha de bom senso, encarregaria o dia de amanhã de resolver as complicações que hoje tanto o afligem e logo respiraria, mais ou menos aliviado. Suponhamos que o dia seguinte — como era muito provavel — lhe não trouxesse a solução desejada. Pouco mal haveria nisso, se Justo Lúcio tivesse, logo de manhã cedo, o cuidado de pôr a missão salvadora a cargo do terceiro dia. E assim por diante. Até que chegasse o dia capaz



de honrar a confiança nele depositada e cumprir integralmente o seu dever. E' a isso que chamamos "esperança".

Há, porém, outro brocardo, mais claro, mais positivo, que não exige, para se lhe colherem os efeitos benéficos, uma inteligência por aí além. Tudo nele é limpidez e certeza: De hora a hora, Deus melhora. Todos, com efeito, havemos de reconhecer que Nosso Senhor está sempre tornando mais venturosa a vida dalguém. Os mais desgraçados recebem, em dado momento, aquele favor que ficaria sem prestígio, "perderia a graça", como diz o povinho, se a todos fosse concedido ao mesmo tempo. O que, portanto, Justo Lúcio tinha a fazer era simplesmente aguardar a sua vez.

A fortuna duma pessoa vira e revira como o cata-vento. E chega a suceder que, do lado donde habitualmente se declara a ventania da adversidade, entre a sopra a aragem mais propícia. Quando nos apavoramos à passagem dum revés que por pouco, além dos bens materiais e do tesouro da alegria, nos não leva a própria vida, eis que, reparando melhor, reconhecemos a legítima ventura abordando-nos, penetrando em nós. O aspecto do mais terrível contratempo pode envolver uma encantadora realidade. Do mais horrendo flagelo acontece resultarem as graças mais deliciosas. Daí o axioma

francês: *"A quelque chose malheur est bon"*, que pode ser livremente traduzido pelo nosso provérbio clássico: "Deus escreve direito por linhas tortas", ou por este outro, não menos consagrado: "Ha males que veem para bem". Se Justo Lúcio puxasse, alguns segundos, pela memória, forçosamente se lembraria de várias pessoas das suas relações que, dum momento para o outro, e nas condições mais imprevistas, conquistaram aquilo que há muitos anos ambicionavam. A questão é que ele despresa a tão útil, se não verdadeiramente milagrosa, arte de recordar. Prefere indignar-se sem resultado ou chorar sem remédio. Não acredita na surpresa. Não admite o inesperado. E vem derramar a sua irritação ou a sua amargura no meu peito amigo, improficuamente para ele e perigosamente para mim — porque "aquilo", às vezes, pega!

Referi-me, ainda agora, aos casos em que a felicidade das criaturas assume temporariamente, isto é: por minutos, mezes ou anos inteiros, a aparência da desdita. Diria-se-ia que se diverte ou judia conosco, mas ao mesmo tempo segue um cálculo de segura psicologia, porque, quanto mais de surpresa, mais teatralmente nos chegarem depois as suas dádivas, maior e mais convicta se tornará a nossa gratidão. E' uma das fantasias predilectas da deusa inconstantíssima: a Sorte. Em Bradford, na Inglaterra — encontro isto agora, numa revista — vivia uma pobre moça, Anita Butcher, que, tendo trabalhado alguns anos no escritório duma fábrica, fóra acometida de estranha paralisia. Não podia andar. Numerosos especialistas a examinaram, pois o seu caso se tornara célebre, e lhe aplicaram todos os recursos que conheciam. Até mais alguns, com certeza, a título de experiência... O mal, porém, instalara-se com demora no corpo da desventurada. Sentia-se bem — Anita Butcher era uma linda pessoa — e egoísta, ferozmente se ia deixando ficar. Para sair de casa ia a joven numa especie de cadeira de rodas que alguém da família carinhosamente impelia. E toda a gente, na rua, acompanhava um momento com o olhar comovido a enferma cujo semblante, apesar de tão triste ou talvez por isso mesmo, cada vez ficava mais formoso.

Durou isso quatro anos. Uma noite, sendo Anita conduzida a uma cerimônia de guerra, um camião apanhou em cheio o carrinho fragil. Foi um choque indescritível e em que não morreu ninguém. A pessoa que empurrava o carro, embora atirado este a distância, não sofreu a mais leve contusão. E desde aquele momento principiou Anita a melhorar. A' data da publicação em que encontrei esta verídica história, já ela voltava ao seu emprego de escritório. E ia casar — provavelmente com o dono da fábrica.

Da primeira vez que estiver com o meu camarada Justo Lúcio Nunes, contar-lhe-ei o autêntico milagre da donzela de Bradford. Talvez lhe cale no espirito. Quem sabe se não começará por aí a surpresa do Destino que lhe está reservada? Porei na narrativa todo o meu empenho afectuoso e toda a minha prática profissional. Se lograr o efeito de que Nunes tanto necessita — e eu também — duplamente cantarei vitória. Caso contrário, e se ele insistir em derramar neste seio até agora resignado a confidência dos seus infortúnios, eu, eu depois resolverei o que lhe hei de fazer!

Bette Davis

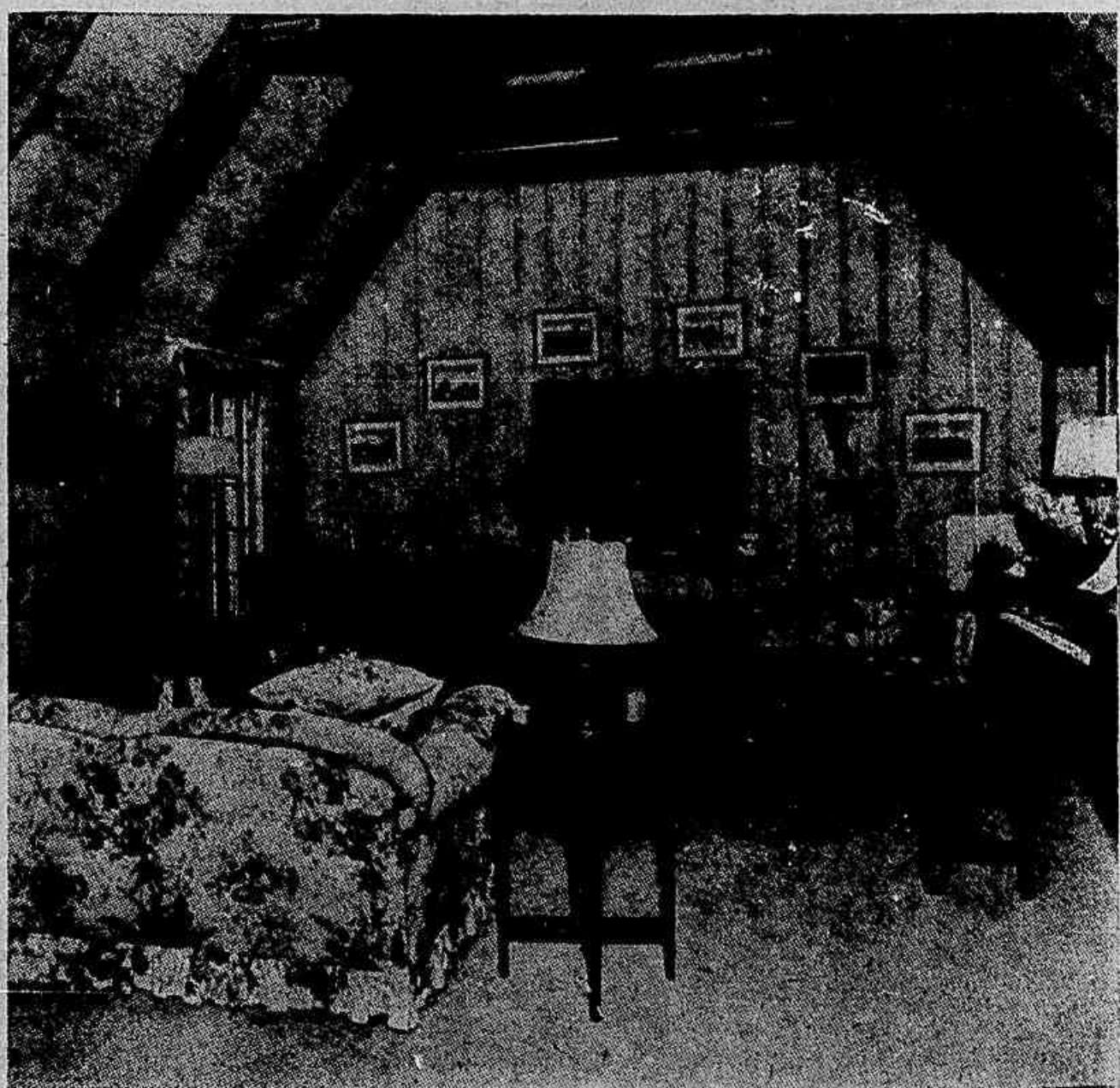


ESTE JARDIM AO LADO DA CASA, com árvores, flores e fogão ao ar livre, é virtualmente uma sala de estar para Bette a quem custaram um pouco a persuadir para que ficasse sentada enquanto era fotografada.

A artista que todos nós conhecemos de tantos filmes surpreendentes, resolveu um belo dia repousar de seu trabalho. Buscou, então, uma casa própria, pois vivera, durante a sua permanência de 10 anos em Hollywood em 25 casas — o que quer dizer que ela se movia com mais rapidez que em alguns de seus primeiros filmes, agora felizmente esquecidos. Quando resolveu fundar um lar, dirigiu-se para as proximidades de Los Angeles e descobriu uma encantadora residência em estilo inglês, em Glendale, onde, há dois anos uma inundação expulsou os habitantes.

O governo conseguiu dominar o rio, mas Bette conserva uma canôa em seu estábulo, por mera precaução. Quando o fotógrafo dirigiu-se a Betty a primeira coisa que pediu foi: "Nada de poses". Isto a define melhor que qualquer outra coisa.

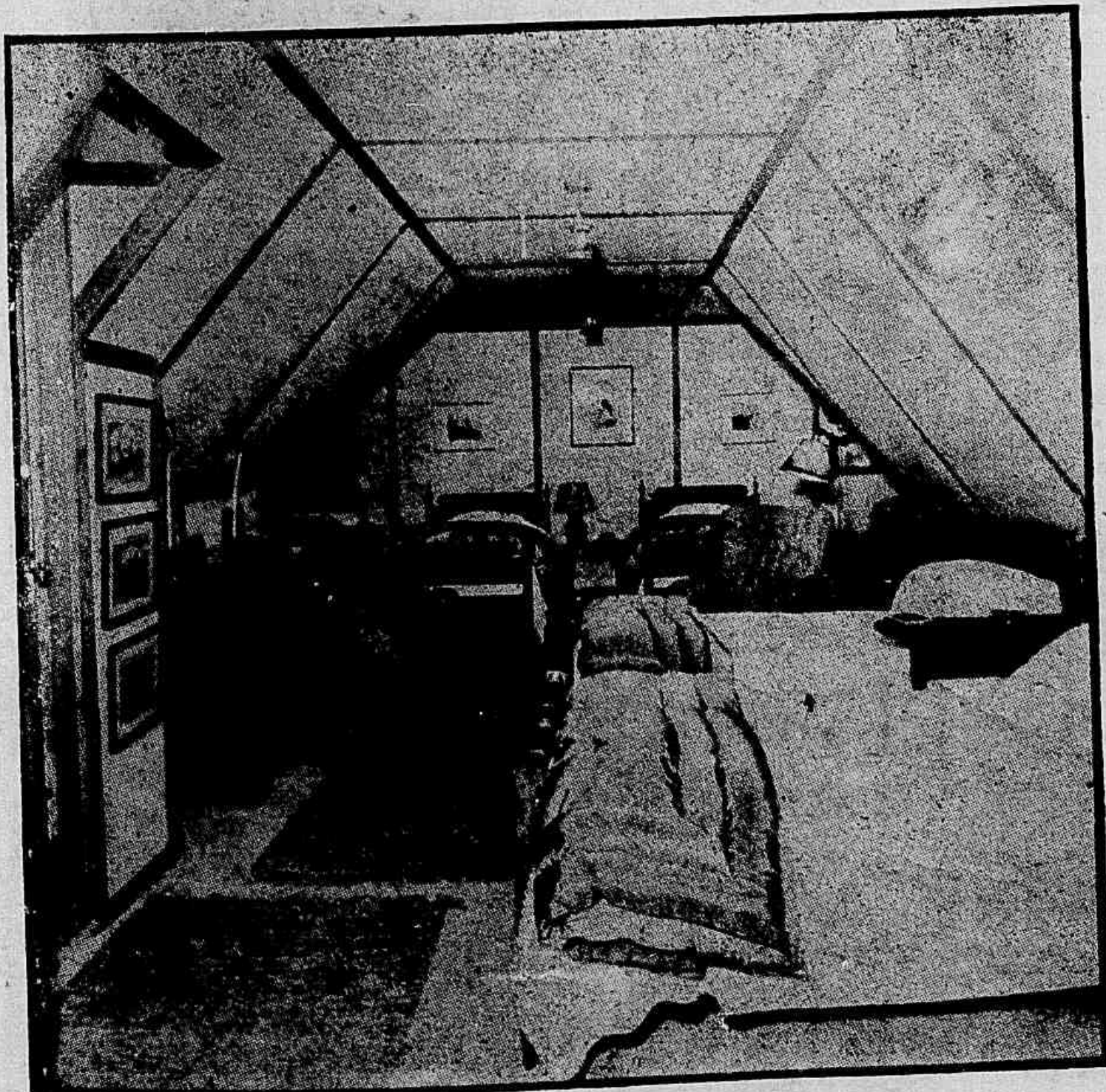
AS NOVAS ARTISTAS PROCURAM BETTE para que ela as oriente na carreira que tanto honra. Não contente em aconselha-las, dá-lhes uma hospedagem principesca. Aqui vemos Linda Darnell flutuando na piscina de Betty.



A SALA DE ESTAR DE BETTE possui este teto de madeira e uma grande lareira. O belo piano Steinway veio para a casa com ele. Bette ornamentou largamente o local com objetos Vitorianos e do estilo americano.



OS CÃES ALEGRA A VIDA DE BETTE DAVIS. Aqui vêm-na a caminho das suas cocheiras, ainda sem as botas de montaria, brincando com seus amigos.



SI SUBIRMOS UMA ESCADA que parte do hall, alcançamos este belo dormitório onde quatro hóspedes podem dormir. Além deste há mais dois na casa. Não vemos aparecer aqui os numerosos vestidos que toda artista carrega consigo, mas o fato é que Bette Davis veste-se habitualmente com muita elegância.

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use **Regulador Gesteira**

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, sensação de sufocação, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

Revista da Semana

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada:.... Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00

O número avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o número atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegrafico: "REVISTA"
Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este número consta de 52 páginas.

A nossa arma

É fora de dúvida que o Brasil participará ativamente, ao lado das Nações Unidas, da luta que ensanguenta o mundo e o cobre de horrores. Neste sentido, que é aliás o único condizente com a nossa soberania, inúmeras vezes afirmada nos campos de luta, preparamo-nos para o momento decisivo. O nosso exército adentra-se no manejo das armas modernas atento ao caráter de movimento revelado na hodierna tática de guerra na qual os fatores preponderantes são surpresa e velocidade...

O tank é um verdadeiro ariete. Sobe de súbito, ataca de surpresa grandes grupos de homens que constituem as guarnições de defesa, levando o pânico aos soldados e muito antes que estes se reorganizem, afasta-se rapidamente.

A idéia do emprego de tanks como arma independente não teve origem na Alemanha. De 1917 a 1918 o Corpo inglês de tanks desenvolveu a idéia, que foi mais tarde posta em prática, pela primeira vez, pelo exército dos soviets.

Hoje a mais ninguém, cabe duvidar do papel reservado a estes monstros de ferro e aço para os quais não existem fronteiras e todas as defesas se anulam. A nossa capa mostra um moderno tank do exército brasileiro num desfile realizado nas ruas da capital.

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

É Soltar de Casa Disposta para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Píulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

Evite preocupar-se com uma DENTADURA POSTIÇA que se desloca

A sua dentadura postíca cai, quando come, fala, ri ou espirra? Não se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergonha. FIXODENT é um pó alcalino (não ácido) para polvilhar as dentaduras postiças. Conserva-as mais firmemente na boca. Dá a quem as usa uma sensação de segurança e comodidade. Não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio



**TÔNICO
NUTRITIVO
ESTIMULANTE
FORTIFICANTE**



DOR DO ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPÉPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS



Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUÇÃO

100 PÍLULAS - 100 - 100 - 100

PICADINHOS MORTAIS



IRA



INVEJA



GULA



FAMÍLIA
LUXÚRIA



"AVAREZA"



"PREGUIÇA..."



SOBERBA

PAUL

O cálice de Xerês

PETER FLEMING

(Traduzida especialmente para a
REVISTA DA SEMANA)

— Não adianta... disse, aborrecido, Freddie Korn. Seu cigarro, meio consumido, como de costume, chlou na escarradeira onde acabava de cair.

— Que pena! — disse o senhor Lather. — Houve um momento de silêncio.

— Passem de novo os últimos duzentos pés da película — ordenou Korn, quasi aos gritos, voltando a cabeça. Quando as luzes da sala de projeção se apagaram, acendeu outro cigarro.

Na escuridão o aparelho zumbiu surdamente. De repente, iluminou-se a tela e apareceu um pequeno salão elegante, discreto, ligeiramente cubista. Através da janela divisava-se o panorama de New York à noite, como enxame de colmeias cónicas recortadas de luzes.

— Pano? — perguntou o senhor Lather.

— Não. É um trecho de "Caidos" que não utilizei — respondeu Korn à meia voz.

No pequeno salão, um homem, em traje de rigor, agita uma cockteleira, sorrindo, enquanto de um fonógrafo brotam as aglutinantes cadências de uma valsa. O telefone toca. O homem pára o fonógrafo e vai atender à chamada. "Diga-lhe que suba"... Batem na porta. O homem abre a porta. Surge, artisticamente, sob o umbral, uma jovem loura, bonita, metida num montão de peles. Trocam um aperto de mãos.

Diálogo: engenhoso, insistente, esboçando, em reticentes alusões, uma situação dramática. Ela interroga. Ele foge, mente sem jeito; vê-se encurralado; conclue confessando. Os olhos da moça dilatam-se de incredulidade e de raiva. "Com Silvia! Que horror! E você levou minha irmãzinha a semelhante lugar..." A jovem leva uma das mãos à garganta, no mais correto estilo dramático. Lança a outra rapidamente para trás, com o vaso de cock-tail e atira o líquido no rosto do interlocutor. Desconcertado, ofendido por semelhante insulto, os traços transtornados do homem monopolizam a tela e atraem simpatia. É preciso que os espectadores se convençam de que o homem é do tipo que "no fundo não é mau". Sua gravata branca pende exageradamente manchada.

— Perfeitamente. É isto que eu quero. — A voz incisiva e petulante de Freddie Korn ressoou um tanto estranha depois das frases mecânicas do aparelho falante. Parou o zumbido e as luzes se acenderam.

— Compreendo bem o que o senhor quer — disse, embora sem muita convicção, o senhor Lather. Respeitava Freddie e reconhecia seu valor como diretor da empresa **Stupor Mundi**. — Quer alguma coisa mais fotogênica do que esta mistura do cock-tail? Há uma falha no momento culminante. O sujeito molha-se um bocado, porém é preciso uma impressão mais chocante.

— Intensificar o detalhe, já sei — disse Korn secamente. — Acho que tem razão, senhor Lather. A primeira coisa que faremos amanhã será repetir essa cena e em vez de um cock-tail incolor empregaremos xerês. Um xerês escuro.

— Mas o senhor acredita que a gente da alta sociedade tome xerês?

— Em New York? Ora! É o **dernier cri**. Dizem que é um antigo costume inglês e é o bastante. Quando se estreiar este filme, o grande público já estará inteirado de que beber xerês é a mania de moda na sociedade elegante. Uma mania como o jogo do gamão de outros tempos.

Fazia um ano que Crogan trabalhava nos estúdios da Stupor Mundi. Os amigos lhe haviam dito que tivera muita sorte em conseguir esse emprego; porém não acreditaram que ele durasse muito tempo. Crogan costumava entregar-se à bebida. Era um tipo curioso: um irlandês de cara tão pálida que parecia enfarinhada e rematada por uns cabelos negros, duros, levantados na frente como uma cerda e que, pelos modos, não cresciam nunca. Era uma cara quadrada, pequena e de boca proeminente como a de um cão. Os olhos, de um azul descorado, pequenos e hostis, cruzavam o olhar alheio como se estivessem espreitando e punham em guarda, de maneira que o olhar mais accidental se avivava com alguma coisa de surpresa. E, com efeito, a gente olhava intrigada para Crogan. Havia uma intensidade que não era natural na sua palidez tão completa, tão uniforme... Instintivamente, porém em

vão, procurava-se uma sombra azulada nas faces, um traço escuro no lábio superior. Essa pele lisa, repuxada, dura, dava a impressão de um palhaço e de um cadáver.

Não era — nem merecia ser — um homem simpaticizado entre os companheiros de trabalho. Tinha muito de secreto, de inescrutável e ambíguo, como um gato. Seu isolamento não era um isolamento definido, que guardasse a distância com uma firmeza marcada, mas enganador, furtivo, insincero; esquivando, sem repelir, ao mundo que o rodeava.

Houve uma época em que esteve certo de contar com o emprego durante três ou quatro meses por ano. Havia em New York um teatrinho onde no inverno representavam comédias para crianças: pantomimas, fadas penduradas por arames e cenas de contos mágicos. Crogan representava os papéis de animais: o gato do herói, o rei lobo ou o urso domesticado. Possuía uma disposição inquietante para esses papéis e os representava com um toque de realismo que as crianças (nunca satisfeitas com as grosseiras imitações da fauna de teatro) recordavam com alegria. Era a única habilidade de Crogan e se dedicava a ela com prazer. Agachado, arquejante, rouco de emitir grunhidos, via, através dos olhos cobertos de gaze da máscara sufocante o agil adejo das mãozinhas e aplaudiam e a alegria o dominava. Era, talvez, uma recusa de felicidade muito modesta, porém Crogan não conseguiu nunca descobrir outra melhor. Talvez por isso conservasse, ainda quando tivesse bebido depois do espetáculo, qualquer coisa da mímica favorita de seus papéis. Estava-lhe no porte, no rosto ou enraizado profundamente na essência do seu ser? Ficava-se pensando nisso e não se conseguia defini-lo. O certo era que qualquer pessoa, ao saber que Crogan havia desempenhado papéis de animais superlativamente bem, não experimentava a menor surpresa. Ao contrário, era como se dessem por fim a chave de alguma coisa desconcertante e impenetrável na impressão que o homem produzia.

Crogan ocupava um lugar, o ínfimo entre muitos, na secção dos acessórios dos estúdios do Stupor Mundi. Tarefa desagradável. O trabalho na produção de um filme falado é assunto de aborrecida redundância. Toma-se uma cena e torna-se a tomá-la até que a substância adquira a

ridícula e exasperante improbabilidade de uma palavra escrita uma infinidade de vezes na lauda. A obrigação de Crogan consistia em cuidar dos objetos miudos e efêmeros — cigarros, alimentos, lacres das cartas, jornais, cartuchos de armas de fogo — que se consumiam, destruíam ou se desarranjavam enquanto se filmava uma cena, e tinham de ser substituídos imediatamente e na devida ordem, para a nova filmagem. Trabalho que exigia uma atenção prolixa para o detalhe; porém isso não incomodava Crogan. O que o incomodava, o que ele temia, era o elemento de repetição que se enxertava na sua vida. Estava ali para dar os toques finais, porém a índole de seu trabalho carecia de finalidade. Implicava em lenta e fatigante repetição, sem fim previsto; tinha alguma coisa de aflitivo pelo vago do propósito. Um dia em seguida ao outro, uma hora após a outra, Crogan devia permanecer no grupo de homens silenciosos que rodeavam as máquinas fotográficas, enquanto, no ângulo brilhantemente iluminado de duas paredes sem teto, homens e mulheres de caras amarelas e pálpebras verdes repetiam palavras e gestos até que umas e outros perdessem, na repetição, seu fragil significado. De repente, calavam-se e ficavam quietos sem razão aparente. Uma campainha elétrica ressoava nos estúdios e os libertava do petrificante império do microfone. Reatavam-se as palavras e os movimentos naturais e Crogan se adiantava com passo cansado para esvaziar um cinzeiro, atrasar os ponteiros de um relógio ou devolver a um almofadão amarrotado seu aspecto correto.

Era uma vida nada natural. O sol e a lua se achavam ao arbítrio do electricista e as horas corriam interminavelmente em toda a sua redundância, como um exército num bosque imenso. No espírito obscuro e inseguro de Crogan, esse ambiente criava não somente confusão como também um turvo rancor. Às vezes confundia o intervalo para o almoço com o final da tarefa diária; surpreendia-se, ao se achar na rua, com o sol ainda alto em vez da penumbra crepuscular com o alívio que esta implicava. Perdia o sentido do tempo e o domínio de sua própria personalidade. Estranhos, descabelados pensamentos se lhe engolfavam no cérebro ao contemplar o mesquinho aspecto sem sentido do estúdio. Numa espécie de sonambulismo foi reconhecendo em si um novo Crogan, um homem de



energia, um vingador, capaz de dar expressão real a esse ódio sombrio e sem objeto que se apoderava cada vez mais de sua pobre alma tenebrosa.

Um dia seu rancor descobriu um objetivo, sua vida uma ambição.

Estavam trabalhando num filme que, segundo recordava vagamente, se chamava "O insulto". Segundo parecia, tratava da vida alegre na alta sociedade novaiorquina. Os artistas principais, os "astros", eram Gerald Flattery e Virginia Raikes. A primeira cena de grande efeito era a de atirar na cara do protagonista o conteúdo do vaso de cock-tail.

Nessa manhã, Gerald Flattery estava de um mau humor feroz. Tinha passado a noite numa festa íntima. As pequenas do estúdio, defraudadas pela maquinal prodigalidade de sorrisos com que Gerald as presenteava, comentavam amargamente sua notória levandade. Freddie Korn meneava a cabeça, preocupado. Sabia bem que quando havia dormido pouco, Gerald fica intratável.

— Será preciso ensaiar um pouco mais a ação e o diálogo antes de começar a filmar — anunciou.

Crogan passou revista aos objetos de sua jurisdição no cenário. O fonógrafo com toda a corda; a cockteleira cheia; dois cálices; cigarros: tudo em ordem. Suspirou e recolheu-se à sua *reverie*, alheio por completo ao rumor trivial do diálogo.

De repente esse se interrompeu inesperadamente.

— Eh, Virginia! — protestava Gerald Flattery — Não é necessário atirar no meu rosto essa mixórdia. Isto é um ensaio e nada mais. Não é verdade, Freddie, que não é preciso?

— Eu preciso para me enfiar bem na ação — replicava Virginia — À noite passada não ensaiamos nem uma vez. Fingir que se atira uma coisa não é a mesma que atirá-la de veras.

Virginia e Gerald discutiam em tom de áspera alteração.

— Pois não estou disposto a me deixar emporcalhar num simples ensaio.

— A mim pouco me importa o que lhe pareça, contanto que eu tenha um alvo para atirar o cock-tail.

Freddie Korn fez um gesto de fadiga.

— Vamos! que um desses rapazes vá ao palco e tome o lugar do senhor Flattery.

No grupo de operários não havia interesse nenhum na honra de ser publicamente enxarcado, nem ainda pela delicada mão de uma beleza rodeada por um montão de peles. Todos ficaram onde estavam, ao redor das câmaras, recusando-se a dar um passo, num campeonato de modéstia.

— Venha você! — Gerald dirigiu-se para o lugar onde Crogan levantava a cara branca e luminosa no resplendor de inumeráveis refletores. — Você é o tipo que serve. Se esse seu crânio não serve para alvo, não sei o que seja um alvo. — E lhe deu uma palmada no ombro. — Prestou bem atenção onde eu estava?

— Sim — disse Crogan.

— Bem; vá para lá. Abra a boca e feche os olhos, que a senhorita Raikes lhe dará uma grande surpresa.

Crogan avançou. Recebeu em plena cara quatro cálices consecutivos de *Ginger-ale*, até que Virginia e Freddie ficassem satisfeitos com a intensidade rancorosa do gesto da jovem. Crogan notava, vagamente, que todo o mundo ria dele e de que a hilaridade cada vez se fazia maior. O único rosto que via era o de Gerald Flattery que incentivava com ar de superioridade a burla geral. O único riso que percebia bem era o de Gerald Flattery, agudo, vibrante de desprezo sem alegria...

No coração de Crogan, firmou-se, definitivo, um novo propósito. Seu ódio envolveu a imagem de Gerald Flattery como as chamas rodeiam avidamente a lenha que nelas cá. Os outros viam apenas um homem que cuspiam ridiculamente e enxugava a cara com a manga em gesto lento e felino. E era mais divertido, parecia-lhes mais cômico, vê-lo furioso sem que a raiva estalasse. Não advertiam que era um homem cego por uma ira terrível.

Dois dias depois Crogan percebeu e em seguida captou o fio oblíquo e fragil duma situação.

O judeu Kaplan era o encarregado dos acessórios. Dos que trabalhavam ali Crogan era o único que não recebia demonstrações de sua deliberada familiaridade. Não podia exercer com Crogan seu bom humor fácil. Provavelmente sentia por ele um vago temor.

Era tarde. A maior parte dos operários e empregados se havia retirado e os estúdios, mal iluminados, adquiriam esse aspecto de vasta sordidez, realmente a que lhe era

própria. Faltava-lhes essa intimidade brilhante e fugaz dos cenários inundados de luz. Pedacos de cordas velhas pendiam das vigas do teto. No sótão, no atelier de carpintaria, batia solitário o pulso de um martelo tardio. O espectro de um riso desavergonhado filtrava-se dos camarins. Kaplan achava-se apoiado num pilar, perto da entrada principal.

Crogan, que tinha sido chamado, aproximou-se por trás dele, caminhando silenciosamente com os sapatos de sola de borracha que sempre usava.

— Pensa que não o ouvi — disse Kaplan para si mesmo, com certa irritação, pois Crogan, não sabia por que, o impacientava sempre. — Ouça, Crogan! — interrompeu-o com azedume (sem voltar a cabeça, para que Crogan percebesse que havia notado a sua aproximação). — Há uma repetição assinalada para amanhã às nove e trinta no cenário número 6. É a cena que filmaram há alguns dias: uma senhora que atira um copo de licor na cara dum sujeito. Lembra-se?

— Lembro-me bem — disse Crogan calmamente.

O sorriso zombeteiro de Kaplan, que se preparava para acolher a atrapalhada de Crogan, fez uma careta para acomodar-se à resposta afirmativa.

— Pensava mesmo que você haveria de lembrar-se bem dessa cena... Bem; hoje passaram a película na sala de projeções e Freddie Korn não está satisfeito com o licor que empregamos para esse cock-tail. Não se deixa fotografar bem; não dá bastante impressão. Quer que preparemos uma coisa que se pareça com xerês.

— Xerês?

— Sim; é um vinho escuro e grosso. Vá buscar leite e ponha dentro um corante forte que tinha bastante para a fotografia. De passagem, peça a Matt uma dessas garrafas que usamos no número 4, à semana passada.

— O senhor estará aqui, senhor Kaplan?

— Não. Baumer precisa de mim no andar superior, para trabalhar nesse filme cômico que estão preparando. Já sabe que é que tem a fazer, Crogan. Venha cedo e vamos ver se é expedito esta noite. Ouvia?

— Perfeitamente, senhor Kaplan.

Crogan afastou-se no escuro com passo silencioso. Kaplan ficou olhando para ele e acreditou notar alguma coisa elástica, um que de alegre estouvamento, em seus passos rápidos e furtivos.

— Este sujeito caminha como se eu acabasse de anunciar-lhe um aumento de ordenado — pensou o judeu — e se arrependeu de não o ter tratado com rudeza.

Na manhã seguinte, ao dirigir-se à sua ocupação, Crogan manteve-se mais afastado que de costume dos companheiros de viagem. Era preciso. A mão direita, metida no bolso do sobretudo, apertava um frasquinho azul escuro que continha vitriolo. Contraia-lhe o rosto uma leve careta.

Os olhinhos pálidos acendiam-se malevolamente. Havião perdido sua fria hostilidade compreensiva.

De caminho para a estação, comprou leite. Na leiteria dirigiu um olhar desprezivo e triunfante para os indivíduos que devoravam o *breakfast* junto ao mostrador. Todos pareciam-lhe hoje misera e mesquinha matéria humana. Podia permitir-se desdenhá-los, sem necessidade de fugir-lhes. A leve careta dura dobrava-lhe ainda os lábios, quando entrou nos estúdios.

Matt, o sueco, e outro homem se achavam no depósito, fumando, rindo e dando de comer amendoins a alguns coelhos que eram empregados no filme cômico. Crogan saudou-os ao passar com um movimento de cabeça e se dirigiu a um armário situado no outro extremo do galpão. Encontrou a garrafa e misturou leite, água e corante até obter um copo cheio de um líquido côr de chocolate, que logo despejou na garrafa até o meio. Então, olhou por cima do ombro. Os coelhos, inquietos, desorientados, entretinham ainda Matt e o outro. Ambos se achavam de costas. O incongruente prelúdio de suas risadas parecia propagar-se no ambiente. Crogan soltou um suspiro de alívio e tirou do bolso o frasquinho azul escuro. Com trêmula solenidade, mais próxima do êxtase que do ritual, derramou o vitriolo no garrafa.

Não se realizaram as apreensões da ignorância. Não houve no líquido nem vapor, nem borbulhas, nem espuma silvante que compromettesse a base de seu plano. O líquido, pesado, opaco, imitava o xerês. Crogan não pôde conter um grito de satisfação. Colocou a garrafa numa bandeja e se dirigiu ao andar de cima.

Freddie Korn estava já à espera, diante do cenário improvisado.

— É duma coisa assim que o senhor precisa, senhor Korn? — perguntou Crogan, pela primeira vez conciente de uma anelante ansiedade.

A garrafa foi examinada atentamente.

— Muito bem — disse Freddie Korn. — Isto mesmo. Como foi que você fez?

Crogan mencionou três dos ingredientes e depositou a bandeja, cuidadosamente, na mesa que lhe foi assinalada. Depois de uma vista de olhos aos demais objetos que lhe cumpria atender e se retirou.

Gerald Flattery apresentou-se pontualmente. Crogan, que com o olhar excitado o seguia, percebeu imediatamente que ele vinha de bom humor.

— Para o diabo! — disse ao ver a garrafa. — Terei que mandar a Stupor Mundi uma conta fabulosa por minhas camisas postas a perder.

As pequenas comentaram a frase com risos. (Muito bem. Muito bem. Riam-se dele — pensava Crogan. Por sua vez sentia-se possuído por uma alegria indefinível.)

(Cont'nua na pag. 39)

PRODUTOS "LALAQUE"

Complemento indispensável a beleza!

BATON · ESMALTE · LEITE · ROUGE

LaLaque

A marca suprema em produtos de toucador!

A VENDA EM TODO O BRASIL

ESMALTE Nº 1425

LEITE Nº 1430

ROUGE Nº 1460

Figuras e fatos

HOMENAGEADO O SR. ASTOLFO SERRA — Por motivo do lançamento do seu livro "Casas e o seu gozo no civil na província do Maranhão", o sr. Astolfo Serra, chefe do Departamento de Turismo e Publicidade da Central do Brasil, foi homenageado por um grupo de jornalistas, que lhe ofereceram um cocktail no Salão Azul do Cineac Trianon, ao qual compareceram representantes dos ministros de Estado, o general Firmo Freire, chefe da Casa Militar da Presidência da República, altas patentes do Exército, os presidentes da A. B. I. e do Sindicato dos Jornalistas Profissionais, grande numero de jornalistas e homens de letras. Ofereceu a homenagem o coronel Ruy de Almeida, tendo o sr. Astolfo Serra agradecido em belíssimo improviso. A nossa objetiva colheu os flagrantes que ilustram esta notícia, vendo-se, á direita, quando falava o homenageado, que está ladeado pelo general Firmo Freire e pelo coronel Lima Figueiredo, e, em baixo, um aspecto geral da linda festa de cordialidade.

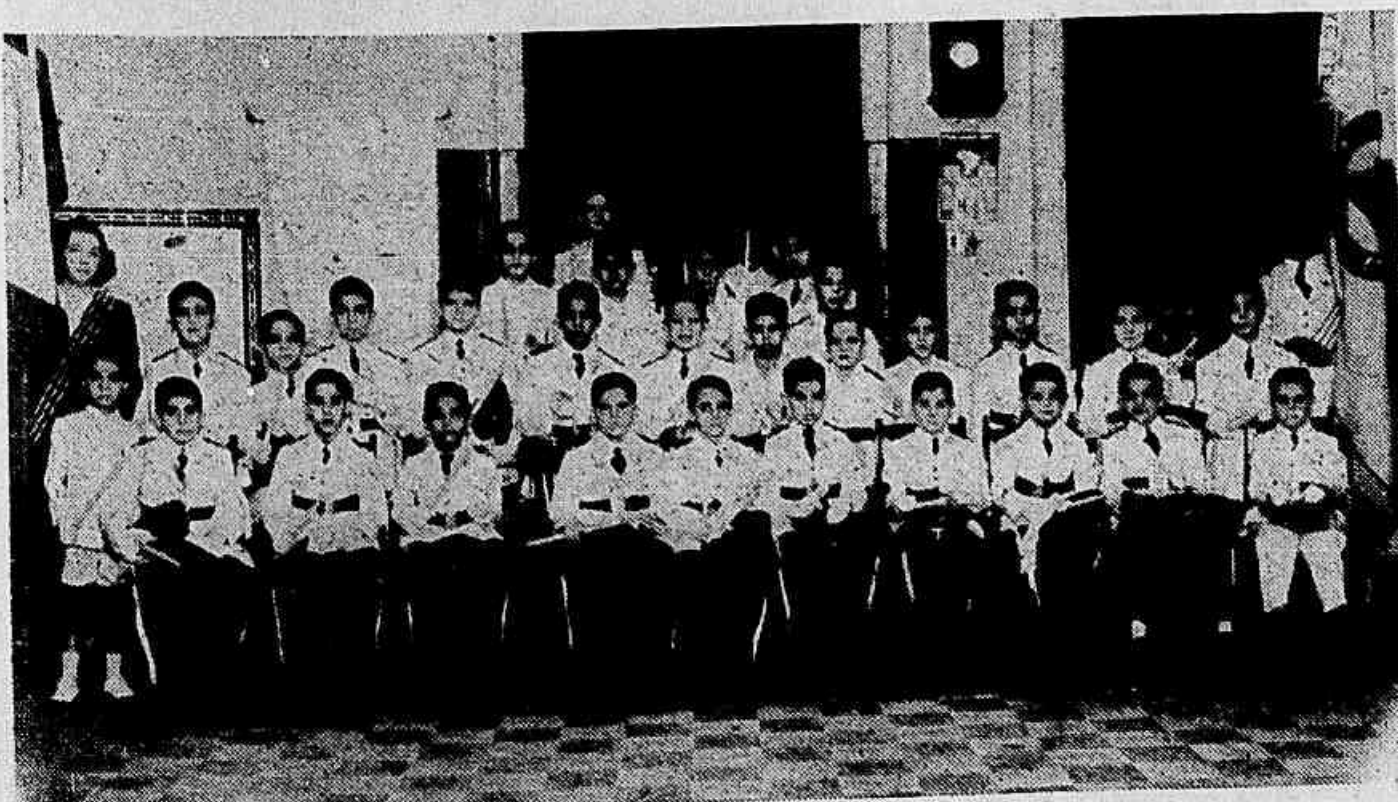


SOCIAIS NO CASSINO ATLANTICO — A' necessidade que se faz sentir sobre o homem de hoje, de um convívio social em um ambiente de luxo e distinção, buscando assim um derivativo para a vida agitada dos tempos atuais, se deve a plena aceitação que alcançou, no seio de nossa elite, o novo Green-room do Cassino Atlantico, onde se reúnem todas as noites, num belo desfile de arte e elegancia, elementos mais representativos da alta Sociedade do Rio de Janeiro.

Na foto acima, que nos mostra um detalhe de um dos jantares dansantes do Atlântico, aparecem o srs. Dr. Gil Campos, medico em Recife, Dr. Luiz Oiticica, procurador do I. A. A. Dr. Francisco Oiticica, advogado do I. A. A. do Rio, Dr. Moraes de Oliveira, jornalista, Dr. Mario Chaves, secretario da Prefeitura de Petropolis, Dr. Murilo Guimarães, profe sor da Faculdade de Direito, e Antonio Lunack do Monte.



NO DIA 21 DO CORRENTE FOI DECLARADO ASPIRANTE DA F. A. B. o jovem Wilson Freire Carvalhal, que, por seu espirito de camaradagem e altos dotes morais, tanto se fez estimar pelos colegas de turma. Parabens! Que a sua carreira seja gloriosa como a propria Força Aerea Brasileira, são os votos da REVISTA DA SEMANA.



A 1.ª COMUNHÃO DO INSTITUTO LAFAYETTE — Como todos os anos, em agosto, realizou-se a 1.ª Comunhão dos alunos do Curso Primário do Instituto La-Fayette, ato ao qual Monsenhor Mac Dowell, vigário da Basilica de S. Francisco Xavier, empresta grande realce. São dessa bela cerimonia os dois aspectos que a REVISTA DA SEMANA apanhou e nos quais se destaca o júbilo dos neo-comungantes ladeados pelas band iras nacional e do Instituto La-Fayette.

RESTAURANTE E BAR
CHURRASCOS TÍPICOS A GAUCHA
COSINHA INTERNACIONAL

CHURRASCARIA
SÃO BORJA

EXECUTAM-SE CHURRASCOS EXTERNOS
PRAIA DO FLAMENGO, 64-A, Fone-25-5134
A BERTO DIA E NOITE

ARARUAMA

UM DOS PONTOS MAIS PITORESCOS DO PAÍS

A inauguração do Hotel Parque de Araruama --- Presentes os interventores Amaral Peixoto, Cordeiro de Farias e Magalhães Barata

Ha mais de meio século, desde os velhos tempos de D. Pedro II, não recebe a cidade de Araruama uma comitiva tão brilhante como a que acompanhou hoje o chefe do governo fluminense, comandante Amaral Peixoto, na inauguração do Hotel Parque de Araruama. Essa obra, no gênero uma das mais importantes do país, foi construída pelo Estado do Rio para desenvolver o seu turismo. Trata-se, de fato, de uma construção moderníssima, estilo suíço, mobiliado, com muito bom gosto, à maneira rústica. Fica, por outro lado, situada num dos recantos mais deliciosos e pitorescos da terra fluminense: a lagôa de Araruama. Os moinhos, as salinas, a cidadesinha tranquila e muito limpa, com o seu porto cheio de barcos e pescadores são, sem duvida, motivos de interesse para o turista, que encontrará neste pedaço da velha Província lugar verdadeiramente diferente, cheio de tradição e pitoresco.

Araruama, velha e pequena cidade do Estado do Rio, tornou-se hoje assim um dos mais atraentes pontos de turismo do país, graças à obra inteligente do Governo Fluminense, que, descobrindo ao pé das suas salinas encantos naturais sem comparação, fez construir no local todas as instalações necessárias ao conforto daqueles que, fugindo por instantes à vida agitada da metrópole, procuram descanso e socego no bucolismo dos pequenos centros urbanos.

Justo foi pois que a inauguração do modelar hotel de turismo se revestisse de um

aspéto festivo, como se se tratasse da instalação de uma obra de utilidade coletiva, como de fato acontece.

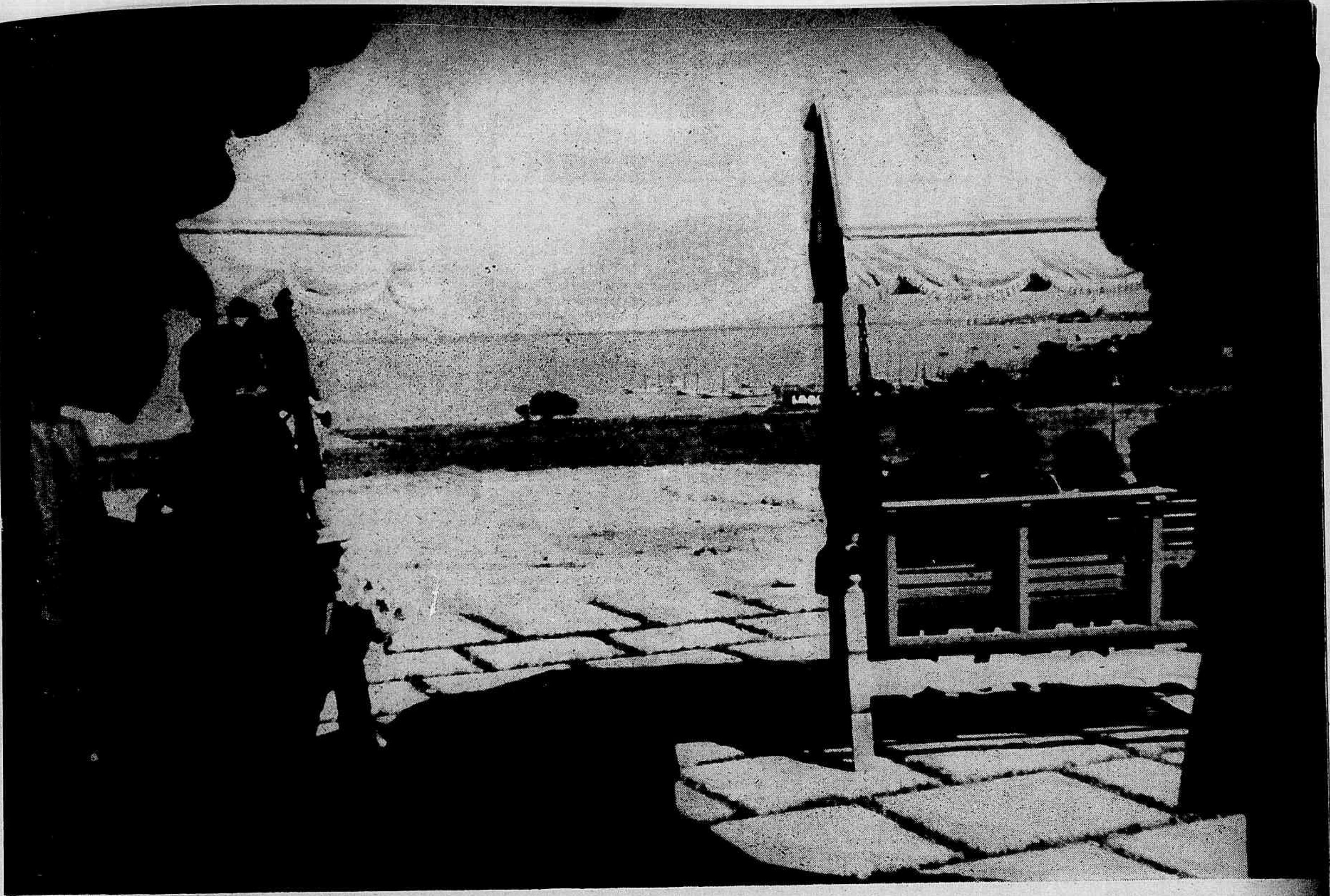
A's solenidades compareceram pessoalmente os Interventores Amaral Peixoto, Magalhães Barata e Cordeiro de Farias, Coronel Costa Neto, major Alencastro Guimarães, Alfredo Neves e Valfredo Martins. Falou por ocasião do grande almoço oferecido aos visitantes, o major Helio de Macedo Soares e Silva, secretario de Viação e Obras Publicas do Estado do Rio. O orador referiu-se a uma passagem do "discurso do Amazonas" do Presidente Getulio Vargas relativa à concentração e fixação do potencial humano, declarando que as obras edificadas em Araruama pelo Governo Fluminense faziam parte desse mesmo plano de concentração e fixação, ajustando-se perfeitamente à generosa e inteligente politica de amparo aos pequenos centros urbanos seguida pelo Interventor Amaral Peixoto, com o fim de tornar cidades como aquela mais prosperas e conhecidas.

Falando aos jornalistas após a inauguração, os interventores Cordeiro de Farias e Magalhães Barata mostraram-se otimamente impressionados com tudo o que lhes foi dado ver naquele belo e pitoresco recanto fluminense.

Assim se tornou em um ponto digno do maior interesse turistico, a cidade provinciana de Araruama, cujo nome, em tupi-guarani, quer dizer para uns "bebedouro de araras", e para outros significa "beleza oculta".



Grupo fotografado na varanda do Hotel Parque de Araruama, vendo-se os interventores Amaral Peixoto e Cordeiro de Farias em palestra com senhoras da alta sociedade fluminense.



Magnífica vista apanhada da varanda do Hotel Parque de Araruama, donde se descortina a maravilhosa paisagem do pitoresco recanto fluminense.
 - Vista externa do Hotel Parque de Araruama, monumento arquitetônico do mais puro estilo suíço, que muito bem se adapta à beleza bucólica da paisagem que o cerca.



LIVROS NOVOS

AS MINAS DE PRATA, romance de José de Alencar — São Paulo, 1943.

As Edições Melhoramentos completam com este volume a série dos romances de José de Alencar.

Numerosas empresas tem escolhido no legado do grande homem de letras os trabalhos que mais se celebrizaram no seu tempo ou, pelos lustros e decênios àquém, mais se fizeram admirar. De vez em quando, aparecia mais um *Guarany*, um *Gaúcho* ou uma *Tracema*. Realizações em geral econômicas e que, dada a procura de tais livros, ofereciam um lucro certo, em condições mais que previstas. Não se tratava, pois, de planos regulares de divulgação, que propriamente representassem um esforço e pudessem envolver qualquer risco. Negócios avulsos e seguros, nada mais. Ora as Edições Melhoramentos trazem aos leitores inteligentes e estudiosos o conjunto uniforme e apurado, a "estante" como dizem os bibliófilos, daqueles romances que, tomando tão variados assuntos e executando-os em formas tão distintas, interessaram a mais amplas e faceis ou a mais limitadas e exigentes modalidades de público. Tiveram por isso êxitos diversos, uns na quantidade; outros na qualidade. E, na sua carreira até hoje pelas oficinas impressoras e pelas vitrinas de livraria, estes se tornaram cada vez mais largamente espalhados e foram aqueles passando a tiragens menores e quasi desapareceram ou se fizeram esquecer.

Ei-los lançados agora, sem exceção, numa apresentação que os iguala e realmente convida os amantes das letras a adquiri-los, para um conhecimento completo e um confronto, por assim dizer, à vista. Daí sem dúvida resultará maior glória para aquele que tão nobre talento e tão puro entusiasmo laborioso empregou na *Guerra dos Mascates*, no *Tronco do Ipê*, nas *Minas de prata*, como em *Sonhos de ouro*, *Til* ou *Encarnação*. E, se ousássemos dar um conselho ou fazer um pedido a esta benemerita Casa Editora, seria no sentido de nos dar agora as obras de teatro: *Asas de um anjo*, *Demonio familiar* e as outras em que, tanto quanto nos romances, ficou, para ser respeitada e amada pelas gerações, a individualidade reveladora, precursora de José de Alencar.



PALMARES, peça em quatro atos, de Stella Leonardos da Silva Lima — Rio de Janeiro, 1943.

Aqui temos, com uma capa excelentemente trabalhada de Alberto Lima, mais uma obra de teatro da senhorinha Stella Leonardos da Silva Lima.

Talvez ela compozesse estes alexandrinos, de espontâneo e vigoroso acento dramático, bem longe de pensar na sua interpretação no palco. Naturalmente os faria, sem cuidar doutra coisa senão exprimir as visões do seu espírito, os surtos e enlevos do seu sentimento. Naquela idade e para temperamentos como aquele, a grande ambição consiste em conseguir que os sonhos de poesia não fiquem, não morram dentro da própria alma. Depois, o destino fará deles o que quizer. Sem a mão paternal ou avoenga dum mentor entre comovido e envaidecido, que trouxe os versos de Stella Silva Lima ao palco e às livrarias, possivelmente eles permaneceriam na gaveta da sua escrivania. E em vez de cuidar da entrega destes livros à curiosidade, à admiração do público, passaria ela a ocupar-se doutros sonhos e outras realizações — para si mesma.

Graças, porém, àquela intervenção tutelar, deixaram os versos de *Palmares* de lhe pertencer, como os de *Marabá* não constituem propriedade sua. Agora o dono deles é o teatro. Já, a propósito do segundo dos poemas referidos, acentuamos o que de belo e impressionante se nos oferecia nesta poesia duma mocidade vitoriosa. Os mesmos dotes e os mesmos recursos se nos impõem em *Palmares*, sendo que os dois assuntos aqui tratados: a figura lírica e paladina de Castro Alves e o episódio da lendária república negra, mais que os motivos rimados em *Marabá* se prestam, se adaptam às exigências da realização teatral. Dum dos projetos este ano submetidos ao Ministério da Educação e o qual, levado por diante, obterá o auxílio oficial de trezentos mil cruzeiros, constava a peça de Laurence Housman *Victoria Regina*, que requer, além de vinte e tantos artistas, numerosa figuração de "altezas reais, altezas imperiais, funcionários etc." em cenários da corte da Inglaterra. Toda gente está vendo a espécie de utopia ou de brincadeira de tal empreendimento que, todavia, foi tomado a sério. Ora, *Palmares*, cuja montagem se tornaria fácil, sem exigir grande dispêndio para ser digna, está bem ao alcance duma companhia como a que oficialmente ocupa o teatro Ginástico. Depois, Deus do Céu, é uma obra brasileira! Tem a palavra o sr. Abadie Faria Rosa, tão digno e esforçado diretor do Serviço Nacional de Teatro.



NOITE SEM LUA, romance de John Steinbeck, tradução de Monteiro Lobato — Rio de Janeiro, 1943.

Parece que o autor desta obra lhe não chamou romance. Pelo menos, não é assim que a nota liminar da tradução o classifica. Trata-se duma história, em que a imaginação se resigna a um papel francamente secundário para deixar a maior parte do espaço e a importância capital à função do analista ou à doutrina do comentador.

O livro começa com a ocupação duma cidade pela tropa invasora. O comandante instala-se na residência do Prefeito e tenta obter deste, além da hospedagem que ele não pode recusar, uma colaboração "razoável". Talvez alguns leitores entendam por isso tratar-se dum plano de conquista tanto quanto possível suazória e conciliadora. Não tarda, porém, a afirmar-se, para ficar dominando sempre, o caráter cruelmente orgulhoso, a tendência para as soluções sem nenhuma generosidade, nenhuma forma ou sombra de piedade, daqueles a quem a lição do berço e a disciplina da mocidade guaram para a ambição de dominar o mundo. Não está indicado na ação donde veio aquele exército nem em que paiz se situam os acontecimentos. Mas logo se percebe, se vê tudo, sem equívoco possível. E, recompondo nos mesmos cada situação e cada figura, sabemos que, nalgum caso excepcional de sentimento humano, tudo para tais homens, deverá terminar como esta rápida cena entre um tenente e o seu coronel:

— Bem. Ouça o que vou dizer e compreenda. O tenente deixou de ser um homem para tornar-se um soldado. O seu cômodo pessoal já não tem importância, tenente; a sua vida não tem importância, tenente. Se sobreviver, terá recordações — e será tudo quanto terá. Enquanto isso, o que tem a fazer é receber ordens e cumpri-las. Muitas das ordens que receberá serão desagradáveis, mas não temos nada com o caso. Não mintos diante do tenente.

— Bem. Deviam tê-lo treinado para isso — e não para flunar fardado nas ruas. Deviam ter construído a alma do tenente à força de verdades e não com mentiras. — E o coronel disse isso com voz gra e dura — Mas o tenente aceitou a tarefa. Agora pergunto: Quer continuar nela ou abandoná-la? Não podemos cuidar da sua alma, tenente.

Prackle levantou-se: "Obrigado, senhor."

— Quanto à moça, viole-a, se quizer, ou proteja-a, ou case-se com ela; nada

disso tem importância desde que esteja pronto para fuzilá-la se receber ordem. Prackle murmurou com voz cansada: "Obrigado, senhor."

O QUE FICOU DE MIM, versos de Edyla Mangabeira — Rio de Janeiro, 1943.

E' este um livro de saudades. Saudades puras e simples, como as de toda a gente, mas que bem poucos poetas contemporâneos terão traduzido de tão bela, fina, peregrina maneira... Versos superiormente sentidos e trabalhados com um esmero que lhes imprime a aparência de feitos por si mesmos, sem terem dado trabalho algum.

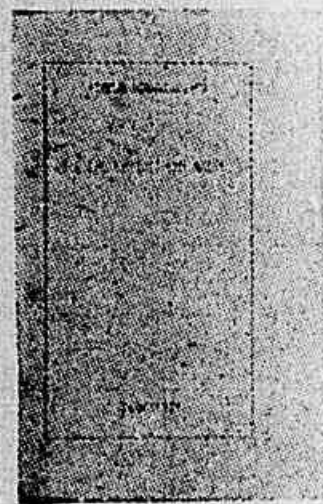
Ausente há já alguns anos da sua Bahia, do seu Brasil, a senhorinha Edyla Mangabeira diz-nos o que por aqui deixou ficar nos panoramas, na gente, nas tradições, em tanta coisa digna de ser lembrada e quanto mais de longe mais amada. E fala-nos também, ou principalmente, daquilo que, fazendo parte da sua própria pessoa, da sua alma, aqui permanece e viverá sempre. Os seus versos recordam e louvam essas imagens e essas emoções inapagáveis. Conduzem-nos aos lugares sagrados, cujo prestígio inspirador transporia todas as distâncias: à *Bahia de Todos os Santos*, à *Senhora da Glória do Outeiro*; às ruas da cidade onde vai passando a *Garota mendiga*; ao canto de praia onde dorme, exausta ou sem mais ilusões, uma velha *Jangada*; ao jardim doméstico, em cujo canteiros caiu uma *Andorinha morta* — assim, como de vez em quando, por variantes ou derivativos do sentimento, nos fazem acompanhá-los ao cenário de lenda em que se afundou a cidade cujos sinos, soando a melancolia e a morte, ecoam na música empolgante de Debussy, ou ao paraíso minhoto onde a poetisa foi, ela mesma, levada por um capítulo de prosa de Antero de Figueira, para assistir à história e ao milagre, todos os anos renovados, d'O Linho.

O livro de Edyla Mangabeira, tão fervorosa, tão requintadamente saudoso, faz-nos pensar, com uma espécie de certeza, na sua próxima volta à terra inolvidável — que também há de ter saudades dela. Vejamos a página *Bahia de todos os Santos*.

Quando elas surgiram no azul do horizonte
as côncavas velas da nau portuguesa,
a terra medrosa tremeu de surpresa
e lépida e leve trepou pelo montel
Os tempos passaram... e ela ainda espia
o rastro das quilhas que avista passar...
— Bahia de Todos os Santos — Bahia
que beija as estrêlas, que pisa no mar!

Bahia morena, cheirando a pitanga,
com um gosto de fruta, com um geito de flor
coberta de enfeites de conta e missanga
tão cheia de graça, de luz e de cor!
eu tenho nest'alma, que nunca descansa,
um par de sandálias que pisa e que dança!

Nasce na Bahia — que eu morra por lá...
que ponham meu corpo coberto de rosas
à sombra das velhas mangueiras frondosas —
que sombra mais bela no mundo não há!



J. L.

DEVERES MAIS URGENTES IMPEDEM A MANUFATURA DE PEARS...



Na atualidade não é possível obter Sabonete PEARS devido as Nações Aliadas Unidas necessitarem de certos ingredientes que eram empregados na manufatura de PEARS. Depois da guerra, porém, o Sabonete PEARS reaparecerá para os cuidados de sua outis.

UM EXEMPLO DOS ESFORÇOS DE GUERRA DA GRÃ BREITANHA:

Em média, cada homem, mulher ou criança da Grã Bretanha, direta ou indiretamente, contribui para os fundos de guerra com Cr. \$ 80,00 por semana. Na Alemanha, a média é de Cr. \$ 54,00 e na Itália de Cr. \$ 16,00.

SABONETE

Pears

— Lembre esta marca depois da guerra!

O sacerdote católico em dois romances modernos

ELZEARIO SCHMITT, Lajes

II — AS CHAVES DO REINO de A. J. Cronin.

Quasi simultaneamente com o "Diário", aparece a tradução do último livro de A. J. Cronin, "The Keys of the Kingdom", "AS CHAVES DO REINO". (2) No Brasil, este romancista tinha a seu favor, desde o início e ao contrário de Bernanos, a grande simpatia do mundo leitor; Cronin era-nos mais familiar. A aceitação de "A Cidadela", um dos maiores sucessos de tradução entre nós, levou à imediata tradução brasileira das obras completas desse admirável médico escocês, sete livros ao todo.

Bernanos e Cronin. França e Inglaterra Mentalidade, ambiente, cultura, modo de encarar a vida, os homens e as coisas, modo de pensar, "esprit" e "humour" — estes dois mundos se refletem, distintos como são, em dois romances que têm no centro, ambos, o sacerdote católico, aqui o anônimo pároco de aldeia, lá o escocês padre Francis, apresentados, o primeiro, por um católico que devota à sua Igreja um amor mais que ardente, o segundo, por um meigo, sorridente e tolerante anglicano. Há em Bernanos a alma visceralmente meridional, o sangue francês e espanhol associados: um espírito lucidíssimo, fulgurante e, o que é mais, em contínua efervescência. Há em Cronin o espírito pacato que condicionam os frios e as brumas da Escócia, que não tem por resolver muitos problemas, há a elasticidade, e por isso a universalidade de um autêntico inglês, averso ao fanatismo e à intolerância. Apesar da identidade do assunto e do resultado — a história dum padre católico "fracassado" —, não vejo semelhança possível entre os dois romances.

Antes de tudo, nós nos perguntamos como é que Cronin, sendo quem é, aproximou-se a um assunto tão delicado e que lhe era tão estranho? O seu livro não é nenhum panfleto, não foi escrito nem contra a Igreja nem contra o clero, embora haja neste romance coisas em raça tranquilizadoras... Mas há isto, o assunto é sumamente empolgante para qualquer romancista, e Cronin crê-se um homem sem preconceitos.

"As Chaves do Reino" é um romance religioso. Mas é tão palpitante e tão genial como os melhores romances profanos. Foi escrito com grande simpatia para com a obra missionária do Cristianismo! Porém Cronin, o protestante, escolheu um missionário católico, e serviu-se deste assunto para, sem disfarce algum, manifestar o seu desagrado pela "intolerância" e a "mesquinhês" de certos ministros da Igreja Católica, não indignos de sua santíssima eleição, mas...ridículos. Em que grau Cronin se sente atraído para a Igreja Católica e em que medida extravazam no romance certos ressentimentos, — quem poderá sabê-lo?

A leitura do livro insinua uma e outra coisa; porém, nada prova. A esses ministros Cronin opõe o padre Francis, um padre *sui generis*, mas um herói! Assim, o romance, por um lado, é negativo; por outro lado, é a glorificação do Sacerdócio Católico! A leitura repetida leva-me à impressão de que é só de dentro desse espírito de simpatia, condimentada com o *humour* inglês, que se pode julgar este por vezes estranho romance. A simpatia não exclui ignorância e não exclui erros. Mas exclui cinismo. *Tout comprendre, c'est tout pardonner!* Restava provar em que medida a mesquinhês e o ridículo não correspondem à realidade...

Engrandecer o herói, fazendo-o inatingível a todos os outros personagens secundários, é um processo literário a que todo romancista tem direito, independente mesmo de qualquer base na realidade. Mas é que esta base sempre existe! Foi a técnica de que Cronin lançou mão, ainda que mais finalmente, na sua autobiografia "A Cidadela", com relação a outra classe social, a dos médicos. Não vamos supor em Cronin grandes conhecimentos da constituição interna da Igreja, da disciplina eclesiástica e da liturgia. (Também há uns equívocos de tradução, entre outros: "cura" em vez de "coadjutor" ou "cooperador", que espécie de "viático" é o que se põe por cima dos ombros?; nós dizemos "Santo Padre" e não "Padre Santo".)

Deus escolhe os ministros de sua Igreja entre todos os povos, e a cada um segundo os dons e as "particularidades" que a ele pessoalmente e a seu povo foram dados. Na Alemanha e na França — exemplifiquemos — um sacerdote inglês ou americano facilmente "se compromete" com suas idéias e suas maneiras, porque o clero alemão ou o francês foram educados dentro dos moldes da mentalidade que a seus povos corresponde, e que não corresponde aos largos moldes anglo-saxões. Não existiria, sem isso, a catolicidade da Igreja de Cristo! Os tipos sacerdotais dos romances de um Ludwig Mathar e mais ainda os de Bernanos estão muito distantes do padre Francis e de seus colegas. Estão-lhe mais próximos, porém, os de Timmermans.

Temos portanto a história de um sacerdote que por seu bispo é enviado à China, como missionário, gastando na Ásia os 36 anos de suas melhores forças. Sua estranha tolerância — é este o "escândalo" —, como toda a sua vida, é reflexo direto da juventude, quando, filho de pai católico e mãe protestante, a perseguição aos católicos em sua terrinha o impressionara muito vindo-lhe, "como lâmina que penetrasse no fundo de seu ser...", o pensamento doloroso, de que a simples palavra "religião" surgissem tantos ódios, simplesmente porque cada um louvava a Deus com expressões diversas. Este ódio religioso foi a causa da morte do pai, por estranha fatalidade, também da mãe, que morreram abraçados num rio... Teve adolescência nada rósea na orfandade, na padaria do avô que era pregador protestante, sujeito ao gênio irritante da avó que não lhe queria bem. Até que enfim a boa tia Poly veio buscá-lo, fazendo-o recuperar as forças perdidas na padaria e curar-se duma infecção pulmonar. Procede ainda a sua tolerância dos sofrimentos e vexames a que se julgava exposto, permanentemente, um tanto já no Seminário, e depois no ambiente estreito de dois presbitérios pouco exemplares em sua pátria.

Este livro, ao contrário do de Bernanos, está repleto de acontecimentos, que se sucedem com rapidez.

Analisemos o romance.

O tio e a tia enviam o menino para o seminário de Holywel, crendo ter descoberto nele aptidões para o sacerdócio. Aqui, Francis deixa num diário os seus mais íntimos sentimentos. Não se sente avesso nem à piedade nem ao estudo. Não se crê, porém, "uma dessas juventudes consagradas, que murmuram preces desde a infância." Sente uma repulsa íntima ao vêr o mestre do noviciado em êxtase... Dança-lhe na fantasia a figura de Nora — grande espantalho sua companheira de brinquedos em Tynecastle, a qual uma vez o beijara num celeiro de maçãs. Sente-se impellido, é verdade, para o serviço de Deus. "Há, porém, um obstáculo, diz o diário. Este obstáculo é Nora. Devo ser honesto."

Para encher o capítulo, Cronin introduz uma cena burlesca: o diretor do Seminário, Mac Nabb, após uma pesca dramática e longa com Francis, atravessa despido o rio, afim de, em carreira desabalada pelos prados, chegar a tempo para a recepção do bispo. A este respeito, há depois no diário de Francis, considerações que nós chamaríamos de impróprias... Após o suicídio de Nora, tragédia fulminante, em que não entramos de amor por Francis, o rapaz reconhece neste segundo grave golpe de sua mocidade o dedo de Deus... Decide-se definitivamente para o sacerdócio. Não creio que Cronin queira insinuar aqui malevolamente, que toda vocação religiosa se origina de um

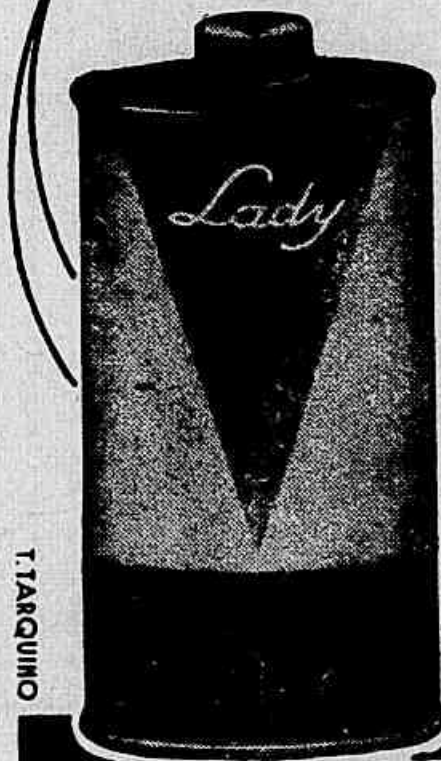
(Continua na página 39)

(2) Tradução de Ilka Labarthe e R. Magalhães Junior. Livr. José Olímpio Editora. Rio, 1942.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



As crianças gostam e os adultos preferem, após o banho, o Talco Lady, como complemento necessário à higiene da pele, nos dias quentes para refrescar e perfumar o corpo.



TALCO
Lady
REFRESCANTE * BÓRICO * PERFUMADO
À VENDA EM TODO O BRASIL

Puberdade?
IDADE PERIGOSA

em que muitos jovens se vêem atacados de anemia, e de clorose. É preciso fortalecer o organismo, enriquecer o sangue. A EMULSÃO DE SCOTT — a maravilhosa combinação do óleo de fígado de bacalhau com cálcio e sódio — revitaliza e robustece. Em qualquer época, não há substitutos para a



EMULSÃO DE SCOTT
Tônico das Gerações

ESCRAGNOLLE DORIA

No Sólido do Rio de Janeiro

Após vacância breve de sólido arquitepiscopal seu, o Rio de Janeiro recebe, à **sacerdos magnus**, quarto arcebispo, escolhido sem dúvida no pesar de razões característico do decidir da Santa Sé. A Igreja repele o atabalhoado logo escorregadio no erro.

O sucessor religioso presente enseja voltar ao passado, imposto este pela síncope atual da civilização. Para prová-lo editam-se a granel as vidas de figuras ilustres de antanho, mesmo as da mais remota antiguidade. Reeditam-se livros antigos, fac-similam-se outros. O teatro leva peças de velho repertório ou bota em palco peças novas de assunto histórico. Palhetas buscam reproduzir cenas de tempos idos; tudo indicando urgência de um desafoço geral, numa espécie de Renascimento no ir e vir da História.

No meio de tanto ressurgir de melhores quadras e de melhores quadros humanos não destoa agora a recordação da prelazia, bispado e do arcebispo do Rio de Janeiro num Brasil descoberto por gente cristã, crescido à sombra do mais imortal dos madeiros.

Até meados de 1575 a cidade do Rio de Janeiro sujeitou-se à atividade espiritual do bispado da Bahia. Gregório XIII, antes o cardeal Buoncompagni, pontificou em 1575, reinante em Portugal D. Sebastião o Desventuroso, ao invés de D. Manoel. Entendeu o papa reformador do calendário criar uma prelazia na cidade que como se lhe não bastasse o nome de um santo, S. Sebastião, também lembrava o nome de um rei.

Terras e terras formaram a prelazia do Rio de Janeiro estendida litoraneamente da



D. JOÃO ESBERARD

1.º arcebispo do Rio de Janeiro
(Barcelona 1843 — Rio de Janeiro 1897)

costa do Jequitinhonha ao Rio da Prata. Pelo interior corria orla marítima até as ratas do Brasil com as vastas possessões da América Espanhola, diversa de Montevideu, outrora parte da prelazia do Rio de Janeiro. Em 1575, territorialmente, se cortava largo.

Quando por diversos motivos vagava prelazia do Rio, a regiam vigários gerais de nomeação do bispo da Bahia, designação antecipada do próprio prelado carioca ou eleição pelo clero da cidade. A tais vigários gerais atribue Monsenhor Alves a qualidade de quasi capitulares.

Nove prelados assistiram no Rio de Janeiro, seis deles os vigários gerais substitutos. A maioria dos prelados se achou toda, como era natural, do clero português. Não os escolheram entre quaisquer, sim entre bachareis formados ou doutores em canones, o prelado Souza e Almeida opositor ou aspirante a lente na Universidade de Coimbra.

O último prelado do Rio de Janeiro, o padre Francisco Silveira Dias, foi nele nascido, sendo doutor em teologia. A história da prelazia carioca, a existência dos seus prelados registram diuturna série de lutas contra inimigos de vária ordem, para vencer lançando mão até de atentados à vida: dos contrários.

Em Novembro de 1676 desaparecia a prelazia cuja história deixou sulco no romance nacional. Já de há muito contava o Brasil bispado único, o da Bahia, quando Inocência XI, no próprio ano da sua elevação à tiara, subiu o bispado nortista a arcebispo, erigindo em bispados as prelazias de Olinda e do Rio de Janeiro. Continuou esta com a extensão da sua velha prelazia, diminuída pouco a pouco pela criação de novos bispados e novas prelazias.

Onze bispados teriam cura de almas no Rio de Janeiro por espaço de mais de dois séculos. O primeiro bispo da diocese nascida em 1676 veu da ordem dominicana. D. Frei Manoel Pereira não chegou à diocese, pois sagrado como a ela renunciou. O povo carioca ficou sem entrada solene de bispo até 13 de Junho de 1682, então a tendo por chegada de pastor. Foi D. José de Barros de Alarcão bispo do Rio por dezoto anos, deixando a S. Paulo um Recolhimento nele bem lembrado, o de Santa Teresa.

Sepultaram D. José, como pedra, no presbitério do mosteiro de S. Bento, onde contudo não lhe ficaram os restos mortais levados para Sacavem, no derredor de Lisboa. Criação do bispo Alarcão, a freguesia carioca de S. Tiago de Inhauma assinava-lhe memória.

Entrada segunda solene teve o Rio de Janeiro ao acolher terceiro bispo, D. Frei Francisco de S. Jerônimo. A solenidade episcopal em tempo de pouco pasto a desejo de ver e saber público, notar-se-lhe a seixo branco, com o qual os romanos marcavam dias felizes, de certo o número dos dias inferior ao dos seixos.

D. Francisco tomou residência em casa nobre do morro da Conceição, e a casa tomando nome de palácio, serviria de morada aos bispos da diocese até tempos próximos dos de hoje.

A cidade agradeu-se do seu bispo, laborioso, caritativo, inclinado à pobreza, difusor da religião, só em Minas criando quarenta freguesias e no Rio a de N. S. da Ajuda na ilha do Governador. Subido a otogenário, D. Francisco foi o primeiro bispo enterrado na capela privativa do palácio da Conceição. Fizera casa para sepultura.

Sucedeu-lhe, em 1722, D. Frei Antonio de Guadelupo. Trocou lugar de magistrado por burel de monge, trocando também a claudicante humana justiça pela segurança da divina.

As entradas solenes dos antecessores de D. Antonio e a dele se haviam realizado na Sé da Igreja de S. Sebastião do Castelo. Conseguiu o quarto bispo a transferência da catedral para o templo da Santa Cruz dos Militares, tão de beira águas, como ainda o prova o campanário da Igreja voltado para o mar.

Os serviços episcopais de D. Antonio foram grandes, cuidando o bispo do perto e do longe, assim Golaz lhe devendo a criação de várias freguesias.

Transferido para o bispado de Vizeu, D. Antonio chegado a Lisboa expirou cinco dias depois. O Rio de Janeiro sentiu-lhe a morte, concorreu às suas exéquias, o bispo na pátria sepultado em cova rasa de convento franciscano.

Sucessor de D. Antonio, o carmelita descalço, Frei João da Cruz, não se saiu bem do episcopado. Condenaram-o depois os próprios autores eclesiásticos, fiéis à declamação de Leão XIII de se não arrepiar a Igreja da Verdade; declaração daquele papa ao abrir os arquivos do Vaticano. Não o dizemos pela primeira vez, nem pela última. Figura de retórica, a repetição sobre a memória humana faz as vezes do martelo aprofundando o prego.

Voltando ao quinto bispo do Rio de Janeiro, D. João da Cruz, o diremos transferido para o bispado de Miranda, nele se não emendou, por entrar em vexações contra as religiosas do convento da cidade transmontana. Obrigou as freiras a irem, de cruz alçada, a protesto até a presença do rei e do geral da sua província. As boas instituições podem ter servidores que as comprometam, na possibilidade de errar que avulta no homem.

O sexto bispo do Rio de Janeiro foi o monge beneditino D. Frei Antonio do Desterro. No seu munus episcopal se realizaria a divisão da extensa diocese do Rio de Janeiro, divisão desde muito reclamada. Na diocese do Rio proviriam dois bispados, os de S. Paulo e Mariana, duas prelazias, as de Goiaz e Mato Grosso.

Longa a lista dos serviços de Frei Antonio do Desterro ao Rio de Janeiro onde exerceu interinamente o governo da capitania e como o bispo já exercia um primeiro governo espiritual é de crer que com gosto se houvesse do civil.

Hospital Frei Antonio chama-se hoje a Casa dos Lázaros em testemunho do quanto o bispo se apleidou de enfermos aos quais toda assistência é devida e a benefício dos quais toda caridade é pouca.

Pesando-lhe a idade e os achaques, D. Frei Antonio pediu e recebeu bispo coadjutor, trazido a tal dignidade D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castelo Branco, natural do Rio de Janeiro e, como os bispados antecessores, de estudos universitários coimbrões.

D. José Joaquim não teve tempo de auxiliar D. Frei Antonio. Quando conduziam este a sepultura no mosteiro de S. Bento no Rio de Janeiro, achava-se aquele em Lisboa. Atravessou Atlântico já bispo não mais *in paribus infidelium* como antes o fora de Tipassa.

Na fé de ofício episcopal de D. José Joaquim, se inscreve a inauguração do convento dos carmelitas descalços no morro de Santa Teresa, parte alpestre pequenina do Rio de Janeiro. Neste ficou por muito tempo a lembrança do seu sétimo bispo num largo chamado da Mãe do Bispo por ter residência no local a progenitora de D. José Joaquim. As transformações urbanas cariocas o riscaram. Era próximo da Igreja Anglicana inglesa, prestes a sumir-se. E' muito do homem o prazer infantil de destruir para ver o que há dentro dos brinquedos, o vasto quasi sempre.

Oitavo bispo do Rio de Janeiro, o lusitano D. José Caetano da Silva Coutinho chegou ao Brasil em 1808 quando o Brasil ia amanhecer para reino e depois para sol alto de um império solitário na América por muito tempo.

A vida de D. José Caetano repartiu-se entre o sólido e o século. Inaugurador da Capela Real, nesta, quando Imperial, sagrou D. Pedro I e batizou D. Pedro II. No século chegou a presidir a Constituinte de 1823 e a senador vitalício por S. Paulo.

Correu D. José Caetano todo o seu bispado até o Rio Grande do Sul onde passava deixando creadas freguesias e capelas. Findaria seus dias no Rio de Janeiro dos dias da Regência, em 1839, tendo todo ensejo de ver um sacerdote regente do Império, o padre Feljó, inquieto na Igreja e dando-lhe pezares.

Na minoridade de D. Pedro II o regente Araujo Lima apresentaria a Gregório XVI para bispo o seu comprovicario de Pernambuco D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, clérigo secular do hábito de S. Pedro.

Antes de D. Manoel fora apresentado para bispo do Rio de Janeiro o padre Antonio Maria de Moura, mas à vista de suas opiniões contrárias às doutrinas à Igreja a Santa Sé não o confirmou, como a mesma não se mostrou de boa sombra a Feljó indicado para bispo de Mariana. O padre Moura, lente da Faculdade de Direito de S. Paulo, e aí lendo em várias catedras, faleceria em 1842.

D. Manoel do Monte, nono bispo do Rio de Janeiro, foi o varão justo das recomendações do Evangelho e como todo o justo foi provado. Manso e bom, não podia deixar de ser enganado o bispo conde de Irajá. "Prefiro, dizia, ser enganado a julgar injustamente quem me busca". Aos pobres aos quais sempre acudia, vendo-se deles cercado, chamava "a sua guarda de honra".

Décimo bispo do Rio de Janeiro, o carioca, D. Pedro Maria de Lacerda, por efeito da proclamação da República em 1889, seria o último bispo capelão-mór do Império, nele conde de Santa Fé, tendo então onze colegas de episcopado, vaga a diocese do Rio Grande do Sul.

Foi D. Pedro Maria presente ao Concílio do Vaticano, em 1870, reunido para proclamar a infalibilidade do papa em matéria de fé e de costumes.

O undécimo e último bispo do Rio de Janeiro, por óbito de D. Pedro Maria em 1890, foi D. José Pereira da Silva Barros, antes bispo de Olinda e depois conde de Santo Agostinho. Passa confraria, e não sem desgostos, o sólido do Rio de Janeiro, passado a arcebispo de Darnis.

No mesmo ano da morte de D. José, na terra natal, Taubaté, Leão XIII, o papa de traços tão espiritualizados na velhice, elevou o bispado do Rio de Janeiro a arcebispo em 27 de Abril de 1892; procedendo ao mesmo tempo a grande remodelação eclesiástica no Brasil onde o Estado se separara da Igreja.

No sólido arquitepiscopal do Rio de Janeiro foi provido D. João Fernandes Esberando, de nação espanhola, mas desde terra idade no Rio de Janeiro, a ele trazido por progenitores e vivendo longamente em nossa capital. Dotado de eloquência, ilustrado, D. João manejava a pena para linguagem vernácula elegante sobre castiça.

(Continua na página 42)

FOTO
VOLTAIRE FRAGA

LARGO DOIS DE JULHO

LEMBRA um dos leões da coluna de Nelson, no famoso Trafalgar Square, de Londres. Mas as palmeiras bonitas, as árvores bojudas fazendo um pano de fundo de verduras tropicais e este céu de nuvens tão finas e este sol espalhado às soltas pela areia dourada desmentem logo a sugestão.

Largo Dois de Julho, na Bahia. É um dos leões que estão velando, na sua infatigável vigília de bronze, aos pés do caboclo, que todos os anos, pela data magna da crônica local, sai em charola, até a Lapinha, a reverenciar a memória do General Labatut e dos outros heróis de Cabrito, Pirajá e Itapavica, esses todos que varreram, a penta de brioneta e roncões de canhão, os soldados do português Madeira, para longe das costas brasileiras.

O poeta máximo da raça deixou no tro bronze, mais puro ainda e mais persistente, de suas estrofes imortais, a legenda para o grandioso monumento, que é um dos mais belos e imponentes do Brasil:

ERA NO DOIS DE JULHO. A PUGNA
IMENSA
TRAVAVA-SE NOS CERROS DA BAHIA...
O ANJO DA MORTE PALIDO COSIA
UMA VASTA MORTALHA EM PIRAJÁ...



Nossa Terra

Os descendentes dos heróis de 1843 brincam hoje, na ressonância das glórias preteritas, à sombra do belo conjunto de marmore e de bronze que dá o tom imanente da história ao jardim bahiano, tão vasto e tão belo quanto um parque inglês. Em roda, passam os bondes dos deliciosos arrabaldes praieros, Barra, Rio Vermelho, Amaralina; chispam os automóveis que vão levar ao Farol de S. Antonio ou ao Cristo da Barra os viajantes de passagem pelo porto. Mas, hoje, isso também é quasi, melancolicamente, outra página da história. Há mais de ano os piratas do Eixo puseram tocaias nas esquinas de todos os mares, as gostosas aventuras das viagens de prazer fizeram uma pausa até que de novo possam os barquinhos de recreio cruzar a toalha azul das ondas, para a alegria de visões como esta, que jamais deixarão a retina dos que a tiveram um dia, dentro da maravilha estival das manhãs do Brasil.

• • • •

NOITE DA VALSA

No Clube Ginástico Português

Na esplanada do castelo, onde outrora como imenso cosmorama voltado para o mar, eternamente a ouvir-lhe a música grandiosa e a sentir a carícia leve da briza, se mostrava ao sol a graça exuberante e virgem da natureza, ergue-se plantada pela mão do homem uma floresta ciclopica de ferro e cimento armado crescendo para o céu como um desafio.

Bem poucos acreditariam fosse possível restaurar ali a fidalga beleza das noites preteritas. Quando o luar escorria como filigrana de rarissimo lavor e a serenata acordava romances, subindo para o azul purissimo dos céus como incenso de lenda.

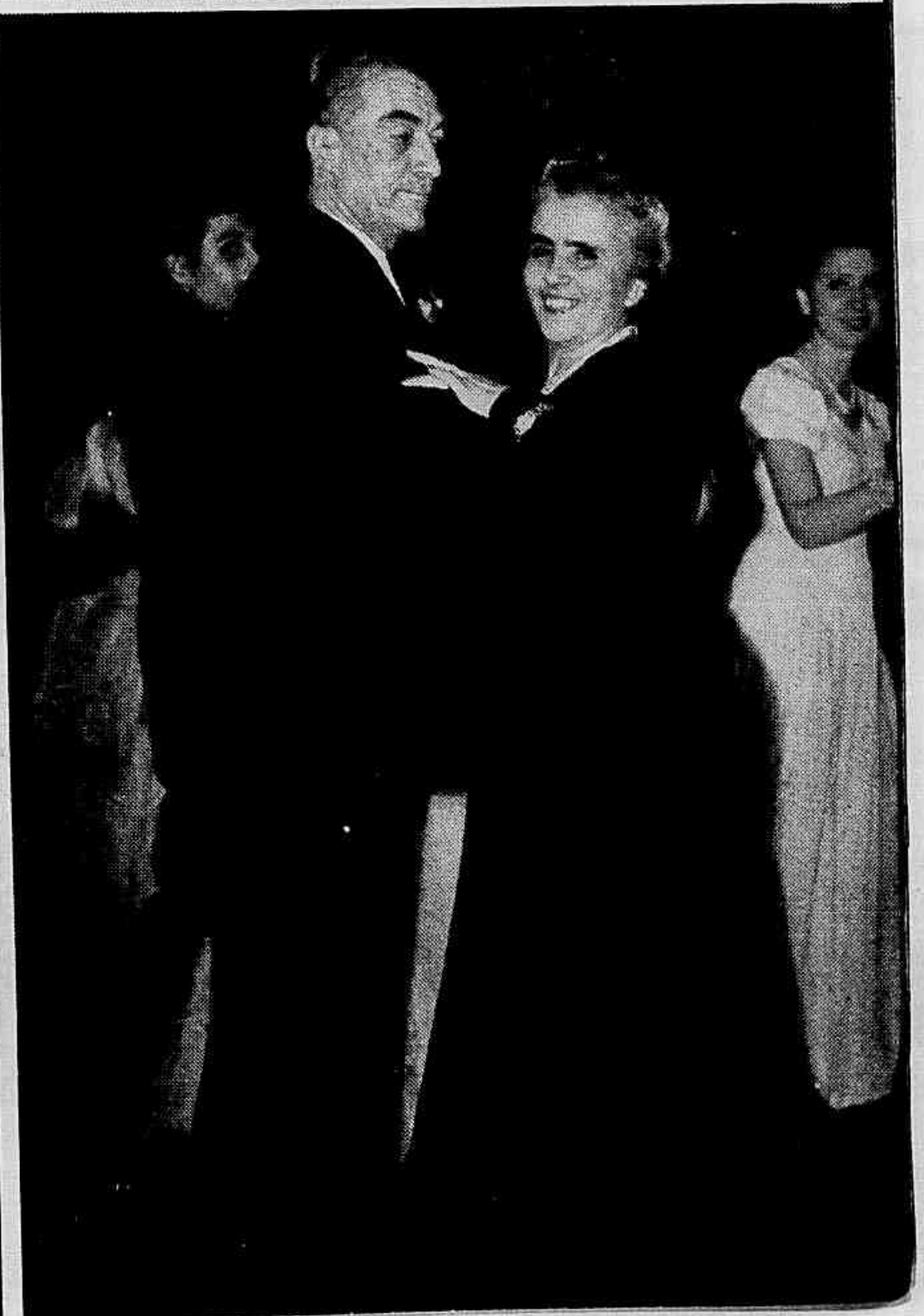
Mas para supremo enlevo dos que guardam a memoria de dias mais claros, de noites inundadas de estrelas, cheias do limpido rumor de risos des que scuberam encontrar na vida um pouco de sonho, o Clube Ginástico Português abriu os salões para a Noite da Valsa, perfumada de lirismo e pontilhada de serho. O Rio de ontem, ingenuo e pro-

vinciano, de amores vividos á sombra dos longos beirais das casas coloniais, com frases murmuradas a cusio e como que a medo, reviveu poelico de um passado esranhamente fascinante.

Distinguimos em meio á elegancia dos que se entregaram, por instantes, que a musica tornou supremos, á suave caricia de uma noite feita de encantamento, as senhoras:

Monteiro de Rezende, Ailda Novais, Izéa Sobral, Belmiro Monteiro, Agostinho Taveira, Fernando Peulhosa, Arminda Iefevre, e as senhoritas: Rosele Amaral, Elza Janeiro, Liberia da Silva Pires, Arlete e Alzira Pereira, Neide Coelho, Rosa Pinto, Nêa Martins Costa, Gilda Helena, Maria da Gloria Monteiro, Maria de Lourdes Rodrigues, Alda de Souza, Elza, Judite, Irene e Edite Mendes Martins, Maria de Lourdes Fonseca e as graciosas Côrte Real.





Bate-marco de Guerra

LEGENDAS DE SONIA REGINA
Desenho de LUIZ GOULART

NA FRENTE RUSSA

Trocadilhos infames:

Hitler depois da derrota de OREL passou a figurar, no conceito alemão, como O...RE'U.

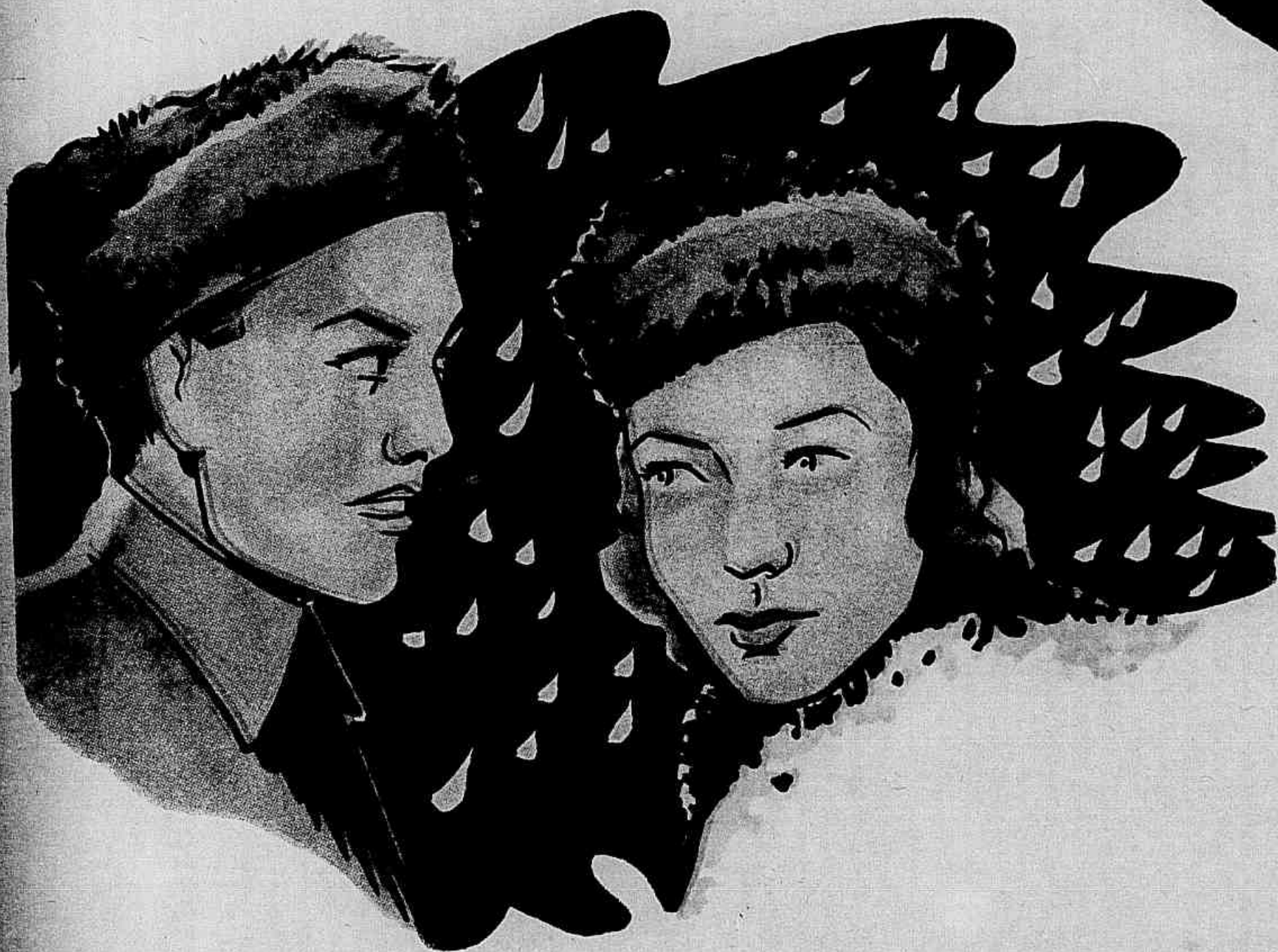
— Já não restam nem o *Hans* nem o *burgo*.

Hitler só escreveu *Minha Luta* porque o Deão de Canterbury bancou o U. R. S. S... O, não o avisando a tempo sobre o *Poder Soviético*.

— E de Hamburgo?



O amor comentando tristonho:
— Na Sibéria, sorvete é vulcão...



— A qual prefere: Tolstoi ou Dostoi-ewsky...

— Francamente, querida, prefiro *Vodka* e *Balalaika*.



— O seu paiz é paradoxal.

— Porque?

— Porque para combater o frio da Rússia só mesmo a quentura do beijo de uma russa.

MERCEDES BOGARÍ

Ranulfo Trata

A chegada da artista em Lagarto produziu um verdadeiro alvoroço. Minutos depois dela ter-se apeado à porta do hotel, cansada e abatida por ter percorrido um longo trajeto em condução daquela ordem, um velho burro quasi manco, já toda a cidade sabia.

A notícia correa como correm as de catástrofes. Nas ruas por onde passara atraía muita gente às janelas, e, ao entrar no hotel, foi acompanhada por meia dúzia de curiosos mais audazes.

O Libânio, o proprietário, recebeu-a cerimoniosamente, procurando falar com acerto e aparentando boas maneiras. Alguns dos curiosos, o Zéca Batista, o Juca Barreto e o Afonsinho não a deixaram recolher-se logo ao quarto. Ficaram p'ra ali, a conversar, entre copos de cerveja indagando dela si trouxera bom repertório, do número de espetáculos que pretendia dar, dos lugares onde havia estado, etc...

O Juca não tardou em fazer-lhe muitos oferecimentos. Estava pronto para a servir e adjutar. Era natural. Ela se achava em terra estranha, sem conhecer ninguém, e precisando do público, do grande público... Que se não incomodasse com os bilhetes do espetáculo em seus benefício. Passaria todos eles, contava com muitos amigos, seria coisa fácil.

O Zéca fez ver as dificuldades de se arranjar uma boa orquestra. O Filemon, o melhor clarinete que Lagarto possuía e de quem muito se orgulhava, estava acamado, com um leicença a comer-lhe a banha farta do abdome; o Hipólito, ótimo piston, viajara para Aracajú, onde naturalmente se demorava, pois fora a negócios políticos; não se fiava nos outros... Afonsinho lembrou o Romualdo e o João Bispo. Havia de se conseguir, nem que fosse fazendo dois ensaios diários.

O Libânio prontificou-se a ir tratar com o dono do teatro, acertar o aluguel, retirar a licença e mais coisas que fossem precisas. O Juca Barreto adiantou-se, porém, e disse que não, que ele mesmo iria quando dali saísse. Pediria particularmente ao "seu" Sales que mandasse dar uma mão de cal no interior do prédio, estava sujo, havia tempos que

O moço dentista, que era tratado por doutor João, tinha umas maneiras polidas tistas muito aplaudidos e amados. Ninguém falou do incidente quasi sangrento que tivera o Juca com o duetista, por causa da conquista que lograra fazer da companheira. Lembrou-se dele o Libânio, que já via nas gentilezas do Barreto um começo de côrte à recém-chegada.

Áfinal, depois de algum tempo, Mercedes pediu licença e se foi para o quarto, arrastando o seu gordo corpo estandegado e suarento.

Era mineira, de Januária. Filha de pais paupérrimos, fora "dada", quando menina, a uma comadre de sua mãe, proprietária de um hotel que vivia atulhado de gente de toda espécie. Chamava-se, nesse tempo, Maria Guilhermina.

Trabalhava a mais não poder.

Quasi todo o serviço da casa pesava sobre os seus ombros de rapariga de doze anos: jantares para quem chegava e saía, celas fora da hora, leitões para não sei quantos, um horror! Cresceu naquele mourejar infernal, assediada por todos os lados, ouvindo todos os dias os maiores insultos à sua adolescência virginal e pura. Evitava este, fugia daquele, reagia àqueloutro. Foi desse jeito que, sem se sepultar na deshonra, completou os dezessete anos.

Mas o homem fatal chegou um dia, trazendo um gabinete dentário e hospedando-se no hotel.

se não abria para receber artistas. Os últimos que lá estiveram foram os "Rosas" due- que encantavam, um sorriso gentil e um porte elegante e simpático. O seu modo de falar, então, mavioso e doce, prendia e cativava.

Com o andar do tempo veio a convivência, e com ela a intimidade. Um dia, ao entrar no quarto e dando com Guilhermina a arranjar a cama, o doutor sentou-se de lado e disse compungidamente:

— Coitada de ti, Maria! Tão moça, tão bonita e tão boa, a levar uma vida que os cães enjeitariam! Como a sorte é injusta e o destino mau!

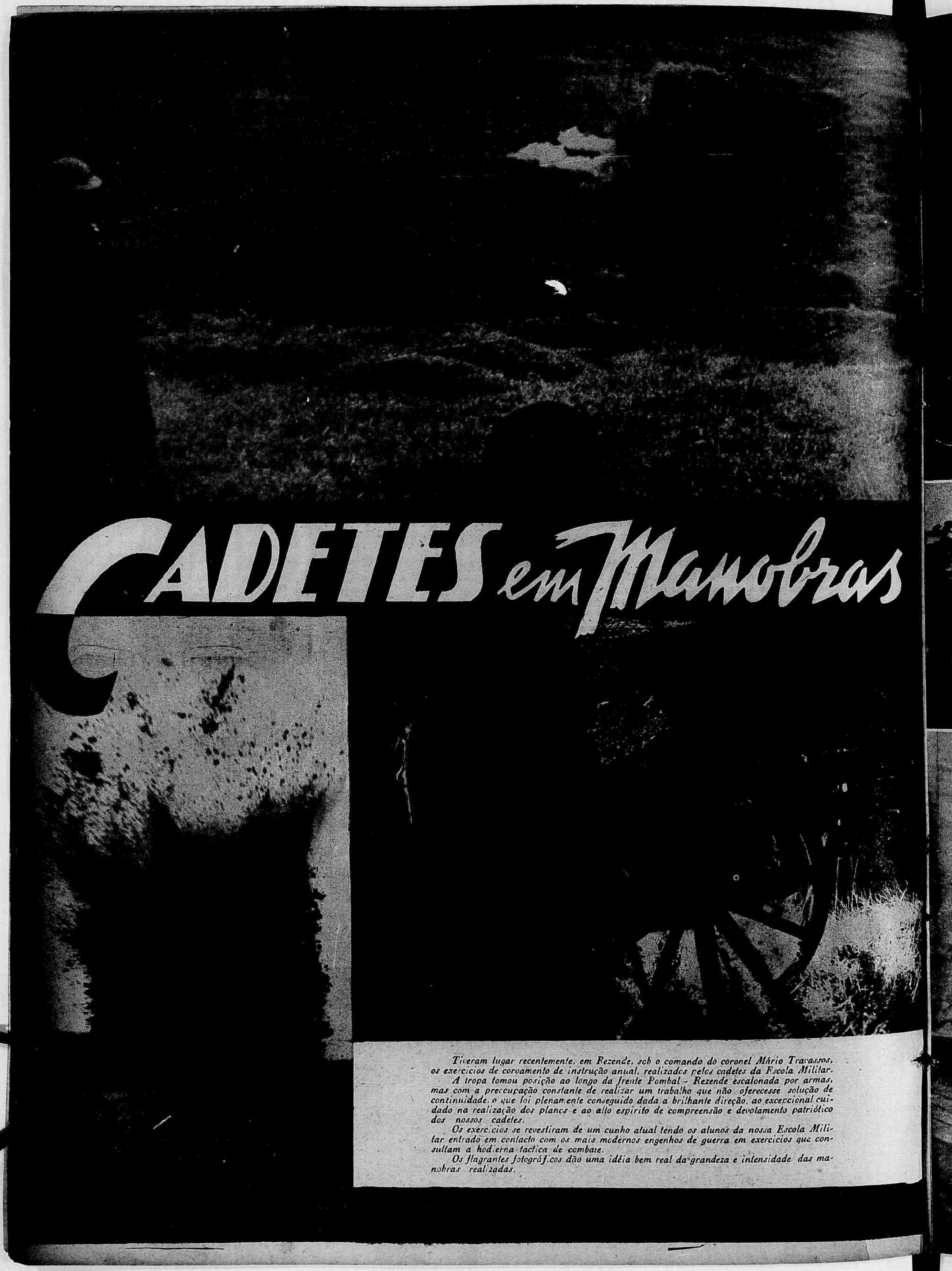
Maria Guilhermina levantou os olhos do lençol que estendia sobre o colchão, e pousou-os aguados no rosto daquele que pela primeira vez na vida lhe dirigia palavras tão carinhosas e meigas.

Vencem os homens as mulheres de todo jeito: com a carícia, com a inteligência, com o dinheiro, com a pancada e com a piedade.

(Continua na pag. 40)

Contados bem direitinho tinha aquela mulher cincoenta e oito anos de idade e quarenta de palco.



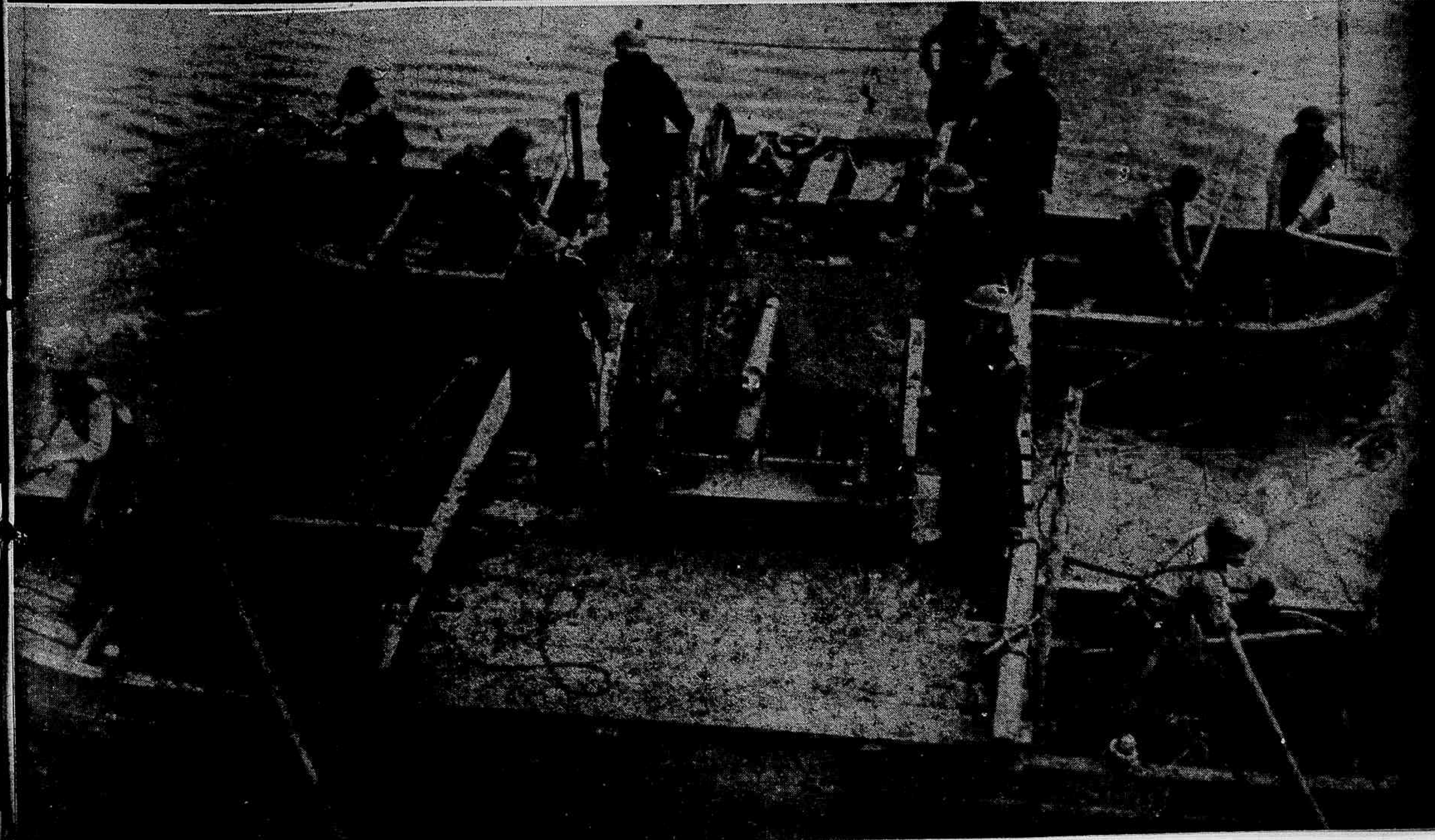
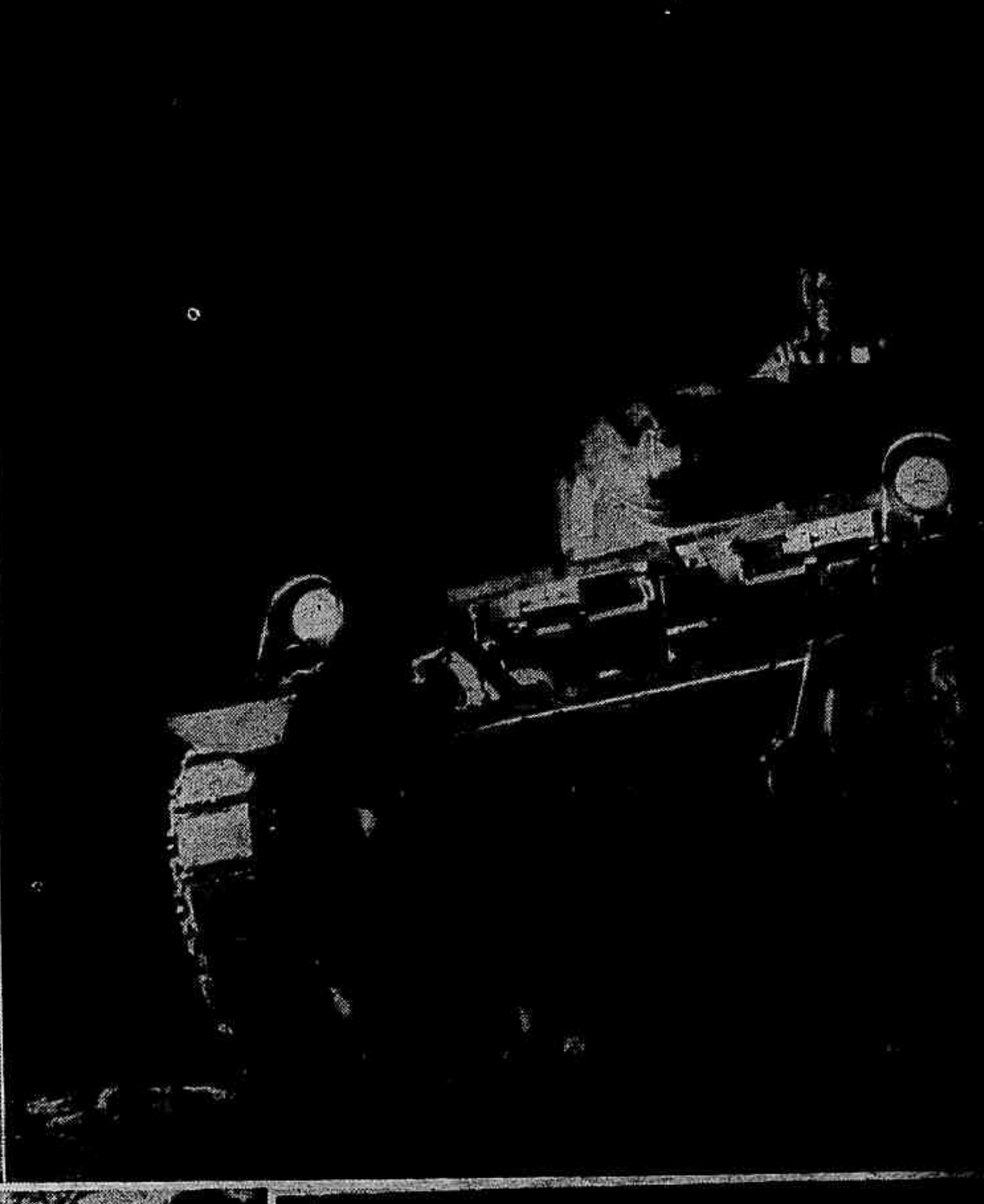


CADETES em Manobras

Tiveram lugar recentemente, em Rezende, sob o comando do coronel Mário Travassos, os exercícios de coroamento de instrução anual, realizados pelos cadetes da Escola Militar. A tropa tomou posição ao longo da frente Pombal - Rezende escalonada por armas, mas com a preocupação constante de realizar um trabalho que não oferecesse solução de continuidade, o que foi plenamente conseguido dada a brilhante direção, ao excepcional cuidado na realização dos planos e ao alto espírito de compreensão e devotamento patriótico dos nossos cadetes.

Os exercícios se revestiram de um cunho atual tendo os alunos da nossa Escola Militar entrado em contacto com os mais modernos engenhos de guerra em exercícios que consultam a moderna tática de combater.

Os flagrantes fotográficos dão uma idéia bem real da grandeza e intensidade das manobras realizadas.





Todos sabem o que foi a epopéia das tropas britânicas perseguindo o inimigo através dos areais da Líbia e da Tripolitânia e do território tunisiano. Mas para que os soldados de Montgomery conquistassem os louros da vitória foi necessário que, na frente interna, outro exército trabalhasse abnegadamente na produção de armas, munições, no cultivo dos campos, no transporte, e cooperasse na defesa do sul.

E, nessa frente interna, convém recordar o papel relevante desempenhado pela mulher britânica, não esquecendo igualmente a sua parte nos hospitais de sangue e nos hospitais metropolitanos, cuidando dos feridos e convalescentes. A cooperação feminina destaca-se, pois, em muitos campos.

Nas fábricas de toda a espécie — de canhões, metralhadoras, aeroplanos, tanks, caminhões, munições e de todas as demais supridoras bélicas — há, entre as trabalhadoras, desde jovens de 18 anos até mulheres de 65, cujos pais, irmãos, noivos ou maridos lutam na linha de frente em defesa da civilização.

No transporte, auxiliam por exemplo na entrega de aviões, pilotando-os desde as fábricas produtoras até os pontos designados pela RAF. E não se pense que seja uma tarefa fácil. Com efeito, sobrevoam

A mulher britânica participou da

Na Campanha
CONTRA A MORTE



LMS
993 G

Na defesa
da
FRENTE INTERNA

Na luta
dos
TRANSPORTES

ITÓRIA do DESERTO

o país a todas as horas do dia e da noite, quaisquer que sejam as condições atmosféricas, conduzindo quer um gigantesco bombardeiro quadrimotor, quer um caça de um só lugar. Ajudam igualmente como condutoras de caminhões, onibus e ambulâncias, liberando dessa maneira milhares de homens para o serviço ativo.

Nos campos aram, semeiam, ceifam e recolhem as colheitas, e é em grande parte graças a elas que o país teve a sua produção de gêneros alimentícios aumentada ficando assim poupado nos navios mercantes um espaço precioso para o transporte de outros suprimentos vitais para os teatros de luta.

O seu papel é ainda importante na defesa civil. Realmente, nas baterias anti-aéreas, as auxiliares femininas manejam todos os instrumentos de um canhão, salvo o próprio canhão. Lidam com balões de barragem, cooperam em vários serviços militares e navais, trabalham nos correios e telegrafos, servem em creches, e até nas cozinhas dos acampamentos sua contribuição é notável.

Tão valioso como em qualquer outro terreno é o esforço feminino nos centros de saúde os hospitais, havendo muitas mulheres médicas que trabalham nos diversos serviços auxiliares, adidas ao exército, às marinhas de guerra e mercante e à força aérea. Outras ainda partiram para os hospitais de sangue, no ultramar onde, enfrentando toda a sorte de perigos, calmas, abnegadas, eficientes, muitas delas cuidaram com desvelo de heróis desse famoso 8.º exército, caído sob o fogo inimigo.

Por que devemos saber história

De Allan Nevins, professor de História da Universidade de Columbia.

Nenhuma pessoa de responsabilidade pode encarar com displicência a exposição do *New York Times* sobre a ignorância dos bachareis de colégio acerca dos aspectos importantes da história americana. O espanto e a angústia expressos por educadores proeminentes, líderes no Congresso, e outros homens públicos provam-no á saciedade. O que assusta estes observadores não é apenas a cegueira que confunde William James com Jesse James e coloca S. Luís no Atlântico, mas a incapacidade dos moços para colher no passado do país uma compreensão do sentido da América na história mundial.

Ainda sob este aspecto, a revelação feita pelo inquérito do *Times* foi péssima. Devemos lembrar, no entanto, que lidava com um grupo favorecido, os bachareis de colégio. Estes jovens tiveram o benefício de quatro anos de escola superior; e foi realmente nos últimos dois anos que a maior parte das intuições realmente efetivas sobre a história americana foram produzidas. Um verdadeiro exército de moços tiveram de abandonar as escolas antes de alcançarem estes dois anos. Teriam ou não podido receber um pouco de história americana nos dois últimos graus. De acordo com o boletim n. 6 da Secretaria Federal de Educação, 1938, um quarto dos alunos abrangidos num inquérito não estavam recebendo lições de história americana em qualquer grau. Cerca de um oitavo das escolas que ofereceram cursos no sétimo e oitavo graus deram-nos apenas por metade do ano. Podemos prontamente imaginar que respostas poderiam advir daquêles que não tiveram nenhuma noção de história, e pouca ou nenhuma nos graus superiores.

Qual é a raiz da dificuldade? Para responder a esta pergunta em concisão e brevidade teriam s de simplificar um problema difícil e complicado. Muitos elementos devem ser considerados; o fato da vida moderna exigir um currículo supercarregado; de ser o tempo muito curto mesmo para assuntos importantes; de muitos professores serem incompetentes, mal treinados e terem excesso de trabalho; de que estudantes das escolas superiores têm espíritos imaturos, e variam muito em poder receptivo; e isso muito depende do treino doméstico ou da falta deste. Não seria correto supor que a maioria dos administradores escolares, professores, departamentos de educação e instrutores em colégios de profess res não estejam trabalhando dedicadamente sob circunstâncias difíceis.

No entanto, chegaremos perto da resposta si a principal raiz do problema revelado pelo *Times* é confusão—confusão quanto aos pontos do currículo escolar em que a história americana deve ser ensinada; confusão quanto á diferença entre cursos elementares e superiores, e confusão acima de tudo quanto ao caráter dos cursos. Parte disto é muito natural.

Nosso sistema educacional não é uma criação nacional, como o sistema francês; foi um produto irregular nos quarenta e oito Estados. Até cerca de 1880, só a escola elementar tinha importância numérica, pois as escolas superiores eram poucas. Depois, por toda uma geração, os modelos aceitos foram de oito anos para as escolas elementares e de quatro para as escolas secundárias. Sobreveiu então uma reforma: seis anos de escola elementar, tres de média-inferior e tres de média-superior. Entrementes novos estudos se fizeram e foram introduzidos novos tipos, o comercial, o industrial, etc. E, enquanto isso, a história americana, que em 1880 era uma simples história política, cobrindo 250 anos, crescia em 1930 a um corpo complexo de história social, econômica, cultural e política, cobrindo 300 anos.

A situação se teria tornado difícil si isto fôsse tudo. Mas um novo fator foi introduzido quando os apóstolos da educação "progressiva" empreenderam demolir os métodos tradicionais de educação e introduzir novos conceitos radicais. Sua primeira tentativa foi descrita em 1917 por R. M. Tryon da Universidade de Chicago:

"Os historiadores acreditam no método cronológico de estudo e no desenvolvimento lógico do assunto; enquanto os psicólogos educacionais, os sociólogos e os administradores pouco cuidam de critério cronológico e de desenvolvimentos lógicos. Os historiadores insistem em que devemos ter uma história integral; em que a história deve ser contada logicamente de 1492 até hoje. Por outro lado, os psicólogos educacionais, os sociólogos e os administradores têm pouco interesse nesta história completa. Dizem êles: comece no presente, si quizer, ou no meio, e vá na direção que escolher. Os historiadores também acreditam que deve haver uma visão detalhada da época; outros dizem que uma visão geral é ás vezes suficiente. E finalmente os historiadores clamam que ninguém pode entender o presente até que conheça e compreenda o passado. Os educadores dizem-nos que o importante é conhecer o presente, e si o passado nos auxilia, muito bem; mas devemos partir do presente e então, si houver algo no passado de que necessitarmos, podemos ir busca-lo e trazê-lo á luz."

Isso era válido em 1917. Vinte anos mais tarde, em 1937, alguns psicólogos educacionais e os sociólogos tinham alcançado um ponto muito mais radical e a história tradicional não esperava encontrar nêles piedade.

Qual é o caminho para sair desta confusão? Tres grandes perguntas são envolvidas; a qualidade do ensino

a quantidade do ensino e a natureza do ensino. A primeira matéria, qualidade, pode ser aqui brevemente estudada, pois diz respeito a todos os assuntos e não apenas á história americana. Para melhorar a qualidade da instrução, necessitamos um progresso profissional generalizado. Isto significa melhores salários, uma situação mais segura e maior dignidade, bem como um treino mais eliciente.

E' sobre a quantidade e a natureza dos estudos sobre a história americana que devemos fixar nossa atenção imediata. Quanto á quantidade, alguns educadores julgam que seja deficiente. Os fatos são imperfeitamente conhecidos, mas temo-los em número suficiente para contradizer esta asserção complacente. O boletim do Departamento Federal de Educação, ao qual fizemos referência, mostrou que quasi um sétimo do potencial de matrículas nas escolas superiores não estava recebendo ensino de história; e estes são os anos em que a história é usualmente ensinada. E' inquestionavelmente exato que muitos estudantes podem deixar e deixam a escola aos dezesseis anos com pouquíssima história americana digna desse nome. Muitos obtêm apenas meio ano desse ensino.

Necessitamos urgentemente de fatos mais precisos sobre esta grave questão de quantidade. Uma vez conhecidos os fatos, os lapsos podem ser preenchidos. Uma conclusão pode talvez ser estabelecida com clareza: que o curso de história americana que as escolas superiores reservam para os primeiros e os últimos anos deveria ser transferido para os dois primeiros anos em benefício daquêles que deixam as escolas aos dezesseis anos ou mais cedo.



Resta ainda a questão da natureza da instrução. A afirmação do Dr. Tyron indicava que mesmo em 1917 chegara o tempo em que deveria agir contra os extremistas educacionais que em nome das reformas pedagógicas estão retirando do ensino a história americana. Esta oposição nunca foi suficientemente determinada. A maioria dos colégios de professores e seus bachareis parecem ensinar honestamente história; mas uma minoria radical tem surgido tentando desvia-los.

Cursos sobre as questões modernas têm valor nos seus respectivos lugares; não constituem história americana. Cursos sobre os fatores sociológicos podem ser excelentes, mas também não constituem história americana. Cursos sobre história mundial são mais do que nunca indispensáveis agora que as últimas defesas dos isolacionistas estão caindo; mas não são tão pouco história americana. Em seu zelo inovador certos aderentes dos estudos sociais experimentaram quebrar estas distinções tão simples.

Para ensinar história americana como um assunto separado, logicamente desenvolvido e integral, existem textos adequados em abundância. Os maiores estudos da América, desde McMaster e Channing, sempre tiveram tempo para se proverem de bons livros. Admiravelmente escritos e ilustrados, volumes têm sido fornecidos a um vasto mercado pelos professores Muzzey, Martin, Commager, Carman, Faulkner, Gabriel, Schlesinger, Nichols e muitos outros. Mas tais textos podem ser mal empregados pelos extremados que usam livros

especiais e cujo objetivo é ensinar um complexo de civismo: economia, sociologia, psicologia e questões atuais sob uma rubrica falsa. Sem dúvida, o movimento geral para encarar os diversos estudos sociais como interrelacionados é útil e estimulante. Igualmente, sem dúvida, a importância modernamente atribuída á interpretação e á influencia das idéias. Mas uma estrutura básica de fatos históricos, ensinados com a atenção que se deve á cronologia, ás grandes personalidades e ás forças políticas deve ser mantida.

Algumas das respostas tendenciosas ao inquérito do *New York Times* provêm sem dúvida de estudantes que passaram pela escola sem nenhum curso de história americana. Muitas, porem, vieram de estudantes que receberam um curso que, embora tivesse o rótulo de história americana, nada mais era que uma confusão de elementos dispares, com nenhuma estrutura central de fatos e argumentos. Um professor de universidade recentemente queixava-se de que seus alunos ignoravam muitas vezes as grandes personalidades—não podiam identificar Albert Gallatin; ignoravam as sequencias cronológicas, nem sequer sabiam si o inventor Mac Cormick veio antes de Bell. E ignoravam a causalidade—não relacionavam os *Navigation Acts* com a Revolução.

Um dos extremistas educacionais perguntou: "Constituirão tais itens algo de essencial á história americana? "Mas si os estudantes não conhecerem as grandes personalidades de nosso passado, a cronologia de nossa história, ou seus principais elementos de causa e efeito, que sabem êles? Si os administradores escolares e professores (cujas imensa maioria deseja fazer o melhor que pode pelo ensino) iniciam uma campanha, êles

podem emancipar-se das exigências dos extremistas nas ciencias sociais.

Duas organizações que repetidamente mostraram seu interesse no problema têm hoje um dever especial: a Associação Nacional de Educação e a Associação Americana de História. Qualquer um pode agir separadamente para estudar o problema e fazer recomendações. Podem unir as mãos, alistando talvez outras associações profissionais e educacionais. Graças ao estudo e ao planejamento poderiam trazer para hoje e a ajustarem com o presente. Temos de saber como muitas escolas primárias e secundárias desprezam inteiramente a história americana. Desejamos novos métodos que diferenciem os dois níveis do curso.

A história americana é demasiado preciosa para ser desprezada. Os grandes intuitos da educação são tres: treinar os moços para a vida; fazer deles bons cidadãos da República Americana; e dar-lhes um caráter altamente moral, um senso elevado do que é honra nacional e a honra nacional dêles exige. O valor meramente utilitário da história americana pode não ser grande. Mas seu conhecimento é indispensável para formar um tipo perfeito de cidadão; ao passo que o respeito ao passado americano, um olhar ás nossas idéias fundamentais é importante ao treinamento moral dos jovens. Remediar o descuido desse estudo, protegê-lo das modas corrosivas e prepara-lo ás condições mutáveis da educação requer um sério esforço da parte dos educadores e dos historiadores especializados.

De São Paulo



O sr. Rodolfo Lima, diretor-gerente da Lintas do Brasil, quando saudava os ilustres visitantes.



Um aspecto do almoço oferecido pela Lintas do Brasil às autoridades que a visitaram, no salão especial do roof de A Gazeta. Ao ágape estiveram presentes os diretores da S. A. Industrial Irmãos Lever, intelectuais e homens da Propaganda.

GRIFE ? RESFRIADOS ?

Tome à no te, ao
deitar, um chá
de canela bem
quente com 1 ou 2
comprimidos de



RHODINE

CAFEINADA



BICARBONATO DE SÓDIO "RHODIA"

OUTRO PRODUTO DE
QUALIDADE GARANTIDA
PELO "R" DA RHODIA

Extraordinariamente puro
Alimento solúvel
Poderoso alcalinizante.



Indicado para
USO CASEIRO
USO MEDICINAL

Caixinhas de 50 e 100
gramas. Para a sua
garantia, peça a mar-
ca "RHODIA" e exija a
embalagem original

Proeminentes figuras em visita á empresa de publicidade Lintas do Brasil Ltda. e á S. A. Industrial Irmãos Lever

Prosseguindo na série de visitas oficiais, conforme
fôra anunciado, o sr. Roberval Cordeiro de Farias, M.
D. Diretor do Serviço Nacional de Fiscalização da Me-
dicina, do Departamento Nacional de Saúde, esteve
há dias com sua comitiva, em visita às modernas insta-
lações da Lintas do Brasil Ltda., assim como às *Fábricas
Lever*, cuja propaganda é feita por intermédio daquela
organização publicitária. A comitiva que acompanhou
o sr. Cordeiro de Farias compunha-se das seguintes
pessoas.

Exma. Sra. Cordeiro de Farias; Dr. Candido Motta
Filho, Diretor Geral do DEIP de São Paulo; Dr. Car-
valho Parreiras, Diretor do Serviço de Fiscalização do
Exercício Profissional do Dep. de Saúde do Estado de
São Paulo; Prof. Rocha Corrêa, Diretor da Div. de Cen-
sura e Publicidade Sanitária do DEIP de São Paulo e
Exma. Esposa; Dr. Polinis Dutra, Assistente do Dep.
Nacional de Saúde e Exma. Senhora; Dr. Orsini Car-
neiro Gifoni, da Academia Paulista de História da Me-
dicina; Dr. Oswaldo A. Allegretti, Chefe da Secção de
Redação e Publicidade da Div. de Censura e Publici-
dade Sanitária do DEIP de S. Paulo.

Recebidos e acompanhados pelo sr. Rodolfo Lima
Martensen, sócio-gerente da Empresa de Publicidade
Lintas do Brasil Ltda., tiveram os ilustres visitantes
oportunidade de ouvir explicações acerca da organiza-
ção da Empresas, bem como dos processos que utiliza-
na propaganda dos produtos entregues à sua supervisão
e elaboração técnica.

Os ilustres visitantes percorreram detalhadamente
todos os departamentos da *Lintas*, inclusive seus mo-
dernos *studios* de fotografia e desenho.

Em automóveis, rumou após a caravana para as
Fábricas Lever, sendo ali acolhida pelo sr. Omer Jean

Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S.
de incluir em seu
programa de pas-
seios ou digressões
uma visita aos

Maiores
Estabelecimentos
de Modas do Brasil

★
• Restaurante • Salão de Chá •
American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succursala de
MAPPIN STORES
D. RAMOS DE ALVEEDO, 3. PAULO

INSTITUTO ROENTGEN

Radoterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.

Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Tel. 4-0394

— SÃO PAULO —

Theys, Diretor Té-
cnico, sr. Jorge Hol-
land, Químico Ge-
rente e outros fun-
cionários gradu-
dos, que lhes deram detalha-
das explicações sobre
o funcionamento da
aparelhagem daquela
indústria.

De ambos os estabelecimentos visitados, levaram os ilustres
membros da comitiva as melhores impressões.



Festejando a passagem do seu aniversário natalício, a senhorita Sonia S. Leonel, diletta filha do dr. Jaime Leonel, reuniu na noite de terça-feira da semana transata, nos salões do "Roof", numa encantadora festa, as pessoas das suas amizades. Aqui vemos aspectos dessa linda reunião, tendo a aniversariante recebido cumprimentos dos presentes.

JOCKEY CLUB *Mundano*

Realizou-se domingo ultimo, às 12,30 horas, o já tradicional almoço que a Diretoria do Jockey Club Brasileiro oferece às altas patentes do Exército ao ensejo da prova turfistica em homenagem ao Duque de Caxias.

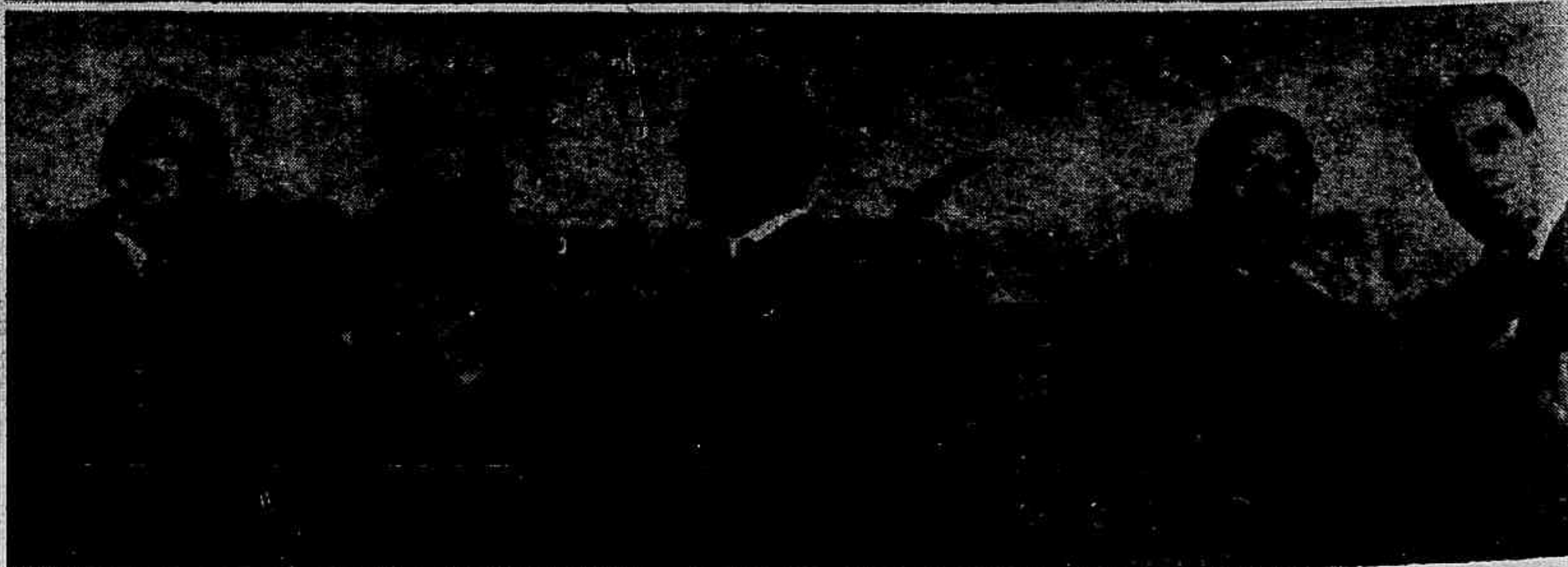
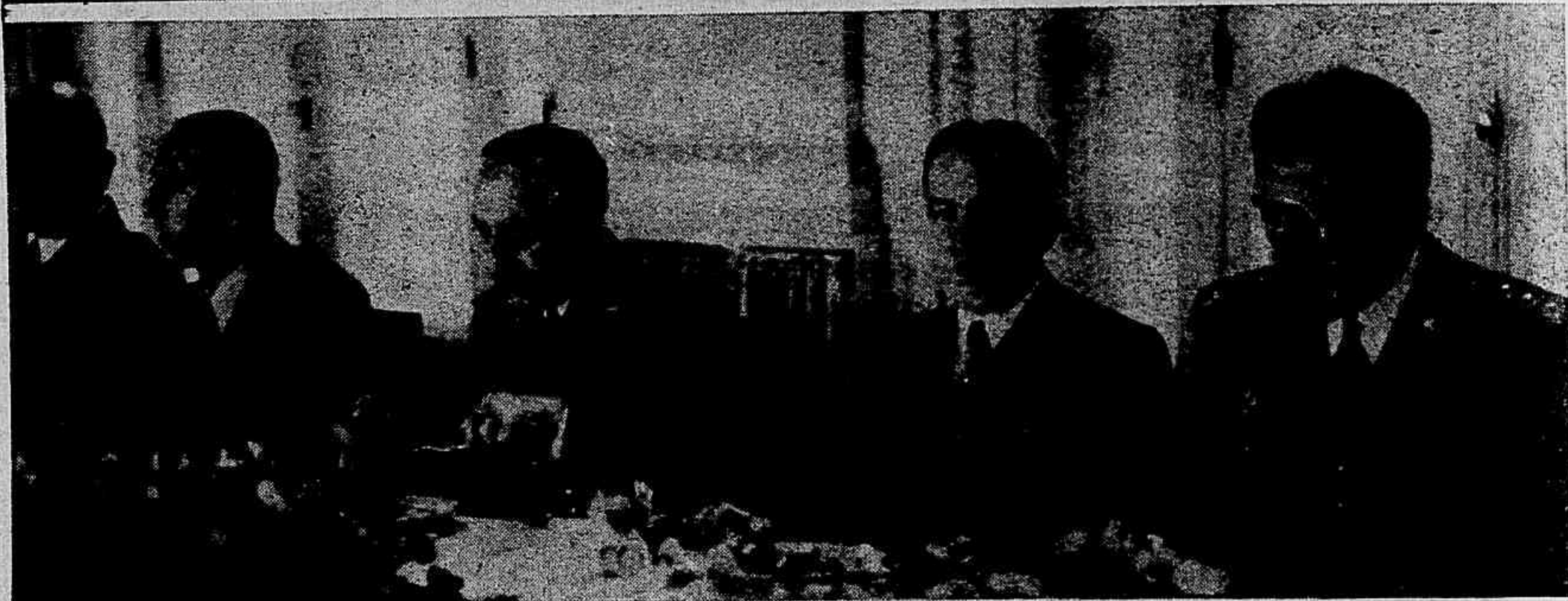
Ao ágape, além de varios oficiais-generais, compareceram o Chefe de Policia e outras altas autoridades.

A sobremesa usou da palavra o ministro Salgado Filho, presidente do Jockey Club, que ofereceu a homenagem aos convidados, dissertando a seguir sobre a figura de Caxias, pioneiro do turf nacional, ao qual dedicou muito de seus esforços, como presidente que foi do nosso primeiro Jockey Club.

Falaram ainda o general Pedro Cavalcante de Albuquerque, agradecendo em belo discurso aquela homenagem, e o sr. Bricio Filho.

O general Pinto Guedes ergueu o brinde de honra ao Presidente Getulio Vargas.

Estampamos nesta pagina alguns aspectos da homenagem do Jockey Club Brasileiro às altas patentes do Exército Nacional.



1ª

Em primeiro lugar, conheci uma mulher amiga: Michele — cantora figurada — uma das grandes casas da "Rue de la Paix" e que, finalmente, em consequência da guerra, na mesma que me fez vir para o Brasil, tornou-se a grande desenhista de modas na América do Norte. — analisemos a dona do modelo.

A de hoje é a emantado-ra estrela da Universal, Kay Francis, representando uma villosamente o tipo de mulher que exerce o máximo de atrações — talvez sobre o mais bom e o mais genial dos romancistas franceses: Honoré de Balzac. Sintetizando a mulher que, fingindo procurar horizontes perdidos, apressa-se, soberanamente de todos que se lhe aproximam por meio de uma sedução sutil e eficiente. Aquela que diz "non" muitas vezes porque sabe o momento oportuno de responder "sim". A que palmilhou os verdadeiros caminhos da elegância e da distinção. A que, combinando cores, tecidos e fatos de tal maneira que resplandece na plenitude de sua beleza, faz com que seus intimos murmurem: "Meu Deus, esta mulher não tem idade!". E procurem na serena meiguice do seu olhar a mesma inspiração que fez o escritor espanhol produzir: "Tu eres la paz".

Agora veremos como Kay adaptou a opinião de Virginia Pope, cronista de modas do New York Magazine no artigo recente em que estabelece, como última palavra, tunicas e casacos, tanto para o trabalho, propriamente dito, como para jantares e "soirees".

Baseando-se nessa afirmação, Miss Francis escolheu essa linda túnica em crepe marinho, tendo, por ornamento, apenas as folhas em ouro com rubis e brilhantes.

E depois disso respondeu ela de fato na entrevista: "Seremidade perigosa".



NO TEATRO DA MODA

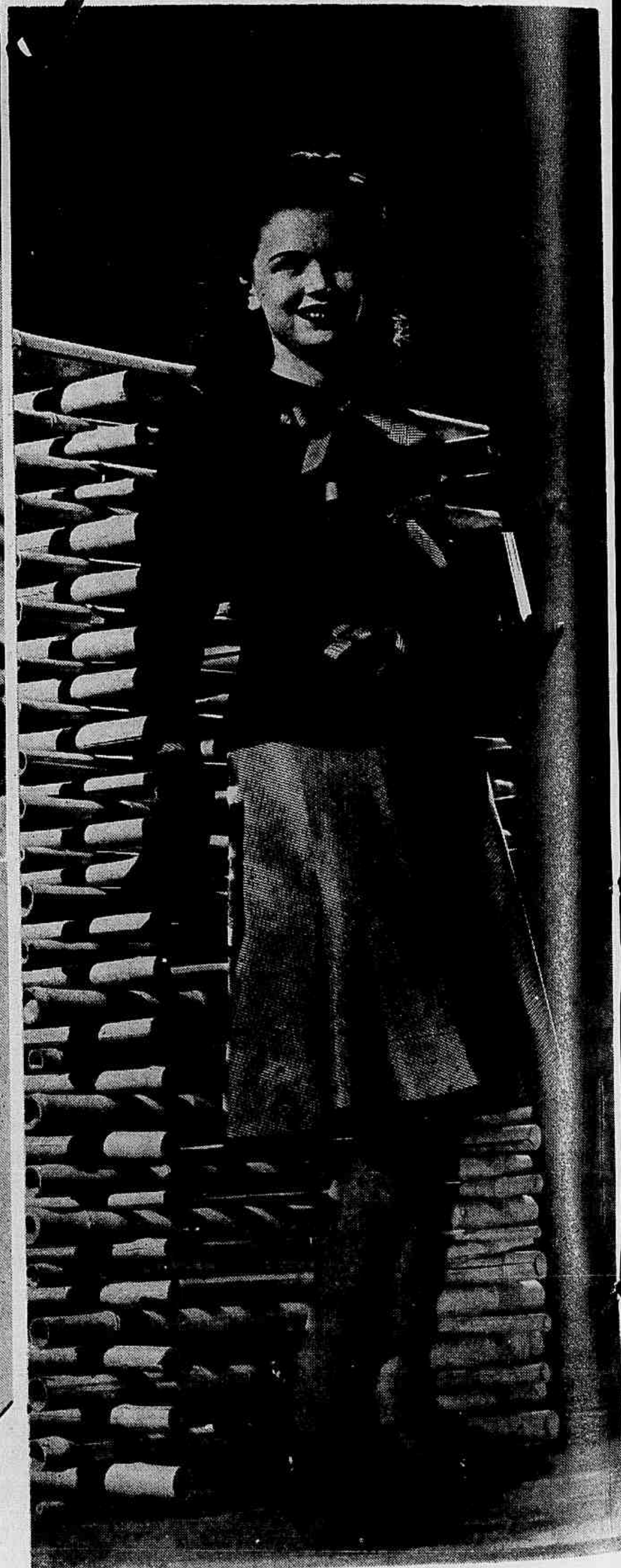
*Serie de crônicas
por Lucienne de Paris*

Senhoritas entram em férias



PARA A TRAVESSA VIRGINIA WEIDLER ("METRO") NADA MELHOR QUE UMA BOA PRAIA E A COMPANHIA DO SEU FIEL AMIGO. VESTE A SUA LINDA BLUSINHA DE ALGODÃO ESTAMPADO E "ADEUS, MEUS AMIGOS, ADEUS PERTENÇO A NEPTUNO." ENFIM...

E QUEREM APROVEITAR O MAXIMO: FAZEM MUITO BEM PORQUE, NO LUGAR DE VOCÊS, EU FARIA O MESMO.





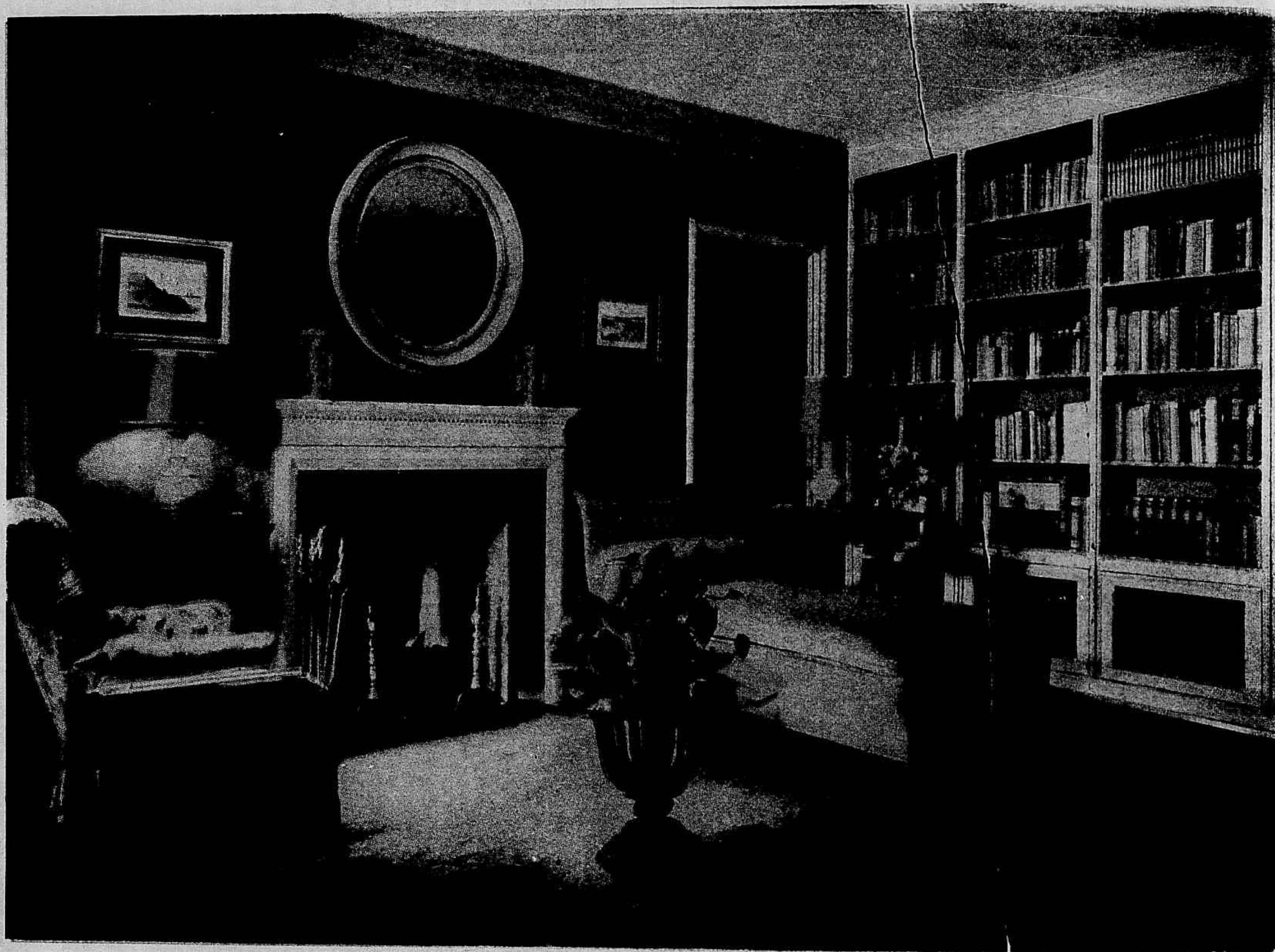
GLORIA JEAN ("UNIVERSAL"). PORÉM JÁ NÃO PENSA ASSIM. É GRANFINA E GOSTA DE PASSEAR OU RECEBER OS AMIGUINHOS. REPAREM A ELEGÂNCIA DOS VESTIDOS E O GRANFINISMO DOS SAPATOS...

QUANTO A KAT. GRAYSON ("METRO"), ESSA JÁ É "DEBUTANTE" E GOSTA MUITO DE NAMORAR. TAMBÉM COM ESTE LINDO MODELO BORDADO EM ORGÂNZA QUAL O CADETE DE WEST POINT QUE LHE RESISTE?



O Lar

VARIEDADE DE COLORIDO



O homem moderno, cansado da uniformidade monótona, requintou o estilo de todas as artes de modo a que o tom, a linha, o colorido nunca chegassem a se repetir e apresentassem ao contrário uma variedade heterogênea infinita, incapaz de cansar o observador pela repetição de qualquer detalhe.

Essa preocupação de variedade, pode ser notada desde a pintura e a música até as decorações de interiores, onde, vamos encontrar a policromia moderna e original em substituição ao colorido simples e homogêneo dos móveis antigos.

No *living-room* que aqui apresentamos aparecem as mais diferentes linhas básicas e as cores mais variadas, concorrendo para a beleza e originalidade da peça e para o efeito artístico da ornamentação.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

LIGA DE TEMPERANÇA

Conto do escritor búlgaro ALEKO KONSTANTINOFF

Taky Byradjiato dormia a sono solto, embora o sol tivesse há muito tempo atravessado a vidraça um tanto embaçada do seu quarto. Gradualmente os raios assim filtrados lhe foram alcançando os pés, subindo até à barriga, trepando até ao belgo inferior, verdadeiro belgo de amigo da bebida, sempre gretado e sempre seco.

E' que, na véspera, tio Taky — tio se chama naquelas terras a todo homem que deixou de ser propriamente moço — de profissão negociante de cerveja, dera a provar as suas marcas a vários compradores e todas as vezes tomara parte na prova, copiosamente.

Assim também se explica porque o carteiro há bons minutos batia à porta sem que de dentro lhe dessem a menor resposta. Por fim, o homem desatou aos muros à porta, servindo-se dos pés para o mesmo fim atoador. E nem que houvesse ingerido uma pipa inteira de cerveja, tio Taky tinha que acordar por força.

Abriu os olhos, tornou a fechá-los, ofuscados pelo sol, e perguntou em voz meio rouca:

— Quem está aí?

— Carteiro!

— Entre.

O outro deu volta à maçaneta, atravessou o quarto a passadas largas, entregou a carta e apressou-se a fugir da atmosfera espessa do recinto.

Tio Taky tossiu levemente, como de costume, e abriu a carta, que era concebida nos seguintes termos:

"Prezado senhor: Queira comparecer no domingo próximo, às 5 horas da tarde, no armazem "Vinhos do Soukindol".

Ordem do dia: Fundação duma liga de temperança.

Com a devida consideração (assinado) Tanass Dotcholoou."

Realmente aquele convite vinha a propósito. Com a garganta seca como lixa e os belgos mais gretados que nunca, tio Taky aprovou com verdadeira convicção aquela iniciativa. Ficou esperando com impaciência a hora de se ir juntar aos outros fundadores da benemérita associação. E durante o dia só bebeu água, juntando apenas de cada vez um copo de vinho, para corrigir a insipidez daquele líquido estranho.

Às 5 horas, pontualmente, atravessava a porta do armazem dos "Vinhos do Soukindol".

— Tio Tanass está? perguntou ao empregado que se conservava de pé, atrás do balcão.

— Sim, senhor, ele e os outros ali, no escritório.

E o rapaz indicou-lhe com deferência a porta do compartimento.

Já o patrão, Tanass Dotcholoou, vinha afavelmente ao seu encontro, convidando-o a tomar lugar entre os presentes. Alinhados junto às paredes havia numerosos cidadãos a quem a nobre idéia da sociedade atraía e já positivamente entusiasmava.

Tio Taky saudou-os, a todos; e estabeceu-se um silêncio, mal cortado de vez em quando por alguma tosse discreta.

Percebia-se perfeitamente que a assembléa esperava alguém e que, sem esse alguém, não se ousaria abrir a sessão. Passados dois ou três minutos, ouviu-se o ruído da porta exterior impelida, e Dotcholoou correu a ver se seria o personagem tão desejado. Mas logo voltou, trazendo estampada no rosto a maior das decepções. Quem se apresentou, com geral estupefação, foi Danko Harsazina, ébrio habitual e conhecidíssimo. Abriu a boca para dizer qualquer coisa, alguma praga ou a série delas que constituía a sua linguagem habitual. Como, porém, ninguém lhe desse atenção, foi para um canto, calado.

Mais alguns minutos decorreram, até que, graças a Deus, o empregado trompou alvoroçadamente pelo escritório, anunciando.

— Aí vem ele! Aí vem!

Todos os que estavam sentados se ergueram, compenetrados da importância

do personagem. E surgiu à porta, com toda a sua altura e todo o seu prestígio, o ilustre Canu do Balkan.

— Viva a liga! bradou ele, antes de mais nada.

— Viva! foi o grito geral.

E todos, um a um, apertaram a mão de tio Canu do Balkan. Danko Harsazina, sempre desabusado, lá até dar-lhe uma palmada na barriga; mas o olhar severo do recém-chegado deteve aquele gesto inconveniente.

— Não faça caso, tio Canu... interveio o dono da casa — Danko é assim mesmo!

Abriu-se a sessão. Ah, caros leitores, que pena vocês não estarem presentes! Teriam ouvido Canu do Balkan usar da palavra. Quando ele usa da palavra, é um homem que fala ou um rouxinol que canta? Não se sabe. E a quem neste mundo não seria aquele verbo capaz de convencer? Todos imediatamente reconheceram a necessidade e a oportunidade de se fundar uma liga de temperança. Só Danko Harsazina, mais incrédulo que S. Tomé, resmungava de vez em quando uma vaga objeção.

Ficou resolvido que o título social seria mesmo Liga de Temperança; e deu-se ao mestre-escola o encargo de redigir os estatutos. Tinha, forçosamente que ser ele, porque dos seus conselhos e recomendações aos alunos é que se originara aquela instituição. Passou-se depois a eleição da diretoria. Presidente, Tio Canu do Balkan (naturalmente!) vice-presidente, Tanass Dotcholoou que tomara a iniciativa da reunião; tesoureiro, tio Taky...

(Continua na página 42)

PROGRAMAS DE ONDAS CURTAS em português DOS EE.UU. PARA O BRASIL

Transmitindo simultaneamente das seguintes estações:

WCBX - 17.83 Mgs. (Faixa de 16 ms.) das 18.00 às 20.45
" - 9.49 " (Faixa de 31 ") das 21.00 às 24.30
WRCA - 15.15 " (Faixa de 19 ") das 18.00 às 24.30
WGEA - 11.85 " (Faixa de 25 ") das 18.00 às 24.30

Domingo
18:00 Sintonia da NBC
18:00 O Mundo Hoje
19:10 Resumo dos Programas
19:15 Melodias da Broadway
19:30 A Vida em Hollywood
19:45 Seleções de Óperas
20:00 Rádio Jornal
20:15 Salão de Concerto
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Música da América
21:45 Bandas Militares
22:00 Notícias
22:15 Olga Coelho e Trio Cherro Gil
22:30 Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Orquestra Filarmônica de Nova York
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Devaneio Musical
00:30 Encerramento

Segunda
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Música Tropical
18:30 A Semana em Revista
18:45 Divirtam-se Conosco
19:00 Notícias
19:15 Tesouro Musical dos Americanos
19:45 Música de Dança
20:00 Rádio Jornal
20:15 Sammy Kaye e sua Orquestra
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Walter Gross
21:30 Música de Manhattan
21:45 Notícias
22:00 Notícias
22:15 Eva Garza e Trio Cherro Gil
22:30 Notícias
22:45 Trio Cherro Gil
23:00 Convite à Música
23:30 Resumo das Notícias
00:00 Orquestra de Raymond Scott
00:30 Encerramento

Terça
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Canções das Nações Unidas
18:45 Resenha Literária
19:00 Notícias
19:15 Chopiniana
19:30 Conheça Nova York
20:00 Rádio Jornal
20:15 Enoch Light e sua Orquestra
20:45 Fred Waring e sua Orquestra
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 Notícias Desportivas
21:45 Música por Tucci
22:00 Notícias
22:05 André Kostelanetz e sua Orquestra
22:30 Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Trio Cherro Gil
23:30 A Ópera Municipal de St. Louis
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orquestra Panamericana
00:30 Encerramento

Quarta
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Valsas Famosas
18:45 Sereia Tropical
19:00 Notícias
19:15 Seleções de Ópera
19:45 Dinah Shore - canções
20:00 Rádio Jornal
20:15 Contrastes Musicais
20:30 Aviação Americana
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Walter Gross
21:30 Notícias de Hollywood
21:45 Concertos de Jazz
22:00 Notícias
22:15 Eileen Farrell e a Orq. da CBS
22:30 Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:30 Música de Manhattan
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Quarteto Golden Gate
00:30 Encerramento

Quinta
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 O Clube do Swing
18:30 Música Norte Americana
19:00 Notícias
19:15 Orquestra "Pops" de Boston
20:00 Rádio Jornal
20:15 Enoch Light e sua Orquestra
20:45 Fred Waring e sua Orquestra
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 Notícias Culturais por Gaspar Coelho
21:45 A América do Norte Canta
22:00 Notícias
22:15 Olga Coelho
22:30 Eva Garza, Trio Cherro Gil e a Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Trio Cherro Gil
23:30 Banda da Marinha dos EE. UU.
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Devaneio Musical
00:30 Encerramento

Sexta
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Momento Musical
18:45 Revista Cultural
19:00 Notícias
19:15 Música do Novo Mundo
19:45 Música de Dança
20:00 Rádio Jornal
20:15 A Página Feminina
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Walter Gross
21:30 Cartas em Revistas
21:45 Alma de Minha Pátria
22:00 Notícias
22:05 Pelos Senderos da Música
22:30 Comentário
22:35 R. Henriquez e Orq. Panamer.
23:00 Notícias
23:15 Trio Cherro Gil
23:30 Orq. de Concertos CBS e Solistas
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orquestra de Paul Barron
00:30 Encerramento

Sabado
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Orq. de Alfred Wallenstein
18:45 Bolet. Latino-Americano
19:00 Notícias
19:15 Chopiniana
19:30 Música Popular
20:00 Rádio Jornal
20:15 Caravana Tropical
20:45 Fred Waring e sua Orquestra
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 Notícias de Hollywood
21:45 Bandas Militares
22:00 Notícias ou Comentário
22:15 A Hit Parade
22:30 R. Henriquez e Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Orquestras de Variedades
23:30 Música de Hoje e Ontem
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orquestra de Harry James
00:30 Encerramento

TRANSMISSÕES EM "ONDAS" DIRIGIDAS PARA O BRASIL.

O Inverno
é um
grande
artista...



que torna as mulheres mais bonitas e possibilita aos desenhistas de modas, criações arrojadas e originais como os chapéus e as bolsas de Marlene Dietrich e Tereza Wright (Universal).

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".
Experimente-o.

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Minúcias

Um penteado simples, um sorriso esboçado, um olhar que atravessa a gente eis as pequeninas cousas que mulheres como Bette Davis usam na difícil arte de prender para sempre.

Quanto a Olivia de Havilland, também da Warner, é modesta e linda como uma violeta. Tem, entretanto, dentro da sua simplicidade, um gosto especial para se vestir. E certamente, este casquinho de lã com gola fantasia e botões de metal é um atestado do que dissemos, não?



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo



ALGUNS MODELOS que prenunci-
am a vinda da Primavera...

Sairam das grandes casas de Sterns,
Macy's, B. Goodman e chegaram para
a alegria das elegantes do Brasil, ada-
ptados, é claro, pelo traço de Goulart.

Como vêem, a primavera promete...

Vestidos e Peles
PASSEIO, 42

Lebelson Modas

Sempre Novidades
TELEFONE 22-4617

Mas na opinião da técnica de beleza, Doris Abel, em sua quase totalidade todos os olhares podem "falar" ainda mesmo durante os dias frios e húmidos de Agosto, quando os ventos mais fortes e a chuva mais fina fustigam as faces femininas causando certa irritação na pele.

O primeiro cuidado para com os olhos é a conservação das pestanas.

A aplicação da "máscara" deve ser orientada pela cor dos cabelos e a tonalidade das pupilas. Assim, quem tem cabelo claro incluíve o das sobrancelhas deve optar pela "máscara" marron. E caso você possua as pestanas reviradas — dom precioso segundo a opinião de Doris Abel — não esfregue os olhos forçadamente afim de evitar a perda dos cílios.

Escolha "sombra" adequada mas não a coloque á guisa de olheiras, a menos que se queira assemelhar a uma huri, aniga e demodé...

Se as suas sobrancelhas forem ralas e curtas, aumente-as com um lapis preto ou arron. Caso contrario, arranque-as, pela raiz, usando uma boa pinça e, sempre arrancando-as na direção do seu crescimento. Depois passe um algodão embebido em agua fria. Estire os pelinhos com precisão clinica.

E embora você sofra um pouquinho, coragem! A beleza é uma deusa que exige sacrificios.

Agora tres regras para a conservação do encanto dos seus olhos:

1ª: Dormir. Sim porque dormir é maravilhoso, sendo considerado mesmo a regra de beleza numero um.

2ª: Lavá-los á noite ou pela manhã numa solução de bórico e agua morna.

3ª: Alimente-se cientificamente, nutrindo cada órgão e tecido de seu corpo. Faça uma alimentação rica em proteínas, carboidratos, gorduras, sais minerais e...vitaminas.

E depois quem sabe ? Guarde nos seus olhos "Cupido, o moleque teimoso"...

Greer Garson, da Metro.



"Ha certos olhos
que dizem"



UM NOME *inencarelli* QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

Noticiário Elegante

Cock-tail party



ENLACE GUEDES-BARBOSA CASTRO — Consorciaram-se recentemente em Aparecida do Norte, Estado de São Paulo, onde residem a senhorita Ana Maria Guedes Barbosa, filha do sr. Lauro Barbosa de Castro e d. Angelina Guedes Barbosa e o dr. Francisco de Paula Barbosa Castro, filho do sr. José Barbosa Junior e d. Maria Messias Barbosa Castro. Os nubentes aparecem na foto que estampamos acima, obtida após a cerimonia nupcial.

ANIVERSARIOS

dia 4:

Senhora Maria Leal Ferreira e senhorinha Americana Chagas.

Senhores: J. E. de Macedo Soares; dr. Francisco de Paula Santiago e dr. Augusto Paulino.

dia 5:

Senhora Paulinita Cardim.
Senhores: Professor dr. Haroldo Valadão; Manoel Varela Rodrigues e dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada.

dia 6

Senhores: drs. Oscar Tenorio; Francisco de Paula Baldessarino; Cicero Peregrino e Vasco Lima, nosso colega de imprensa.

dia 7 — Senhoras Maria Coelho Teixeira e Maria Luiza Barcelos.

Senhores: Otavio Tarquinio de Souza, ministro do Tribunal al de Contas e dr. Jaime Guedes.

dia 8:

Senhores: capitão de mar e guerra Benedito Ferreira Goulart e dr. Sampaio Correia.

dia 9:

Senhoras: Nelida Guedes Meira Gama e Rute Ferreira.

Senhores: vice-almirante Francisco Barros Barreto e dr. Severino de Lucena

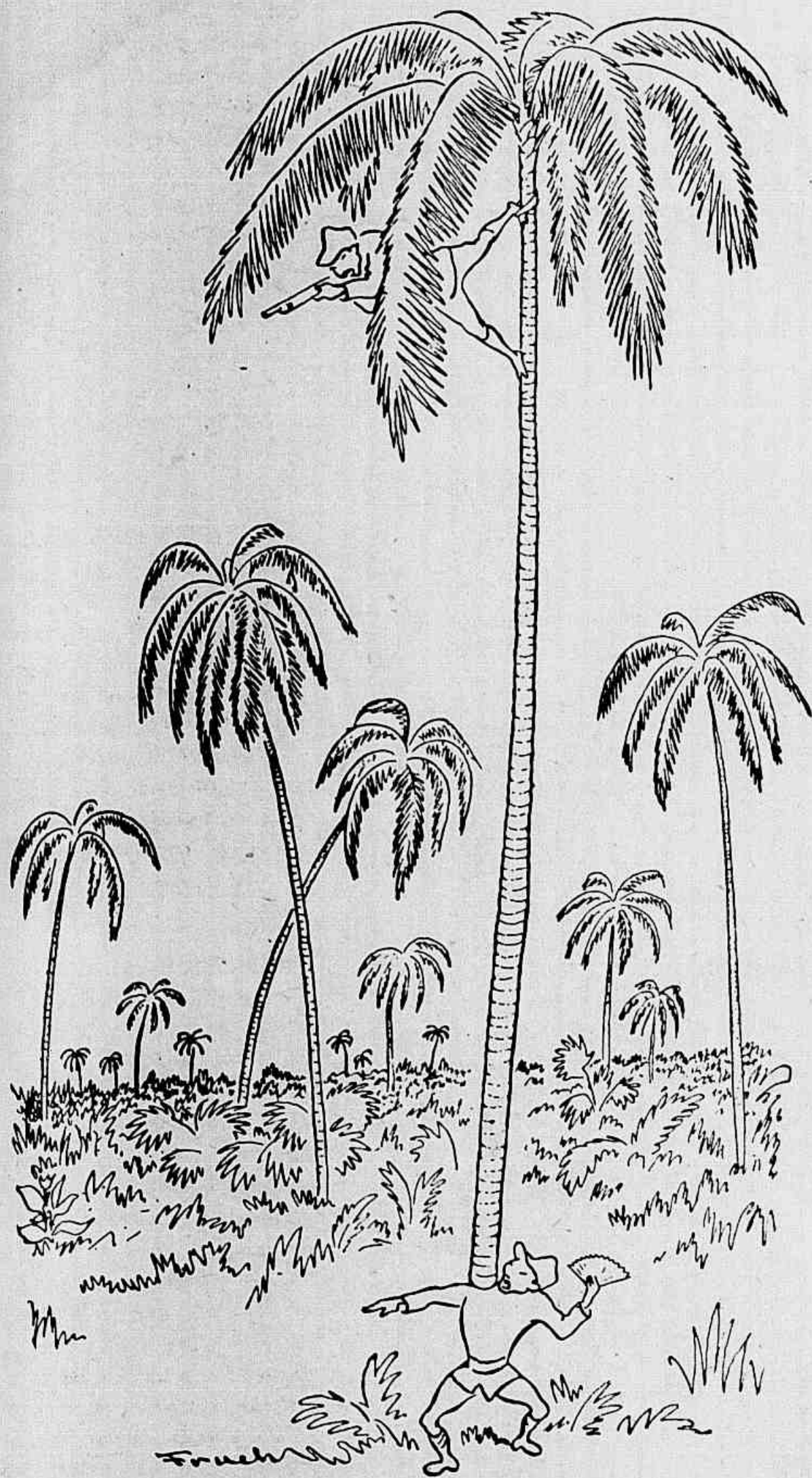
dia 10:

Senhora Luiza Costa.
Senhores: Professor Clovis Monteiro; Rubem Gil, teatrologo e jornalista; dr. Mario Vilhena e dr. Prado Kelly.



Um "cock-t il" a dois...
Qu. lq ue desses modelos.
Depois :
"Onde o comprou qu'ri-la ?
Você sc'b ? Etá linda !"
"Imagine, B. Goodman
o mandou exclusivo para
mim".
Antes assim...

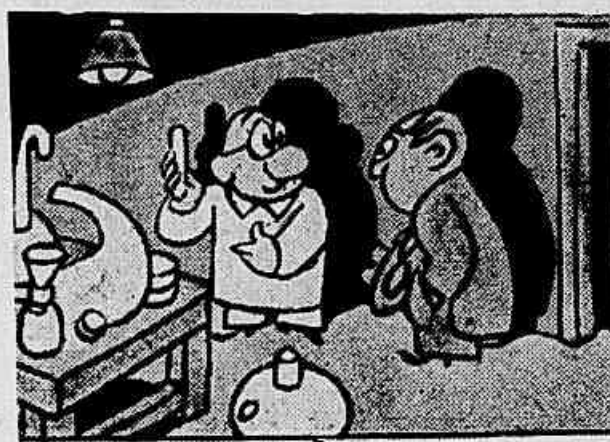
OUTROS RIRAM



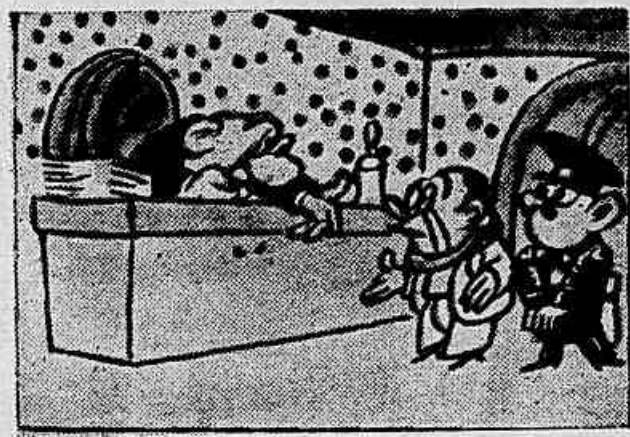
— De dia para dia a senhora fica mais linda.
— De dia para dia? Não exagere.
— D'gamos então de dois em dois dias. Está bem assim?



— Esta pequena tem mais de trez mil contos. E para eu casar com ela, era só uma questão de querer.
— Como assim?
— De e'a querer.



— Acabo de inventar o remédio infalível para uma grande moléstia.
— Oh, doutor, parabéns!
— O que me falta agora é descobrir a mo estia.



— Mas como é que você roubou os objectos e deixou ficar o dinheiro em cima da mesa?
— Ora, senhor juiz, também o senhor! Minha mulher já me descompôs tanto por causa disso...



— A' sua peça é interessante mas contém uma inverossimilhança escandalosa.
— Qua?
— A criada do segundo ato é a mesma do primeiro e entre os dois se passaram cinco dias!

MOBILIARIOS PARA APARTAMENTOS

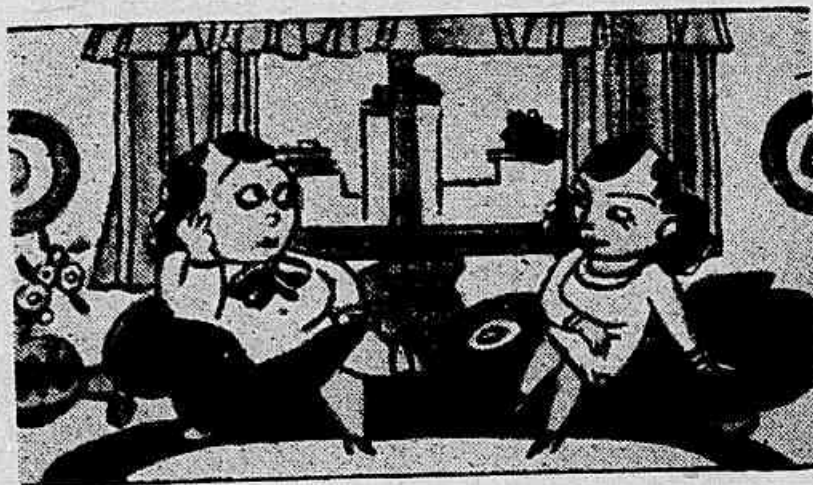
A Fábrica de Móveis "Lamas", expõe em seu grande mostruário anexo às oficinas, a rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal da Leopoldina), inúmeros modelos, especialmente criados para apartamentos e que resolvem o problema de escassez de espaço, sem prejuízo da boa comodidade, executando, ainda sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo também em alguns casos, facilidade de pagamento. Os móveis "Lamas" são vendidos exclusivamente no mostruário anexo à fábrica.



— Essa Florinda é muito inteligente?
— Não. As nas bastantes para não dizer todas as toces que lhe vêm à cabeça.



— A senhora está enganada. Eu não sou tão idiota como pareço.
— Oh, não! Isso, também, seria de mais!



— A mim, cada desgosto me faz envelhecer um an.
— Coitada! Como deve ter sofrido!

Quero bom trato!

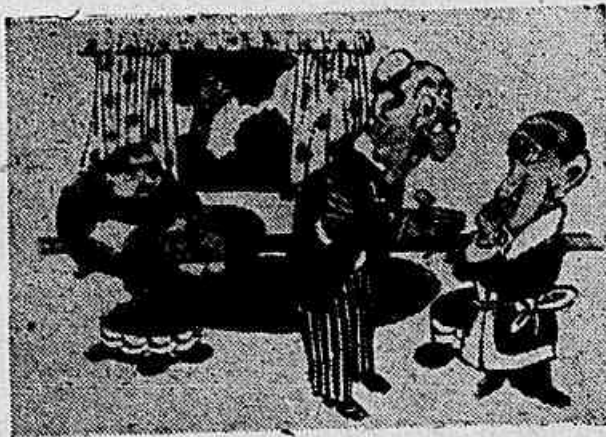
TIMBORÓL

É o melhor e mais eficiente sabão veterinário, por conter todos os elementos ativos do timbó.

EVITA E COMBATE AS PULGAS, CARRAPATOS, SARNAS, ECZEMAS, FERIDAS, E, EM FIM, TODOS OS PARASITOS E DERMATOSES, ASSEGURANDO A HIGIENE E BELEZA DOS ANIMAIS.

SABÃO TIMBORÓL

A BASE DE TIMBO USO VETERINARIO



— Sua esposa não tem nada de extraordinário. E' apenas velhice. Diga-lhe isto mesmo.
— Mas, doutor... Não poderia o senhor mesmo dizer-lh'o?



— Ca'u-me ontem um den'e.
— Sim? Pois todas as tuas amigas o invejarão.
— Ora essa! E por que?
— Por que ficou livre de você.

Presunto, pães

e

panquecas

PRESUNTO COM GELATINA — Deve-se deixar o presunto esfriar bem na água em que foi cozido, salvo no caso que se deseje tirar-lhe o osso. Neste caso, assim que estiver cozido, retira-se da água, dá-se um corte na parte de baixo e por aí retira-se o osso. Enrola-se em seguida o presunto em um pano bem apertado e deixa-se esfriar, tendo um bom peso em cima. Porém, quer o presunto seja com osso ou sem osso, retira-se a pele, assim que

ficar frio; apara-se, também, uma parte da gordura. Em seguida rega-se com gelatina simples, formando-se uma camada bem grossa, põe-se uma camada sobre a outra, à medida que cada uma for gelando, obtendo-se assim uma camada bem grossa. Enrola-se o cabo com papel picado e à volta do presunto, enfeita-se com pedaços da gelatina que sobrou, e que se colocou em uma vasilha para gelar e que se tira então às colheres.

PRESUNTO EM SURPRESA — Cozinha-se o presunto com champagne ou vinho branco e deixa-se esfriar. Em seguida apara-se à volta e faz-se-lhe no centro uma cavidade, em forma de caixa, que se enche de "Pa é de foie gras" eguala-se a superfície, cobre-se todo o presunto com gelatina e enfeita-se com trufas picadas. Enfeita-se à volta com o pedaço que se retirou, cortado em fatias finas e com gelatina. Serve-se uma fatia de presunto, com uma colherada

de foie gras e um pedaço de gelatina.

PRESUNTO COMUM — Coloca-se uma perna fresca de porco oito dias na salmoura. Depois deste tempo cozinha-se em água ligeiramente salgada. Quando cozida tira-se os ossos, e põe-se numa vasilha com a pele virada para o lado de baixo; cobre-se com uma roda de madeira e põe-se em cima um peso de 5 quilos. Depois de fria, tira-se a pele.

Serve-se com gelatina ou sobre um guardanapo enfeitado à volta com galhos de salsa.

PÃES DE MINUTO — Ingredientes: 7 colheres de farinha de trigo; 1 colher de manteiga; 1 colher de açúcar; 1/2 xícara de leite; 1 colher de chá de sal; 1 colher de chá de Royal.

Misture tudo, abra a massa da grossura de 1 1/2 cm., corte com 1 cálice e leve-a a assar em taboleiro polvilhado. Forno regular.

PANQUECAS com Geléia — Ingredientes: 2 ovos, 1 colher de açúcar, 3 xícaras de leite, 1/2 creme de leite ou de nata batida, 1 1/2 xícara de farinha de trigo; 2 colheres de chá rasas de fermento Royal e 1/2 colher de chá de sal.

Deve ficar uma pasta mole. Unte uma frigideira pequenina com manteiga, leve-a a esquentar e derrame dentro um pouco da pasta, até cobrir o fundo. Toste um pouco e vire o outro lado para tostar também. Faça uma de cada vez. Assim que ficarem prontas, deite no meio um pouco da geléia e enrole como um canudo, arrumando-as num prato. Depois polvilhe com açúcar e... coma porque, na certa, estarão muito gostosas.

Com Royal:

Tome 200 grs. de farinha de trigo, 3 colheres de chá rasas de fermento Royal e 1/2 de sal. Junte, aos poucos, duas gemas, 1 1/2 xícara de leite, 30 grs. de manteiga ou banha derretida e, por último, as duas claras em neve. Misture bem e derrame, às colheradas, a pasta numa frigideira bem quente e bezuntada de gordura. A pasta se alastra e quando ficar cheia de bolhas, vire o outro lado. Sirva quente, com manteiga, polvilhada com açúcar ou regadas com mel.



O Calice de Xerês

(Continuação da pag. 8)

Virginia Raikes estava custando a chegar. Era seu costume e Crogan sabia disso. Não obstante sofreu cinco minutos de angústia. Sua exultação o abandonava, arrastando consigo parte do rancor que o alimentava. Não habituado a empreender coisa alguma, desconcertava-o a amargura da possibilidade de um fracasso. Porém, afinal, chegou a jovem e agitada, com oportuno riso que implicava numa desculpa, se dirigiu ao camarim. Crogan sentiu impulsos de expressar de viva voz sua sensação de alívio.

Cinco minutos depois estava tudo pronto. Freddie Korn, que sentado em seu banquinho dobradiço adotava uma atitude que era um compromisso entre a tensão e a indolência, deu suas últimas ordens:

— E não se esqueça de dizer "um cálice de xerês", em vez de um cock-tail.

— Pois não! Não se preocupe — disse Gerald Flattery com um de seus facéis sorrisos conquistadores.

— Perfeitamente. Mãos à obra, por conseguinte! — ordenou Korn e oprimiu um botão ao alcance da mão.

A sineta de aviso ressoou nos vastos estúdios, vibrante folha de som que cortava palavra e ação. Todos os movimentos foram suspensos ou protelados a um tempo e com igual cautela. Em todo o edifício operários e empregados suspenderam o trabalho e ficaram quietos, olhando em alvo, pacientemente. Os ecos de ordens e recomendações extinguíram-se como se se houvesse estendido sobre eles um pesado manto de silêncio. Os dois microfones do cenário número 6 pendiam inertes: tiranos de aspecto insignificantes. As três caixas isoladoras de som que encerravam as máquinas fotográficas começaram a emitir um zumbido aveludado...

Crogan contemplava fixamente o cenário como nunca o houvera contemplado. Inundado pelo resplendor dos numerosos focos de luz, o cenário ficou vazlo por um mo-

mento. De repente, abriu-se a porta e entrou, assoviando, Gerald Flattery. Desde esse instante, Crogan cravou o olhar no rosto de Gerald e em nada mais. A musquinha do fonógrafo, a chamada telefônica, a deslumbrante aparição de Virginia Raikes, eram coisas que não rogavam sequer sua consciência. Para ele só havia no mundo um perfil harmonioso, dois olhos expressivos, uma boca de lábios delicadamente cortados: só esse rosto e o transcurso dos minutos... O diálogo desenrolava-se monótono, sem significação, ainda mais, sem ser ouvido, como a chuva na janela dum homem adormecido. As feições de Crogan dilatavam-se, entre os lábios entreabertos assomavam os dentes brancos e pontegudos...

"Um cálice de xerês". As palavras paralizavam-lhe a mente, como o repique da campainha havia paralisado o estúdio. Poucos segundos mais e... a sensação de triunfo vibrava e se agitava em Crogan dum modo tão palpável como a náusea física. Jamais em sua vida tinha saboreado um momento igual. Um prazer selvagem iluminava-lhe os olhinhos pálidos. Abria os lábios. Os traços contraiam-se com os de um homem em agonia.

— "Com Silvia! Que horror! Você levou minha irmã a...!"

Crogan perdeu o domínio de si. Uma gargalhada, como uma lança atirada, fendeu o silêncio expectante; depois outra, outra e outra. Um riso ululado, estranho a toda alegria humana, feriu os ouvidos. A ação ficou instantaneamente suspensa no cenário. Freddie Korn apertou o botão, sarcasticamente autoritário, e libertou o estúdio de um sortilégio que já havia sido brutalmente rompido.

Todos olharam estupefactos para Crogan; todos, menos Freddie Korn, que fixava a atenção na mesa onde Virginia acabava de deixar com mão trêmula o cálice de xerês falso. Um pouco do líquido havia se derramado. As gotas caídas na madeira pintada ferviam espumantes.

— Prendam este homem no meu quarto — disse em tom tão tranquilo que as palavras pareciam mais uma insinuação do que uma ordem. Freddie Korn detestava o escândalo.

O sacerdote católico em dois romances modernos

(Continuação da página 13)

"amor fracassado". Tal suposição contradiria redondamente aos fatos! Julgo, demais, que nem mesmo no caso particular de Francis, tal insinuação, se de fato séria, não estaria suficientemente baseada nos fatos, quando examinado o texto com menos superficialidade. E se fosse verdade... Provavelmente apenas que Deus escolhe a quem quer!

Francis passa para o Seminário inglês de San Morales (Espanha). O romancista, em vez de longas digressões sobre o currículo teológico que ele não conhece, envia o seu seminarista para uma façanha: Francis ausenta-se por quatro dias, repentinamente e sem permissão de seus superiores, para escapar à rotina do estabelecimento. A história dessa fuga singular, que está no diário de Francis, é comovente no princípio e interessante depois. Instaura-se um escandaloso processo contra o delinquente estressante. Preside Mac Nabb, que também em San Morales é agora o diretor; Tarrant, o administrador, um ridículo educador; Gomez, o mestre de noviços; o diácono Mealey, o prefeito. O júri é derrotado, porque as aventuras da fuga são por demais desconhecidas em ambientes adversos, fizeram de Francis individualista já agora incorrigível, uma demonstração concreta de que nos seminários nem todos são como "a tropa". Após e mauagradado a grave transgressão de disciplina, o diretor dá a Francis o seguinte testemunho: "E' u'a mistura rara de simplicidade e de retidão moral." Neste romance de caráter biográfico, esta parte de San Morales é a mais fraca de todas, excessivamente fragmentária e vazia de qualquer interpretação tanto da beleza e da finalidade dos estudos teológicos, como do sacerdócio em geral... Nada sabemos a respeito da sacra ordenação e da missa nova do padre Francis. Para encher trezentas e quatro páginas, Cronin recorre a expedientes singulares, espécies de *deus ex machina*: intercala "histórias" que pouco ou nada acrescentam à personalidade de Francis. Em Holywell, foi a pesca da truta; em San Morales, a fuga e o processo; em St. Dominic, a "estigmatizada"; na China, será, no começo, a visita à velha missão de Liu, antiga fundação do padre Ribeiro, e depois a história espetacular da prisão e da fuga em companhia do pastor metodista.

Obtido o perdão em San Morales, vamos encontrar o jovem padre Francis imediatamente como coadjutor em Shalesley, ao lado do vigário o padre Kezer, figura pouco edificante. "Cada um de seus gestos era uma obra-prima de inconsciente afirmação de si mesmo... Sem o saber, tinha reduzido sua religião a uma fórmula: *faze isto ou se mal-si mesmo*...". No seu padre inexperiente ainda, em suas lutas com o vigário violento e raivoso (o coadjutor rirívico tivera por causa disso um ataque de nervos), começou a mortificar-se rudemente, comendo pouco, passando noites na igreja "orando com impetuosa violência". Na originalidade do traço seguinte há uma semelhança com o "fárcico da aldeia". Para tirá-los jovens das ruas e os velhos da taverna, projeta abrir um clube e, para inauguração, organiza um baile decente, coisas que lhe valem uma descompostura em regra da parte do vigário, homem rijo, que "nos últimos dez anos liquidou mais coadjutores do que Henrique VIII havia liquidado mulheres". Incorrigível, o padre Francis, na ausência do vigário, construiu mediante doação um luxuoso centro recreativo. Mas com isto encheu-se a medida, e Francis é também liquidado.

Após tais amargas primícias de apostolado, indeleveis porque primeiras, as quais lhe deram, no entanto, mais experiência dos homens e de si mesmo, Francis é removido, ainda na qualidade de coadjutor, para a paróquia de St. Dominic. Entre outras coisas, a qualidade de coadjutor, para a paróquia de St. Dominic, é a altura o capítulo mais desmiçado e mesquinhez de presbitério, encontramos a esta altura o capítulo mais desagradável de todo o livro. É uma história cruel, que se presta para muitas interpretações negativas da intenção de Cronin. Nossa Senhora "aparece" a Charlotte Neily, uma doentinha, no "Poço de Maria", onde "brota" uma fonte milagrosa. Por cumulo, a mocinha privilegiada ostenta os estigmas. O caso, além de comprometer ainda mais o pároco e seu primeiro coadjutor, alvoroça a imprensa da Inglaterra, mas serve somente para exaltar o herói, pois Francis, sempre desconfiado e irredutível, é o primeiro a descobrir o embuste. Contra esta história em si nada há que dizer: quase já não existe país na Europa, em que já não tenha surgido caso semelhante de falsas aparições e falsos estigmas. Está excluída, outrossim, qualquer paródia intencional de Lourdes, embora para o dr. Tulloch, que faz profissão de ateísmo radical (note-se isto!), des, embora para o dr. Tulloch, que faz profissão de ateísmo radical (note-se isto!), Charlotte, no seu leito "como anjo anêmico num saco de farinha". "será provavelmente canonizada, se conseguir escapar ao asilo." Existem, no decorrer desta história, nada

menos que quatro alusões diretas a Lourdes, porém tais, que pelo contexto vejam-se destinadas a ridicularizar o "fato" de St. Dominic. Cronin comete, entretanto, um erro gravíssimo de técnica na caracterização do herói sempre imperável, quando o faz pedir a Deus a graça da fé no "prodígio" do qual ele tem todas as razões de duvidar. E quando, depois de desmascarada a história, cura-se no "Poço de Maria" instantaneamente, um menino de suas úlceras malignas, caso desenganado pelo próprio Tulloch, o padre Francis se perturba um pouco... Com esta "cura", Cronin faz profissão grosseira de agnosticismo: põe na cabeça do herói, entre outras considerações, o disparate seguinte: "As águas do Jordão, de Lourdes (!), ou do Poço de Maria... não havia diferença nenhuma. Qualquer charco lamacento responderia, se fosse o espelho da face de Deus." O "espelho da face de Deus" é para não comprometer demais o padre. Mas sem este aposto ou com ele, "não há diferença"! "Um intenso desejo de curar, regeneração psicológica das células..."

Se Cronin põe despaupertérios na boca e na conduta de certos sacerdotes deste romance, não prova que as endossa ou manifesta más intenções. Estes desconchavos provam muito bem, talvez mesmo na intenção do autor, que não pode ser bom sacerdote o que antes não for homem perfeitamente equilibrado em seus modos de pensar e agir! Também Francis, com aquela juventude, educação de seminário e ambiente clerical em que foi obrigado a encaixar-se, resultou um tipo singular de padre, porque homem excêntrico, isto é, fora do comum independente. Não quero comparar o herói aos que rea-

A marca de PÉS DORIDOS está arruinando a sua face?



Dôres nos pés podem fazer-lhe parecer anos mais velha do que é.

Facas sulcadas pela dor, falta de disposição, nervos cansados, fadiga, mal-estar - estes são alguns dos resultados nocivos que pode causar um mal nos pés.

O Dr. Wm. M. Scholl, notável autoridade sobre males dos pés, criou um remédio, uma aplicação ou um Suporte de Arco para o alívio de cada mal-estar nos pés. Estes contribuidores para a felicidade dos pés são vendidos nas drogarias, sapatarias, perfumarias e várias outras lojas em todo o mundo. Seu custo é pequeno. Procure a marca Dr. Scholl.

CALOS - DÔRES NOS DEDOS

O ZINO - PADS DR. SCHOLL aliviam imediatamente as dores e extirpam suavemente os calos; eliminam a pressão do calçado; macios e acolchoados, impedem a formação de calos, dores nos dedos e bolhas d'agua.

CALOSIDADES

O ZINO-PADS DR. SCHOLL, em tamanhos especiais para calosidades, aliviam a dor, amaciam e suavizam a pressão sobre o ponto dolorido; desprendem rapidamente e extirpam as calosidades.

JOANETES

O ZINO - PADS DR. SCHOLL, em tamanhos apropriados para joanetes, protegem as articulações sensíveis e dilatadas; eliminam a pressão do calçado.

ARCOS DÉBEIS

O FOOT-EAZER DR. SCHOLL e exercícios apropriados, aliviam o cansaço, pés doridos, as dores na perna e pé quando devido à debilidade ou caída dos arcos.

PÉS QUENTES E CANSADOS

O BALSAMO PÉDICO DR. SCHOLL dá alívio imediato, eliminando a ardência e cansaço dos pés muito doloridos.

PÉS SENSÍVEIS

O PÓ ANTISÉPTICO DR. SCHOLL normaliza a transpiração e refresca os pés sensíveis; torna cômodo o calçado apertado.

JOANETES

O REDUZIDOR DE JOANETES DR. SCHOLL, de borracha macia, elimina a dor causada pela pressão do sapato, corrige a saliência e evita que se deforme o sapato.

Peritos do Dr. Scholl sempre à sua disposição para conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Peça exame sem compromisso de compra.

SUPORTES DE ARCO-REMÉDIOS

Lojas Dr. Scholl
PARA O CONFÔRTO DOS PÉS

RUA S. JOSE, 114 - RIO
RUA DO AROUCHE, 71 - S. PAULO

realizaram em vida grandes coisas para o reino de Deus; todos eles, porém, foram homens fora do comum. Abaixo do comum, isso é que não! E Francis realizou também alguma coisa para o reino de Deus! E embora o ambiente o repelisse, — estranha vocação: repulsa que era, ao mesmo tempo e no íntimo, atração, como no pobre "pároco de aldeia" — foi de uma franqueza absoluta em suas palavras e ações, sempre; e nunca deixou de ser respeitoso, e nunca faltou à caridade...

Diz-lhe o bispo: "Você é um gato perdido que passa silenciosamente pela nave, enquanto todo o publico boceja a ponto de deslocar os queixos, ouvindo um sermão monótono... Pois você está na Igreja, mesmo que não combine com os que obedecem a todas as regras estabelecidas... Você não tem essa presunçosa segurança que nasce mais do dogma do que da fé."

E manda-o para a China. "Mas devo adverti-lo, lhe diz. Você não terá pesca de salmão por lá!"

A Missão de Paitan, que na Europa lhe haviam pintado como brilhante e perfeitamente em ordem, é uma ruína — sem igreja, sem morada. Há apenas um curral para as primeiras missas. De cristãos... um mísero casal de catequistas, que logo abandona o padre porque este não lhe pode pagar os quinze taels. E antes de construir igreja, o padre Francis abre um dispensário, para curar primeiros os corpos daqueles miseráveis! Se nada mais houvesse no livro de Cronin senão isso, seria um grande romance!

Tendo recebido, como dívida de gratidão, um esplêndido terreno e mão-de-obra gratuita de um rico chinês a quem curara o filho desenganado, o missionário, sozinho, levanta a florescente Missão de Santo André de Paitan. E julgando que "a conversão dos adultos era um trabalho que competia aos arcanjos", dedica-se muito às crianças, e em breve temos um grande orfanato, confiado a Irmãs vindas da Europa. A Madre Veronica, de alta linhagem alemã, sumamente orgulhosa e caráter de todo independente, causa ao padre sérios desgostos. Há em Cronin a pequena obsessão de fazer o herói padecer dos meios "devotos" com que colabora. No meio das terríveis neves hibernais, a peste pneumônica assola o território vastíssimo e vitima meio milhão de vidas. O padre Francis acha-se sozinho no campo contra a morte! Madre Veronica, porém, cedo dá mostras de autêntico heroísmo conquistada pelo heroísmo silencioso do padre. No meio da epidemia que transforma Paitan num fétido necrotério, vem da Europa o dr. Tulloch ajudar ao missionário. Mais uma conquista. O médico, esgotado, pouco depois morre na Missão, assistido por Francis, — que pouco faz para "convertê-lo". Depois porém, o padre se arrepende e reconhece seu erro.

Debelada a peste, uma inundação deita por terra a igreja, — e o Procurador das Missões Estrangeiras, um fino senhor inglês, agora o conego Mealey, decepcionado, vem encontrar uma ruína. Não esconde, ao partir, o seu desapontamento com os frutos miseráveis da Missão. O irmão de Madre Verônica, já agora muito mudada, faz novo donativo para a construção do templo. O orfanato é triplicado. Missão de Santo André marcha e floresce.

A esta altura, surge em Paitan uma rica Missão Metodista. O Padre Francis não se dá por achado. Faz amizade com o dr. Fiske, pastor e médico. Se da hostilidade resultasse jamais boa coisa, o padre Francis devia ter hostilizado a Missão Metodista. Pensava certamente que em terra de missão, antes de qualquer tentativa feroz de "conversão" dos protestantes, é preciso catequizar para o conhecimento do Deus verdadeiro os pagãos. E sempre haverá bastantes... Não há nisso tolerância do erro, mas sim combate a um mal maior. O tolerante padre Francis julga que haveria, como resultado positivo da hostilidade, apenas um enorme desencanto da parte dos chineses! De resto, estou que seria ingênuo todo leitor que quisesse aceitar como métodos definitivos de catequese os que segue um missionário católico em romance escrito por um médico inglês.

Quando, na guerra européia de 1914, as três Irmãs da Missão se debatem puerilmente em competições políticas, o padre Francis fica desolado. Chegam elas a carregar no bolso, cada uma por sua parte — freiras que não deixam de ser mulheres por mal dos nossos pecados! — chegam a carregar consigo os apelos dos bispos franceses alemães, invocando cada qual a bênção de Deus para suas armas e a vitória. E o missionário considera: "Nós, a Igreja Católica Romana, — sim, a grande Igreja da Cristandade —, aprovamos esta guerra... nós a santificamos!" Mas ninguém ignora que as Igrejas Protestantes, cada uma em seu país, fizeram idênticos apelos. Mas o padre recorda também o apelo do Papa: "Abaixo as armas! Não devem matar-se uns aos outros. Não permitiremos que combatam!" Não pode ser "a grande Igreja da Cristandade" que santifica a guerra, quando alguns bispos pelo vasto mundo pedem que Deus abençoe as armas de sua pátria... Uma dessas ignorâncias, que não são de ninguém senão do romancista.

Paitan vê-se infestada pelos bandidos de Wai-chú. Na luta entre este e o general Naian, o padre Francis, num feito incrível de audácia, destrói o único canhão dos rebeldes, que estava apontado sobre a Missão. A explosão matou ainda uns trinta soldados. Mas "ali estavam... as suas crianças, sua gente, aqueles a quem ele amava e a quem havia salvo, com a quebra de seus mais caros princípios." Seguiu-se uma fome terrível, consequência das pilhagens, e começou o grande êxodo — "tão velho como a própria China". Francis, desesperado, manda as crianças e as irmãs para a velha aldeia cristã de Liu, a uma semana de viagem. Mais tarde, devido à pobreza em Paitan, manda os moços crescidos da Missão também para Liu, como colonizadores, para, "depois de os ter tirado da sargeta, não largá-los de novo."

De volta dum visita à sua missão de Liu, em companhia do doutor metodista e sua senhora, caem nas mãos dos bandidos de Wai-chú, que os torturam horrivelmente. Conseguem fugir numa canoa, o padre Francis com a perna fraturada e o doutor agonizante.

O padre Francis está imprestável. Vem substituí-lo na Missão dois jovens missionários. Francis é chamado para a Europa. Msr. Chia, o rico e influente chinês na despedida, lhe diz: "Há muitas religiões e cada uma delas tem a sua porta para o céu. Agora dir-se-ia que eu tenho um extraordinário desejo de entrar pela porta que é a sua... A bondade de uma religião julga-se melhor pela bondade de seus adeptos. Meu amigo... o sr. conquistou-me pelo exemplo... A minha decisão está tomada." Foi o último chinês que Francis batizou.

E diz-lhe o seu bispo: "Em trinta e seis anos você fez menos conversões do que o padre Lawler em cinco..." O velho e inútil Francis diz ao seu bispo: "Sim... Eu quero uma paróquia!"

E obteve a paróquia de Twedside... Lá, com um netinho de Nora, soltava papagaios e ia pescar trutas. "O bom Deus fez os peixinhos, Andrew, e mandou-nos cá para apanhá-los."

"A TOLERANCIA É A MAIOR DAS VIRTUDES. A SEGUIR, VEM A HUMILDADE."
(de um ditado de Francis a seu aluno Andrew.)

III

O que julga seu dever desaconselhar a leitura do segundo romance, preste ao menos ao leitor do Brasil o benefício de não ignorar o primeiro e de aconselhá-lo. Pois o romance do sacerdote católico está escrito!

Se quisermos arrancar aos amigos da boa leitura livros como esses, só porque contenham um punhado de verdades desagradáveis ou umas misérias comprometedoras — que restará nas livrarias? A escolha não é grande no meio da enxurrada!

Se o cristianismo dum homem culto não é bastante forte para defendê-lo contra aquilo que em certos livros se lhe possa antolhar como perigo, não são os livros o que se deve queimar então, é o cristianismo desse homem que precisa ser purificado. Queimar livros será sempre uma confissão de derrota, a reação do bruto diante do Espírito." (R. Charbonneau, em "La Nouvelle Relève," janeiro de 1942, pg. 194.)

Recomendo Cronin, com as reservas feitas. Encareço Bernanos sem reservas. Mas há isto: "As Chaves do Reino" tem quase tudo de um romance de aventuras, a leveza, o encanto, a facilidade de compreensão e os exageros. O "Diário de um Pároco de Aldeia" nada disso tem; não é um romance; não há "sensação"; não há acontecimentos exteriores; tudo é apenas moldura dos acontecimentos interiores, que se sucedem numa intensidade e numa fulminação tais, que impossível será perceber qualquer coisa de sua verdadeira significação sem uma leitura repetida. Para a maioria dos nossos leitores, repito, nada será!

Ambos os livros têm de comum somente o tipo central escolhido da mesma classe social, o *homo sacer*, o homem sagrado, o sacerdote católico. Estes dois sacerdotes, por seu turno, têm de comum "apenas" duas coisas.

Eles são insignificantes

"Trato-o de pobre diabo... mas gosto de você. Tome a palavra como quiser: é uma grande palavra. Para mim, Deus o chamou, não há a menor dúvida. Fisicamente, tomá-lo-iam por um fradeço: não importa! Se você não tem ombros largos, tem coração; pode servir na infantaria... Você não foi feito para a guerra de desgaste. Marche firme, e prepare-se para acabar um dia, tranquilamente, na trincheira, sem ler arreado a mochila." (o vigário de Torcy ao pároco.)

E eles não são medíocres.

"Pagamos caro, muito caro, a sobrehumana dignidade de uma vocação. O ridículo anda sempre tão próximo do sublime! E o mundo, tão indulgente, de ordinário, para com os ridículos alheios, odeia, por instinto, o nosso. A imbecilidade feminina já é muito irritante; a imbecilidade clerical é o mais ainda; e até parece um misterioso rebento da primeira... A aversão de tantos infelizes, a sua profunda antipatia para com os padres não se explicam, somente, como gostariam de nos fazer acreditar, pela revolta mais ou menos consciente dos apetites contra a Lei e contra os que a incarnam... Que adianta negar? Para experimentar um sentimento de repulsa ante a fealdade, não é preciso ler idéias muito clara do Belo. O padre medíocre é asqueroso." (Nota no diário do "pároco de aldeia")

Não está nessa insignificância e nessa grandeza toda a excelssitude do Sacerdócio Católico?

(Do GUIA SERRANO)

Mercedes Bogari

(Continuação da pagina 19)

Maria amou o dentista, porque este se apiedou dela.

Sentou-se na borda da cama, escarlate, sentindo labaredas no rosto. O doutor João tomou-lhe uma das mãos e continuou, muito baixo, com uma doce inflexão na voz:

— Si tu quizesse, Maria... Si tu quizesse... eu sou solteiro e amo-te muito para te ver nesta vida desgraçada... Podemos ser muito felizes no Rio... Porque, afinal, não mereces este fado... Serás minha mulher... vem...

Maria tinha tremuras nas pernas e o colo arfava como si houvesse dado uma grande carreira. Lágrimas de felicidade alijavam-lhe as faces...

Januária três dias depois encheu-se da novidade: fugira para o Rio, em companhia do doutor João, a Maria Guilhermina, criada do hotel dos viajantes.

Nas vidas mais desgraçadas houve sempre momentos de felicidade. Maria também os teve.

Instalada numa pensão da rua Riachuelo, viveu um mês e meio ao lado de seu João, a quem se entregara de corpo e alma, num devotamento e confiança de quem tem o coração virgem e ama pela primeira vez, desesperadamente.

Uma manhã, sem nenhuma disputa, sem a menor troca de palavras, o amigo, como de costume, saiu. Passou-se o primeiro dia... o segundo... o terceiro... No quarto, com a cabeça em lume e o coração alanceado, Maria desceu as escadas para ir procurá-lo nas ruas, em todos os lugares, em todos os lugares, fosse onde fosse. A dona da casa, porém, mulher de idade, gorda e côr de cera, embargou-lhe os passos ousados.

— Estás louca, rapariga? Que tens-lhas fazer? Pensas então que o Rio é Januária, e que hás de encontrar o doutor João ali na esquina? Vai, sobe para o teu quarto e cúlta de te arranjaras para "tratar da vida"... Anda, que já tens três dias de atraso na casa...

As palavras daquela mulher ouviram Maria Guilhermina num estado de atordoamento, acompanhado de zumbidos e escurecimento da vista. Amparou-se no corrimão e foi vagarosamente caindo como esvalda em sangue: dobrou os joelhos e bateu com a face no soalho sujo.

Não, não podia ser, aquela vida não podia continuar daquele jeito. Era horrível!

Quando recebia alguém, todo o seu corpo tremia num abalo forte. Esfriavam os pés e as mãos, o rosto ardia e o coração entrava num galope aflitivo, de doer. Parecia que ia cair muito doente. E as vezes, até, disparava num choro espasmódico, que lhe valia injúrias infamantes.

Como havia de ser, santo Deus?! Um dia, uma companheira de casa sugeriu-lhe a idéia.

— Por que não te empregas como corista? Não é má coisa. Dá p'ra diária, e a gente vive mais desatogada, sem precisar descer tanto ao trottoir. És bonitinha e tens um corpo bem feito. Poderás até chegar a ser uma grande artista. Quem sabe?! O futuro a Deus pertence. De mim sei que não estou arrependida, e já lá vão dois anos que estou no palco. Se queres, falaremos com o diretor.

— Quero, sim, respondeu Guilhermina quasi alegremente.

Logo que entrou para a nova vida, passou a se chamar Mercedes Bogari. Disse-lhe o amante, moço também do palco, de cabeleira

(Continua na pag. 42)

MATRIZ: SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 103 loja - 107 s/ loja - 1.º e 2.º and.

Caixa Postal, 178-B e 2999

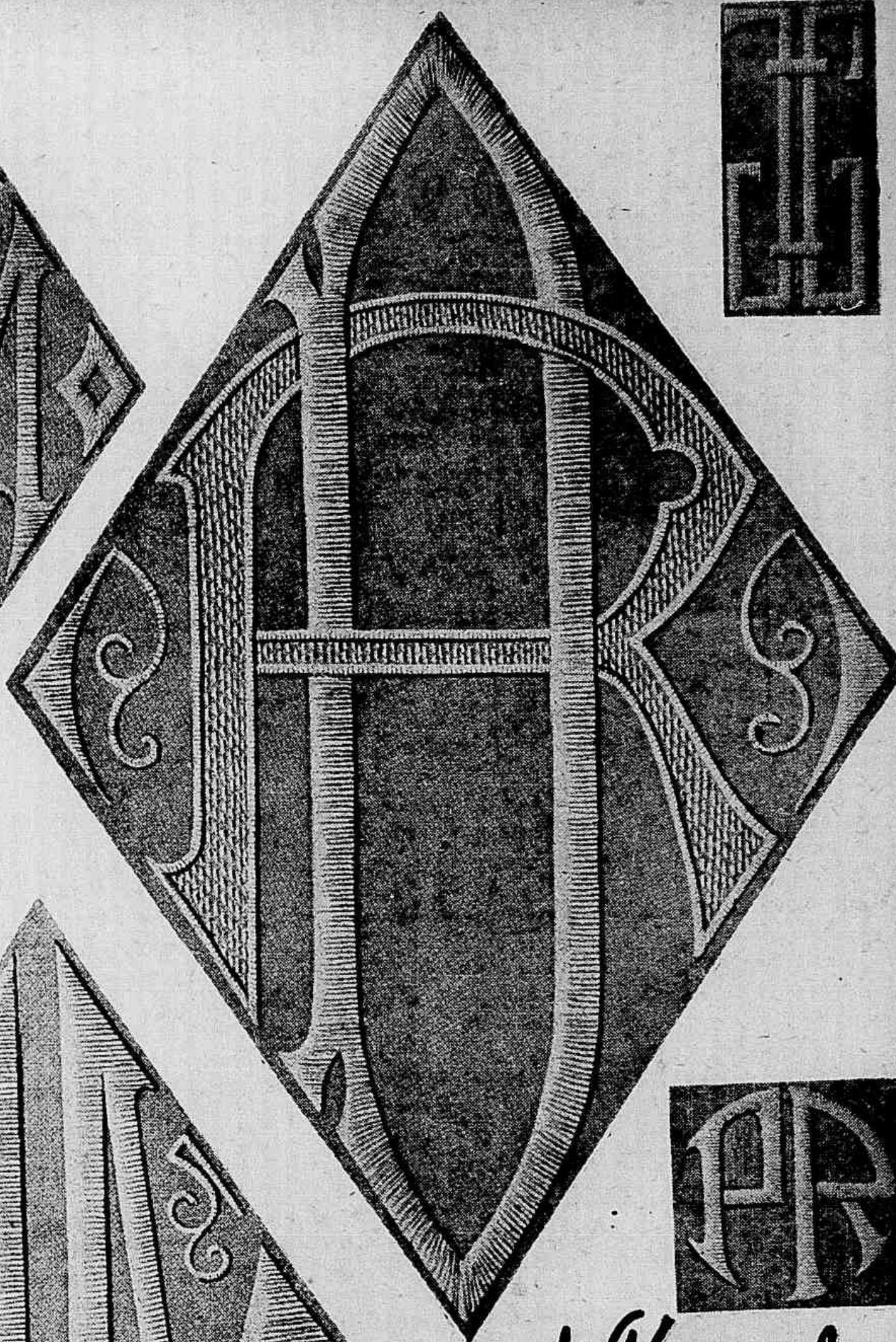
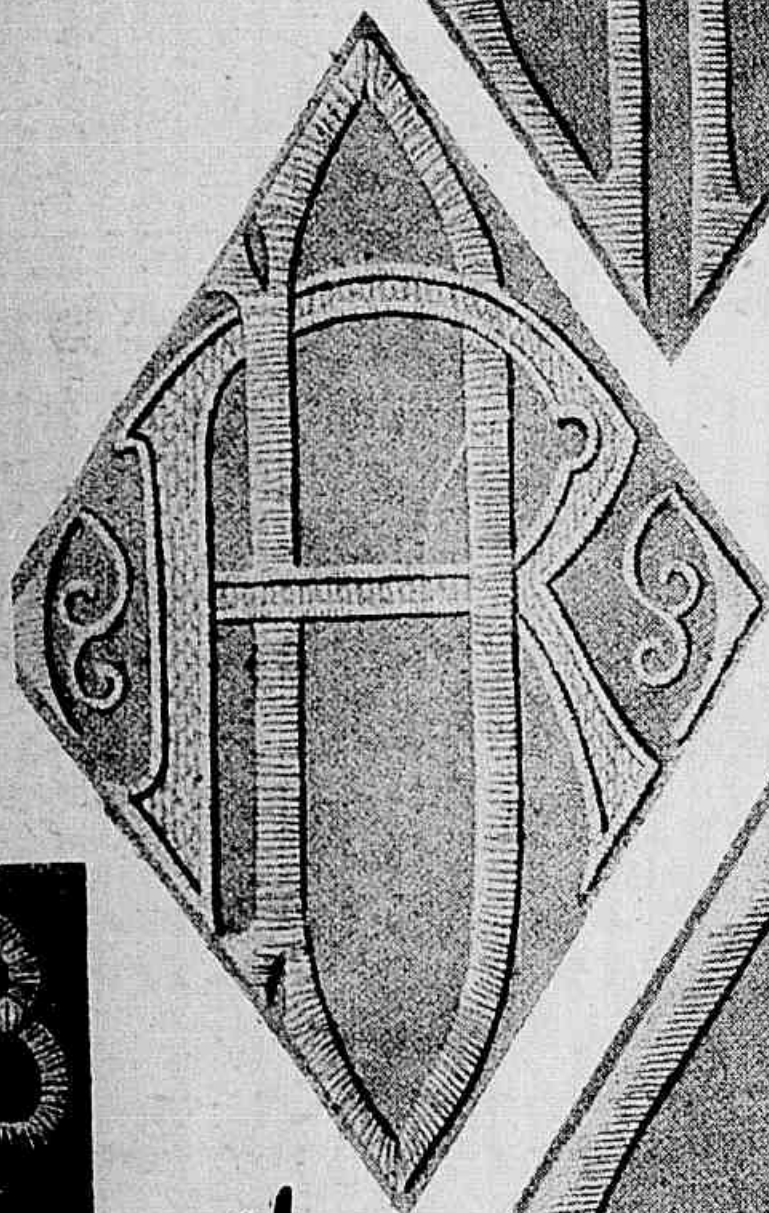
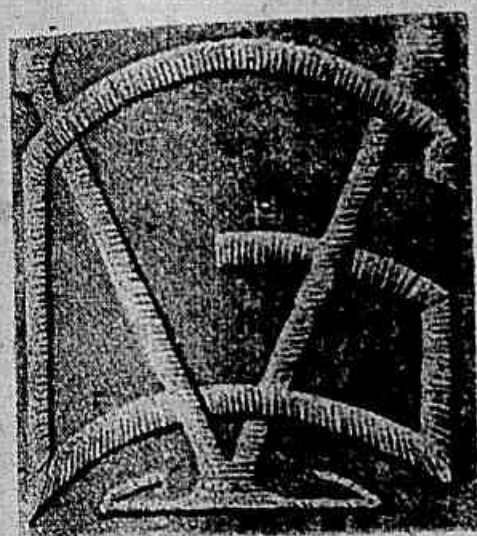
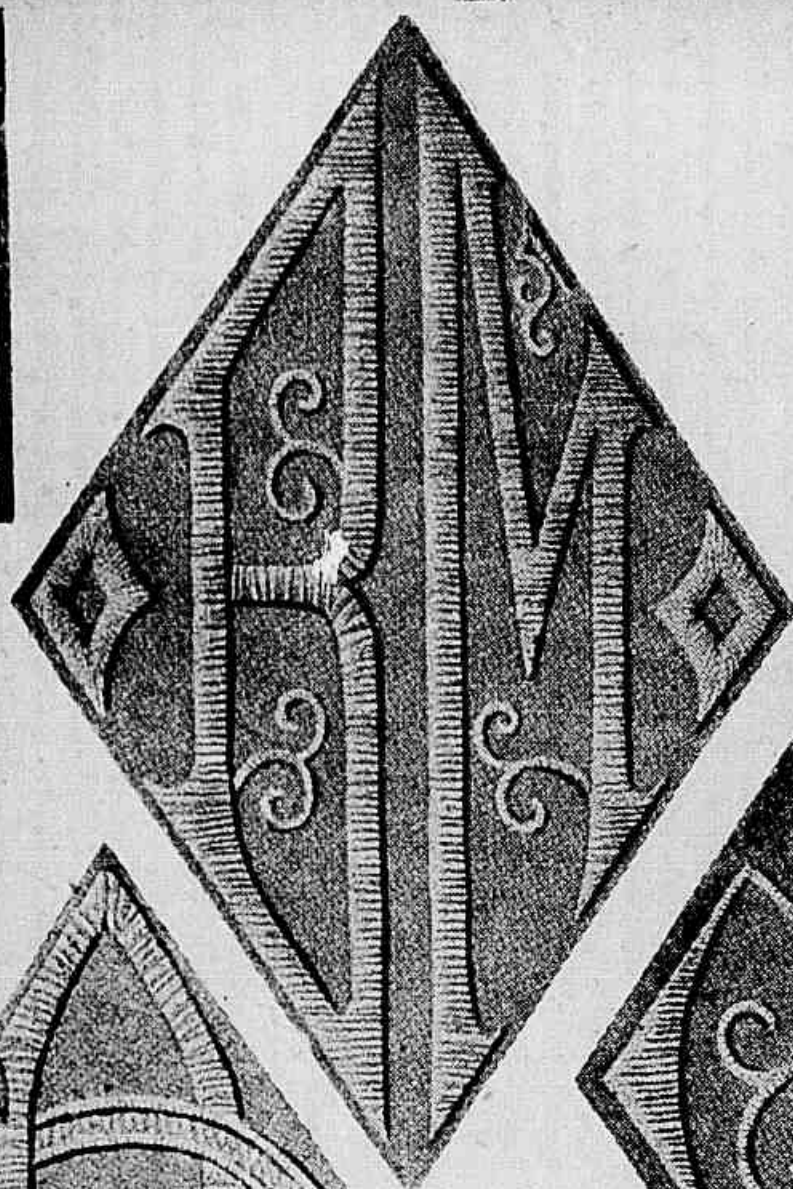
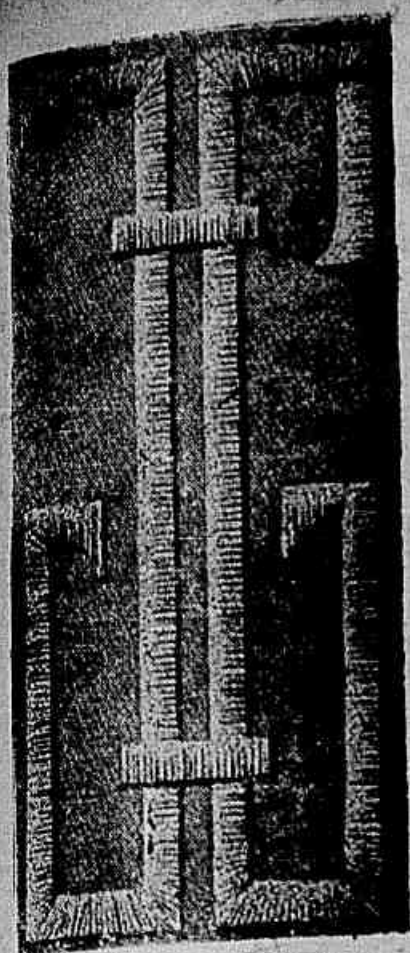
fone 2-4550
Tele grama "CONSTRUTORA"

**EMPRESA
CONSTRUTORA
UNIVERSAL**

A maior organização predial do Brasil

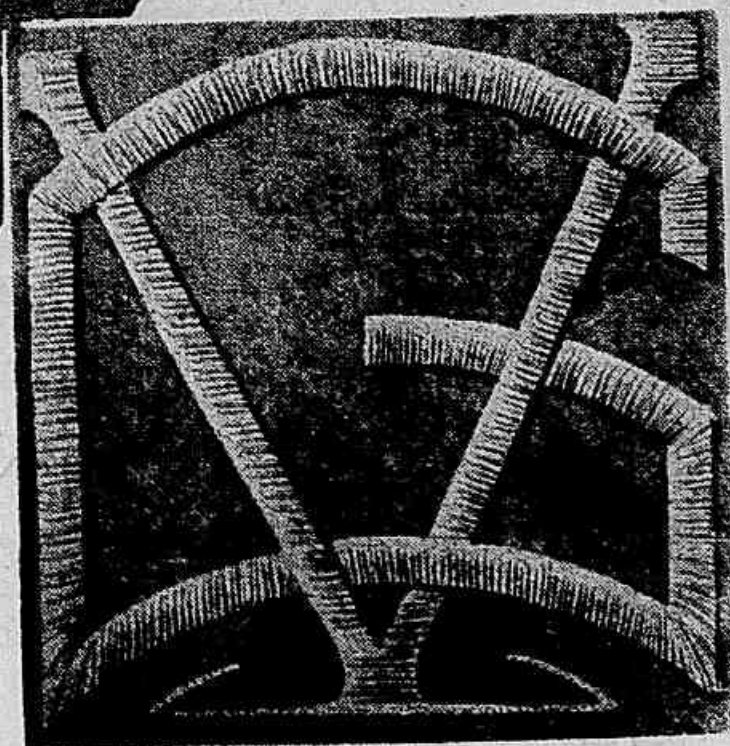
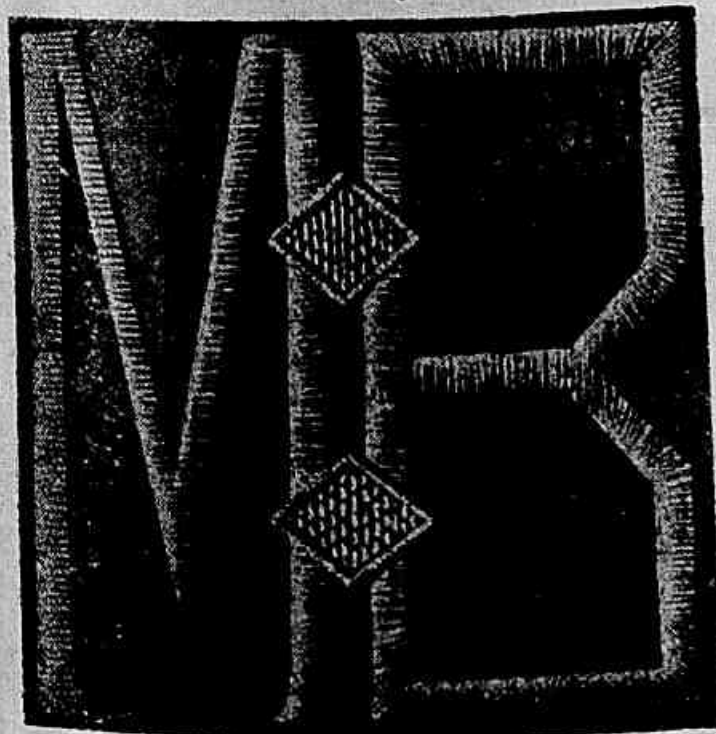
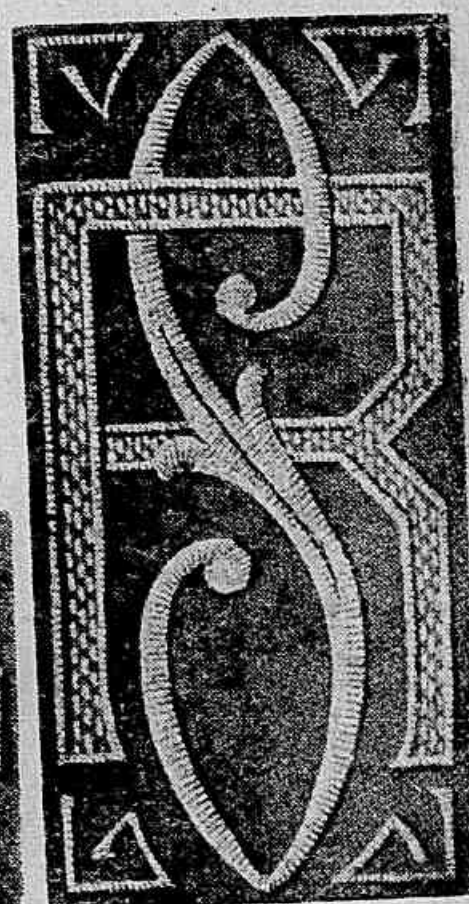
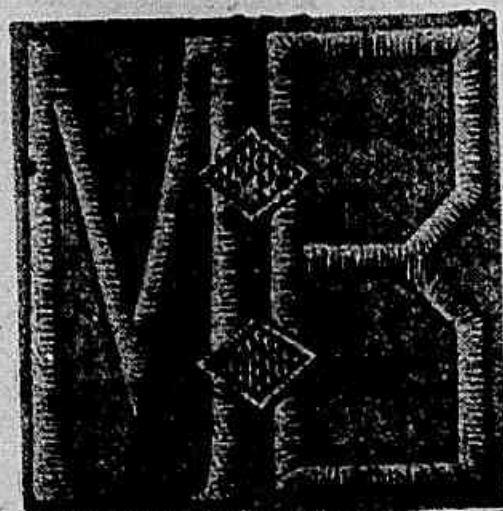
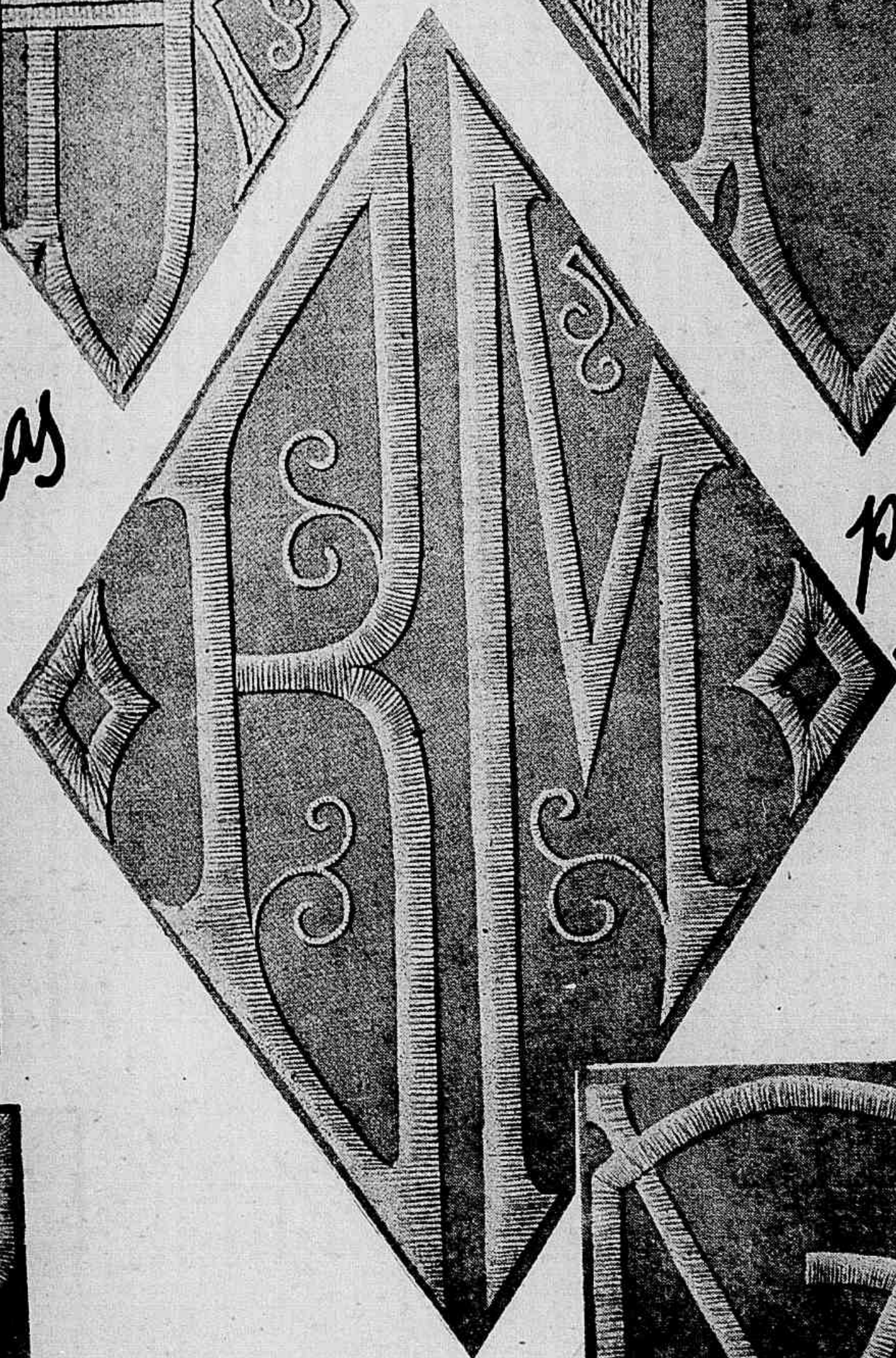
Inspetorias em todos os Estados do Brasil.

Agências em todas as cidades do Brasil.



Monogramas

para noivas



ROUGE LIQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Mercedes Bogari

(Conclusão da pagina 40)

e olhos langorosos, que aquele nome lhe ficava melhor, condizia mais com o seu aroso tipo de francesa. As companheiras aplaudiram. Não protestou. Aceitou a substituição passivamente, indiferente. De nada valeria uma troca de nomes. Si fosse, ao menos, uma troca de vida... Mas qual, era sina, tinha que obedecer.

Ela sabia que se deixasse o palco, aqueles míseros mil réis ganhos sem deshonra, era peor, muito peor...

Preferiu então ficar. A experiência fez com que ela ficasse.

E vieram os anos e foram-se os anos. Trabalhou em todos os teatros de segunda ordem do Rio e de São Paulo, percorrendo, em "tournées", as capitais do Sul e do Norte.

Em certa ocasião conheceu, em Niterói, um negro americano, cantor excêntrico, o Walter Wilps. Tinha nessa época os seus quarenta anos, e conservava ainda o fulgor dos olhos, a serenidade das feições, a esbelteza do corpo.

O negro cantor, sem ela saber como explicar, algemou-a à sua vontade. Formaram o "duo" e deram de peregrinar pelo interior dos Estados. No fim de poucos meses, em Juiz de Fora, o amante desapareceu, levando as economias e a melhor parte do guarda-roupa. Para voltar ao Rio foi preciso ligar-se a um "cometa". Começou de novo o seu antigo viver.

Anos depois, surgiu-lhe pela frente, uma noite, na praça Tiradentes, a figura máscula do negro artista. Como reagir? A ele foi arrastada pelo misterioso magnetismo.

Recomeçaram a peregrinação.

No interior baiano, em Feira de Santana, numa noite de espetáculos, o companheiro foi prostrado a tiros de revólver. Agonizou e morreu-lhe nos braços, em vascas horríveis e reversando golfos de sangue, que lhe enodaram o vestido. A causa do conflito tinha sido ela.

Saiu a dever no hotel, continuando sozinha o seu caminho.

Agora, para matar a fome, era preciso cantar e sapatear, fosse o que fosse. Decorou cantigas chulas, réles e imorais, que faziam vibrar de entusiasmo as platéias supostas inocentes das aldeias.

E foi assim, boiando no mar da vida como o destroço de um naufrágio, que foi ter àquela praia deserta, em Lagarto. Ela própria não sabia dizer como e porque se achava ali. Tinha a impressão de que se deixava levar por mão invisível para lugar ignorado.

Estava muito feia; engordara demais, os cabelos precisavam constantemente de tinta, gelhas enormes e cavadas vincavam-lhe as feições adiposas e flácidas; os dentes estavam em péssimo estado. Era com dificuldade que pulava no palco, vestida num saio vermelho, que lhe punha à mostra as pernas repelentemente grossas, parecendo edematosas.

Chegou a noite da estréia.

O Juca Barreto não prometera em vão. Com o seu auxílio e ajuda, convidando este, insistindo com aquele, conseguira uma boa casa. Grande parte da cidade ali estava enfileirada em cadeiras de vários feitios, trazidas pelos próprios espectadores. Quem não conversava olhava o pano de boca, onde um vaqueiro, montando cavalo folião, perseguia em doida carreira um touro bravo. Cinco candelas alimentadas a querosene alumbravam parcamente o recinto. Os músicos colocados à frente afinavam os instrumentos, distribuindo entre si as partes musicais. Na porta principal o Juca recebia os bilhetes dos que entravam, cumprimentando um e outro e fazendo elogios à artista. Garotos e desocupados faziam bulha do lado de fora, em torno do taboleiro de doces da velha Mariana, pontual ali nas noites de espetáculo.

Mercedes, no seu camarim, um quarto nú e de paredes sujas, sentada diante de uma mesinha onde havia um espelho quebrado, um pente, um lapis de carmim e um vaso de pó de arroz, estava numa grande prostração. Nunca sentira tão profunda a necessidade de abandonar aquela vida. Não, era preciso acabar. Já não podia mais. Se a matassem, naquela hora, perdoaria a morte... Estava decidida a ser criada, a trabalhar em qualquer coisa, a padecer fome, mas viver daquele jeito era que não... A cabeça pesava, as pálpebras queriam cair, sonolentas. Olhou em torno. Tudo aquilo seria um pesadelo? Como era possível, oh santo Deus?! Estranhava de se achar ali, prestes a subir para o palco e cantar tolices obscenas. Fechou os olhos, tonta, na iminência de uma síncope. Entrou nestes instantes o Juca, de maleta em punho, apressado e solícito, a dar contas do que havia feito. Apresentou-lhe a renda: oitenta e oito mil réis. Ótimo! Uma boa enchente! Agora era preciso começar, a música estava pronta, não faltava mais nada, o Coelhozinho já se achava no posto para levantar e abaixar o pano. Pegou de um torno de madeira e bateu fortemente no soalho, dando o primeiro sinal. A platéia alegrou-se e a banda atacou um dobrado.

A música ruidosa sacudiu intensamente os nervos de Mercedes, produzindo-lhe uma emoção terrível de angústia, contrangimento e desespero. Lágrimas começaram a descer, lavando-lhe o rosto da grossa camada de pó de arroz.

Ao levantar-se tombou para um lado, sendo amparada pelos braços zelosos do Barreto, que se vexou com o seu estado. Não, não era nada, queria ficar só para mudar de roupa.

Depois do terceiro sinal surgiu no tablado, de colo e braços nus, bamboando os quadris volumosos, num descompassado tango, o — "Me Deixe"!

O acompanhamento estrondoso não permitia que se ouvisse a cantora, que suave e dilatava as veias do pescoço, num esforço descomunal.

Logrou muitos aplausos.

Voltou aos cambaleios para o quartinho. As pernas tremiam-lhe, uma grande opressão subia-lhe do coração, vindo apertar-lhe a garganta, com uma cinta de metal incandescente. O suor empapava-lhe os cabelos e as fronte latejantes e escorria pelas faces, caindo-lhe no colo em grandes pingos brancos.

Sentia-se desfalecer. Mas era preciso continuar a execução do programa; faltava ainda muita coisa.

O Barreto entrou, ufano e jubiloso, falando da boa impressão causada, do agrado geral. Reentrou em cena cantando o "Pica-Pau, marinheiro!" Velu em seguida a "Cabocla de Caxangá" e por último o "Vatapá Baiano", que causou um enorme sucesso. Foi

cantado por três vezes. Quando a cantora lançava certa quadra picante, ouvia-se a platéia estrugir num bater de pés e de mãos, em gritos e assobios. Era um delírio.

Desceu o pano pela última vez. Mercedes, num esforço sobrehumano, conseguira chegar até o fim. Ao descer, esfalfada, a escadinha que ia ter ao quarto, as pernas se embaralharam, e ela rolou como um fardo pesado e fôfo sobre os tijolos vermelhos.

O Juca foi quem a levantou do chão e limpou-lhe o sangue, que escorria do lábio contundido. Sorriu-lhe agradecida, amando aquele coração que se amiserara dela. E Mercedes Bogari dividiu, naquele instante, no fundo da alma do Barreto, a misericórdia do homem bom que havia de ampará-la e amá-la ternamente. Creu a desgraçada mais uma vez na salvação, ela que conhecia tanto a maldade do mundo...

Catou os objetos da "toilette", colocou-os na maleta, vestiu o velho "manteau" e saiu com o amigo num passo vagaroso e tardo.

As ruas estavam desertas. Todos já se haviam recolhido. Os últimos sons do dobrado que a banda saíra tocando morriam nas asas dos ventos adormecidos. Os prédios, velhos e atarracados, repousavam alinhados. Um cão ladrava ao longe. Estrelas perfulgiam na serenidade de um céu de veludo fosco. Chegaram ao hotel.

Quando se avizinhava do seu quarto, Mercedes reparou que no olhar anoiado do Barreto se acendera a chama, negra e crestante, que ela, havia uns quarenta anos, costumava ver nos olhos dos homens... Agitou-a, penetrando-lhe no mais escondido recanto do seu ser de mulher, um estremecimento feito de todas as vergonhas e de todas as misérias.

Entrou rápida no quarto e, fechando-se por dentro, caiu na cama, entalada de soluços. Queria morrer, morrer somente...

Liga de Temperança

(Continuação da pagina 31)

Desde, porém, que o mundo é mundo, já se formou alguma diretoria, sem as respectivas "saudes" a cada um dos membros eleitos? O vice-presidente, na qualidade de dono do armazem, compreendeu bem o seu dever no momento. Chamou o empregado e disse-lhe ao ouvido:

— Dez litros do velho. Já!

Trouxeram o vinho.

Seria realmente vinho aquele velho Soukindol, transparente como o cristal e que cantava na alma como uma música celestial? Multiplicaram-se os brindes:

— Ao nosso presidente! Viva!

— Hurrah! Hurrah!

— À saúde do vice-presidente!

— Obrigado, amigos. Viva Sua Alteza Real e o nosso respeitável governo!

— Três vezes hurrah!

— Abaixo a bebedice e todos os bêbedos!

— Apoiado! Fora os bêbedos. Fora!

Tio Canu, com o copo à altura dos olhos, aderiu, aprovava, presidia. Tanass Dotaholou e tio Taky com toda a seriedade o secundavam. E os brindes continuavam...

Era já noite e bem noite, quando, ao passarmos pela rua Tchista Rabota, eu e um amigo, ouvimos um rumor que vinha daquele armazem e que grandemente nos provocou a curiosidade. Entramos em pontas de pés, fomos até junto do escritório e espreitamos. Tio Taky, com os braços cruzados no ventre, resfolegava fortemente pelo nariz, meneando a cabeça e com os olhos semi-cerrados. Um sujeito alto e magro, de óculos azuis, virava-se para todos os lados, clamando como para um auditório imenso:

— Por isso é que eu sou contra as máquinas! Para mim, trabalho é no braço. Quero lá saber de histórias! Digam o que disserem, voto contra as máquinas!

Tio Canu dava murros na mesa:

— Comigo, não. Hei de lhes mostrar quem é aqui o presidente, quem é Canu do Balkan!

Ao que Danko Harsazina, excitado por aquela eloquência autoritária, respondia:

— Seu presidente! E' só dizer e ponho lá fora qualquer um ou todos eles, a pontapé!

O meu companheiro dirigiu-se ao empregado do armazem:

— Escute, amigo, que gente é essa, aí dentro?

E o rapaz, ao mesmo tempo com ênfase e respeitosamente:

— E' a Liga de Temperança!

No Sólido do Rio de Janeiro

(Continuação da página 14)

Segundo correu, era o arcebispo Esberard amigo de pássaros, e os mantinha no palácio da Concelção. Por ocasião de sua morte, em Janeiro de 1897, circulou uma notícia, anedota ou não, de ter sido deixado aberto por descuido o viveiro do palácio, dele se escapando todos os alados habitantes. Só um ficou, disseram, e justamente foi um cardeal de plumagem.

A notícia reapareceu quando o sucessor de D. João Esberard, o arcebispo D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, foi creado cardeal em 1905.

O Rio de Janeiro ainda conservou bem a figura dignitosa do cardeal Arcoverde. Teve dois bispos auxiliares, D. Joaquim Silverio de Souza, bispo de Diamantina, que voltou à diocese por motivo de saúde, e D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, arcebispo de Olinda e Recife como o fôra D. João Esberard.

Sucessor do cardeal Arcoverde no arcebispado do Rio e no cardinalato, D. Sebastião Leme há pouco se foi dos vivos como quem lhes merecia, a exemplo do antecessor. Propagador da Eucaristia, desejou ser sepultado no templo da Adoração Perpétua, a igreja de Santana, jacente o cardeal Arcoverde na Catedral. Aí se encontram os restos mortais de D. João Esberard e de bispos do Rio de Janeiro, exumados da capela de montuoso palácio da Concelção.

Preenche agora o sólido do Rio de Janeiro o catarinense D. Jaime de Barros Camara, sucessivamente bispo de Mossoró e arcebispo do Pará. Terá não só de gular e resguardar os interesses da Igreja, entre perdão e paciência no surgir de obstáculos, como de estudar psicologicamente a cidade da qual passa a ser uma grande figura observada por uma população.

Escaquille Doria

Brianças



Aquilêa, filhinha do Sr. Clovis Dorneles, residente em Encruzilhada, Estado do Rio Grande do Sul.



Ana Rita, cujo primeiro aniversário natalício transcorreu a 27 de Julho último. É filha do Dr. A. Afonso de Albuquerque e de D. Eunice Paes Barreto A. de Albuquerque e primeira neta do casal Eugénio Paes Barreto - d. Emerita Paes Barreto.



Serge, filhinho do casal Suzy-Paulo Torres de Carvalho Filho.



Luiz Fernando, filho do casal Mary-Renato Martins.



Liane Beatriz, filhinha do tenente Glaucio Carvalho e de sua esposa D. Maria Aparecida Carvalho e neta do Sr. Benedito Carvalho e de D. Joana Carvalho.



Zena e Zipora, filhos do Sr. Manoel Vitalino da Silva e de D. Madalena Oliveira da Silva.



Festejou o seu aniversário natalício no dia 14 de agosto último a menina Helena Soares, filha do nosso companheiro de imprensa Sr. Soares Junior.



Marly, filhinha do casal Oswaldo Luz - D. Yvete Luz.



Norma, filha do Sr. Roque Saveli e de sua esposa D. Guiomar Saveli.



Afonso Celso, filho do Sr. Celso Pinto, residente em Quissamã, no Estado do Rio.



Mauro, filho do Sr. José Costa Vaz de Melo, jornalista em Viçosa, Minas Gerais.

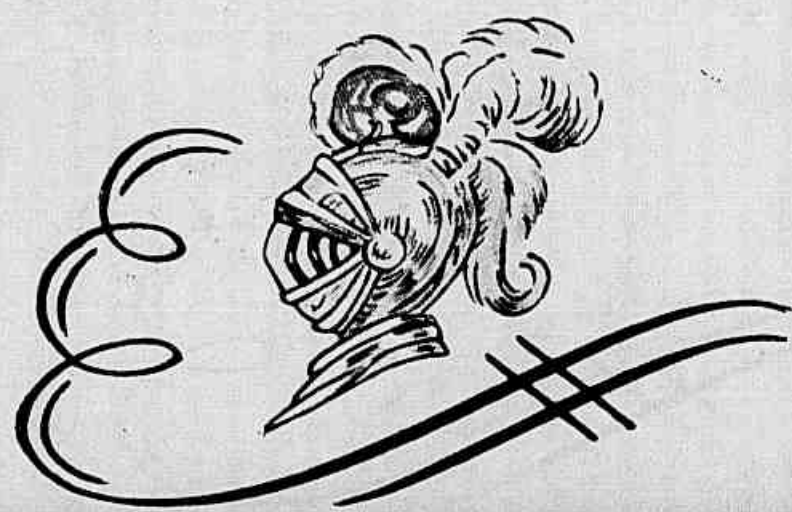
NÃO SE ILUDA COM SEUS DENTES
— você póde ter **MAU HÁLITO!**

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

Dentes lindos e perfeitos não impedem a fermentação dos resíduos alimentares nos seus interstícios — uma das principais causas do mau hálito. Elimine esse mal com o uso diário de Odorans, em bochechos e gargarejos. Odorans não é um simples dentífrico: é um produto medicinal, cuja ação antisséptica evita a fermentação!





ELMO



PARA UM BOM FUMANTE...
UM BOM CIGARRO.

Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ



Record